

# Tocou-me

*Uma história de milagres e poder*



# Benny Hinn

Bompastor

*E-book digitalizado por: Levita Digital  
Com exclusividade para:*



<http://ebooksgospel.blogspot.com/>



# TOCOU-ME

Uma história de milagres e poder

**Benny Hinn**

# **TOCOU-ME**

BENNY HINN

Publicado por Bompastor Editora Ltda.  
Av. Liberdade, 902  
Liberdade - São Paulo - SP  
01502-001 - Brasil  
Fone: (11) 3346-2000 Fax: (11) 3346-2027  
[www.bompastor.com.br](http://www.bompastor.com.br)  
e-mail: [editora@bompastor.com.br](mailto:editora@bompastor.com.br)

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes Capa: R. Martins  
Diagramação: Mareia Fernandes

Publicado originalmente em inglês com o título: He Touched Me  
Thomas Nelson Publishers  
Nashville, Tennessee

As citações bíblicas são da BEC - Bíblia de Estudo em Cores,  
Versão Revisada, exceto quando especificada outra versão.

Produto: 95536

*Impresso no Brasil*

# SUMÁRIO

Sumário

Sobre a Obra

Dedicatória

1. Nuvens de guerra sobre Jaffa
2. Um garoto chamado Toufik
3. Fogo do alto
4. O tumulto
5. Do quiosque às catacumbas
6. Isso terá fim
7. "Ele é tudo o que tenho!"
8. "Posso te conhecera"
9. Eu seria deixado para trás
10. Shekinah!
11. Duas horas da manhã
12. Uma jornada de milagres
13. "Ela vai ser sua esposa!"
14. Um dia de coroação
15. O acidente
16. Uma ordem do céu
17. Potes de geléia e Bíblias
18. A experiência da cruzada
19. A maior dádiva
20. Uma milagrosa profecia se cumpriu
21. Um toque que transforma

## SOBRE A OBRA

Em junho de 1967, enquanto as nuvens de guerra pairavam sobre Israel, a família de Costandi e Clemence Hinn - incluindo o filho de 14 anos, Benny - se amontoava em sua casa na histórica cidade de Jaffa, esperando a explosão das bombas. A Guerra dos Seis Dias foi emocionalmente devastadora para esta família cristã ortodoxa grega de língua árabe, que vivia em um estado judeu. Quando a poeira finalmente baixou, Costandi tomou uma decisão que mudou para sempre o futuro da família Hinn. Essa decisão desencadeou uma série de eventos que culminaria com o filho Benny se transformando em uma figura carismática no cenário mundial.

Aqui, em suas palavras, Benny Hinn compartilha histórias nunca antes contadas, de um garoto tímido e introvertido, que era evitado por seus colegas de escola. Informações confidenciais, provenientes do diário que ele guardou durante os dias de seu encontro com o Espírito Santo que transformou sua vida. O milagre que aconteceu quando ele embarcou em uma aventura de dois meses pela Europa - deixando a família pela primeira vez. O grande acontecimento que o levou aos palcos do mundo. Histórias verdadeiras que ocorreram nos bastidores das cruzadas internacionais, nos programas de televisão e entre os membros da equipe. Seu confronto com críticos e a mídia do país. A incrível experiência de voltar para o Oriente Médio a convite pessoal do governo da Jordânia para realizar uma cruzada de milagres no Palácio da Cultura, em Amã.

*Tocou-me* é muito mais do que a extraordinária saga de um jovem que entregou totalmente a sua vida ao Espírito de Deus. Você também será tocado - e muito inspirado - à medida que assimilar as valiosas lições que Benny Hinn aprendeu durante seus primeiros vinte e cinco anos de ministério.

*Este livro é dedicado ao meu maravilhoso Senhor e Mestre, Jesus, o Santo Filho de Deus, que tem feito grandes coisas.*

*A Ele pertence toda a glória, agora e para sempre. Eu gostaria de lhe agradecer por meu querido pai, Costandi Hinn, e mãe, Clemence, a quem amo de todo o meu coração.*

## CAPÍTULO 1

# NUVENS DE GUERRA SOBRE JAFFA

"Benny, preciso de sua ajuda", disse meu querido, porém austero pai, Costandi, passando-me uma pá. Havia um tom tenso e apreensivo em sua voz.

Este não era um pedido sem valor de um pai para o filho de 14 anos. Era uma ordem - e eu sabia exatamente por que ele precisava de minha ajuda.

Imediatamente, começamos a cavar uma trincheira funda no jardim de nossa casa na 58 Ibn Rashad, em Jaffa, Israel - a histórica cidade portuária na extremidade sul da moderna cidade de Tel Aviv. "Realmente espero que isto não seja necessário", lamentou meu pai, "mas é melhor estarmos preparados. Quem sabe o que acontecerá? Quem sabe?"

Depois de trabalharmos duro por várias horas debaixo do sol quente do Oriente Médio, a trincheira ficou funda o suficiente. Ela poderia servir de refúgio para toda a família Hinn - além de acomodar alguns vizinhos que precisassem de abrigo. No início daquela mesma semana, no Colégio de Freiras, a escola católica francesa que eu freqüentava, houve um ataque aéreo e nós fomos colocados em um abrigo subterrâneo.

Dentro de nossa casa, minha mãe, Clemente, e minha irmã mais velha, Rose, faziam estoque de comida e de garrafas de água. Elas davam as instruções de última hora aos meus irmãos e irmã mais novos. Para cima e para baixo da rua, as pessoas pintavam os faróis dos carros de preto - e cobriam as janelas de suas casas.

Era a primeira semana de junho de 1967. Noite após noite, nossa família ouvia atentamente a Rádio do Cairo em nossa língua árabe nativa e, por isso, sabíamos que a guerra era iminente. Alguns dias antes, Nasser, o presidente do Egito, havia anunciado que todo o exército egípcio estaria em alerta geral. Em uma passeata bem divulgada, ele mobilizou grandes números de tropas pelas ruas do Cairo a caminho do Sinai. Em alguns quartéis, esta seria a batalha que acabaria com todas as batalhas - ameaçando, de uma vez por todas, esmagar o estado de Israel, que estava com 19 anos, o lançando ao mar.

Nasser estava no auge da popularidade e, ao que parecia, a histeria havia dominado todo o mundo árabe. Jordânia, Síria e Líbano aliaram-se para este confronto histórico, além de contingentes da Arábia Saudita, do Kuwait, do Iraque e da Argélia terem se comprometido a se juntar à briga.

Em Jaffa, as pessoas estavam apavoradas. Israel estava cercado por duzentas e cinquenta mil tropas árabes - incluindo cem mil soldados egípcios no Sinai. Havia dois mil tanques e mais de setecentos bombardeiros e aviões de combate - um número muito maior que as



forças de Israel.

"Por quê?", eu perguntava repetidas vezes. "Por que isto está acontecendo? Por que as pessoas querem lutar?" Eu não entendia.

O ódio e a amargura emocional que, de súbito, vieram à tona em nossa comunidade deixavam-me chocado. Até este momento eu não sabia da animosidade inveterada que existia entre árabes e judeus.

Em nossa casa, as coisas eram diferentes. Sim, nós nos considerávamos palestinos, apesar de nossa casa estar sempre aberta para pessoas de todas as partes. Meu pai trabalhava para o governo de Israel, e nós éramos estimados por nossos amigos próximos que eram muçulmanos, judeus e cristãos. Religiosamente, éramos gregos ortodoxos, mas eu freqüentava uma escola dirigida por freiras católicas.

Agora, com as iminentes nuvens de guerra, estávamos sentindo uma pressão que nos obrigava a tomar partido - e eu não gostava disso. "Oh, se pudéssemos sair deste lugar", eu dizia para meus pais. "Qualquer lugar seria melhor do que este!"

## EGÍPCIOS, ROMANOS E TURCOS

Jaffa era a única pátria que eu conhecia. Na década de 60, era formada por uma tumultuada comunidade, em sua maioria de árabes, junto ao mar Mediterrâneo, com uma grande, porém conturbada história. Todos os dias eu passava pela Yefet Street a caminho da escola. *Yefet* é o termo em hebraico para Jafé - o terceiro filho de Noé - a quem foi atribuída a edificação da cidade após o Dilúvio.

Meus irmãos e eu muitas vezes brincamos nas docas onde Jonas embarcou para Társis no navio fadado ao fracasso. A apenas alguns metros de distância fica a casa de Simão, o curtidor, onde Pedro ficou quando o Senhor lhe instruiu para pregar aos gentios.

Joje (Jaffa) era uma cidade cananéia que fazia parte das listas de impostos do faraó Tutmosis no século 15 a.C, mesmo antes de Josué pelejar na Batalha de Jerico. E foi ali que o rei fenício, Hirão de Tiro, descarregou troncos de cedro para o templo do rei Salomão.

Os ventos de guerra não foram bons para com o lugar onde nasci. Jaffa foi invadida, capturada, destruída e reconstruída várias vezes. Simão Vespasiano, os Mamluks, Napoleão e Allenby a reivindicaram. Este porto estratégico foi controlado por fenícios, egípcios, filisteus, romanos, árabes, muçulmanos e turcos. Os ingleses assumiram o controle, em 1922, até ela se tornar parte do novo estado de Israel, em 1948.

Jaffa era - e ainda é - uma mistura racial. Dê uma volta pelo marco da cidade, a Torre do Relógio, construída pelos otomanos em 1901, e você ouvirá conversas entre os nativos em francês, búlgaro, árabe, hebraico e outras línguas.

Durante minha infância, as centenas de milhares de pessoas de Jaffa foram engolfadas pela avassaladora população de Tel Aviv ao norte. Hoje, a metrópole tem o nome oficial de Tel Aviv-Jaffa. Mais de quatrocentos mil têm a área como sua cidade natal.

Os sons, as vistas e os aromas desta cidade nunca se apagaram de minha memória. Toda vez que viajo para lá, vou direto a uma padaria

ao ar livre chamada Said Abou Elafia & Sons, na Yefet Street. Nada mudou neste lugar. Eles ainda fazem sua famosa versão árabe de pizza com ovos assados em um tipo de pão árabe chamado pita. A moda pegou e agora você vê lanchonetes do tipo por todo o Israel. Esta foi a primeira padaria de Jaffa, em 1880, e ainda é dirigida pela mesma família (quatro gerações depois). Senti saudades só de pensar em seus bagels (pães em forma de rosca), nos pães de *zaatar* (uma deliciosa mistura de condimentos do Oriente Médio assada com azeite de oliva) e *nozambushi* recheado de queijo ou batata. Oh, eles são maravilhosos!

## "O MISERICORDIOSO"

Por causa da posição exclusiva de meu pai na comunidade, o povo de Jaffa era como uma família estendida - independentemente de suas convicções social, étnica, política ou religiosa. A área era um distrito de lei Aviv, e meu pai, Costandi Hinn, pode ser mais bem descrito como uma ligação entre a comunidade e o governo de Israel. Ele era um homem imponente, com 1,87 metro de altura e uma personalidade flexível, porém forte. E ele era perfeito para a tarefa.

A maior parte do tempo de meu pai era investido em cuidar de reclamações entre cidadãos e agências governamentais - além de encontrar emprego para aqueles que estavam necessitados. Ele tinha escritórios em Jaffa e Tel Aviv, contudo parecia haver um fluxo sem fim de pessoas que vinham a nossa casa com pedidos especiais. Ele não as mandava embora.

A natureza que meu pai tinha de se doar não era algo fingido. Era parte de um estimado legado transmitido entre gerações. Logo após a 1ª Guerra Mundial, o bisavô de meu pai e sua família - os Costandis - emigraram da Grécia para Alexandria, no Egito. Eles viram um futuro brilhante nos negócios e no comércio. Um de seus filhos (o avô de meu pai) envolveu-se em projetos que visavam prover alimento e roupas para aqueles que estavam na miséria, e as pessoas diziam: "Vamos para El Hanoun" - que, em árabe, significa "o misericordioso" ou "o generoso". Mais tarde, muitos começaram a chamá-lo de "Hinn" - e o nome pegou.

Uma vez que era assim que as pessoas o chamavam, e agora ele estava vivendo em uma cultura árabe, decidiram mudar o seu último nome de Costandi para Hinn. Sou grato por ver que o mesmo espírito de generosidade continua em nossa família até hoje. (Descobri recentemente que alguns de meus parentes que permaneceram no Egito optaram por voltar a ter o nome de família Costandi.)

Mais tarde, um dos filhos da família Hinn (meu avô) mudou-se do Egito para a Palestina e se estabeleceu na próspera comunidade árabe de Jaffa. Ao se casar e ter um filho, ele o chamou de Costandi - em respeito ao nome de família grego.

Ao longo dos anos, minha mãe compartilhou lembranças vagas de seus primeiros anos de vida. Recentemente, em um piscar de olhos, ela contou como conheceu meu pai e se apaixonou por ele.

Embora minha mãe tivesse nascido na Palestina, a família de sua mãe havia emigrado da empobrecida nação da Armênia, no sul da Europa, para Beirute, no Líbano, muitos anos antes. Seu pai, Salem

Salameh, era palestino.

Após um típico casamento arranjado, quando minha avó tinha apenas 16 anos, o casal estabeleceu-se em Jaffa - e no meio da prole estava uma adorável filha chamada Clemence.

Meu avô era carpinteiro e também trabalhava como inspetor nos laranjais.

## QUEBRANDO A TRADIÇÃO

Quando jovem, Costandi Hinn viveu em uma Palestina que era governada pela Grã-Bretanha. Serviu no exército britânico de 1942 a 1944 e, mais tarde, mudou-se para Haifa - cerca de noventa e cinco quilômetros costa acima -, onde trabalhou na alfândega do porto.

Separado de sua família, em uma cidade onde ele era um estranho, sua vida social praticamente estagnou. "Mas eu não conheço ninguém", ele confidenciou ao pai quando eles discutiam a questão de pedir a mão de uma garota em casamento.

Quando Costandi chegou em casa para fazer uma visita, uma de suas tias lhe falou sobre uma bela garota armênia. "Seu nome é Clemence", ela lhe disse. "E sua família também é grega ortodoxa." Aquele fato era extremamente importante.

"Jovem demais para mim", exclamou Costandi, quando ficou sabendo que ela só tinha 14 anos de idade.

No entanto, quando finalmente foi marcado o encontro entre as famílias Hinn e Salameh, meu pai logo mudou de idéia. Ele disse para si mesmo: "Ela é linda. Esta é a garota que será minha esposa".

Não muitos dias depois, ele foi ao restaurante do Sr. Salameh e pediu para conversar em particular com ele. Costandi, muito nervoso, disse: "Senhor, tenho um pedido. Quero algo do senhor".

Por causa do respeito que existia entre as duas famílias, ele respondeu: "Eu lhe darei tudo o que quiser". Ele sorriu e perguntou: "Você quer meus olhos?"

"Não", respondeu Costandi. "Quero sua filha, Clemence."

O Sr. Salameh não hesitou. "Sim", ele respondeu. "Estou muito contente. Se este é o seu desejo, ela será sua."

Logo a notícia do acontecido se espalhou, contudo houve uma grande confusão. "As coisas não são assim!", gritou a avó, agitada. "Por que o pai dele não veio e pediu a mão dela como tem de ser? Um jovem não vai a um restaurante e faz ele mesmo tal pedido!"

De acordo com o costume no Oriente Médio - até o momento - os casamentos devem ser arranjados entre os pais. Por isso, para honrar a tradição, os membros mais velhos da família Hinn fizeram pessoalmente o pedido e logo todos estavam sorrindo.

Costandi comprou um anel de ouro e, orgulhoso, colocou-o no dedo de Clemence. Infelizmente, seus planos para o casamento estavam prestes a ser destruídos por forças que abalariam o alicerce da Palestina.

## SEPARADOS

Era abril de 1948, e a tensão em Jaffa havia se espalhado pelas ruas. Explodiam-se carros. Lojas eram saqueadas. Franco-atiradores espreitavam-se pelos telhados. Noite após noite, o motim perdia o controle.

Desde 1922, a Palestina havia sido controlada como um mandato britânico, mas, agora, aquilo estava prestes a mudar radicalmente. Foi anunciado que, no dia 15 de maio, os britânicos -junto com as cem mil tropas britânicas que sustentavam uma frágil paz - se retirariam. O novo estado de Israel estava para nascer, oficialmente endossado pela comunidade mundial.

Desde o fim da 2ª Guerra Mundial, centenas de milhares de refugiados judeus haviam desembarcado em Jaffa e Haifa, voltando para sua antiga terra natal. O pânico que se espalhou pelo mundo árabe jamais fora visto antes. Só em Jaffa, a população árabe caiu de setenta mil para pouco mais de quatro mil. Famílias abandonaram seus lares e fugiram para o Egito, Jordânia, Síria e Líbano.

A família Salameh tomou seus bens e partiu às pressas para Ramallah, uma cidade um pouco ao norte de Jerusalém. Os Hinns, incertos quanto ao futuro, optaram por permanecer em Jaffa. Clemence e Costandi agora estavam separados por algo que ia além de quilômetros. Havia uma fronteira armada entre eles e era ilegal atravessá-la.

Em 9 de maio de 1948, após um total colapso dos serviços municipais, os líderes restantes de Jaffa deram uma declaração dizendo que a cidade estava como "uma cidade aberta" - uma cidade sem defesa. Não haveria mais combates. A comunidade iria submeter-se às leis judaicas.

Costandi pôde garantir emprego no serviço postal em Jaffa, mas seu coração estava em Ramallah. "Tudo em que eu conseguia pensar era em encontrar uma forma para ver Clemence", disse. Ele passou dias tramando e fazendo planos - determinado a atravessar, de algum modo, aquela fronteira e voltar com a garota a quem tanto amava.

Em 1949, Costandi comunicou à família que estava pegando uma licença para ausentar-se do trabalho e que, discretamente, seguiria para Ramallah. Sem chamar muita atenção, ele viajou à noite para a cidade de Gaza contornando o litoral. Ali, ele conseguiu uma passagem para viajar em um barco com destino para o Egito e, sem ser notado, viajou de ônibus para a Jordânia.

O encontro com Clemence valia o risco, mas a maior barreira ainda estava pela frente. Como ele a levaria legalmente para casa? Quando e como eles se casariam? Quais documentos seriam necessários para legalizar o casamento?

"Seu pai ficou ali por muito tempo", minha mãe disse para mim. "E nós conversamos sobre um modo como poderíamos voltar para Jaffa." Durante este período, Costandi encontrou trabalho na Cruz Vermelha em Amã.

Amal, mãe de Clemence, teve uma idéia. "Por que vocês não fazem dois casamentos? Um aqui em Ramallah, para que vocês tenham os documentos, e outro em Jaffa, para que o casamento seja reconhecido

pelos israelenses?"

O plano funcionou e, com grande alívio para o casal, os guardas que ficavam na fronteira acenaram em sinal de aprovação e deixaram Costandi e sua mulher de 16 anos entrarem no país e voltarem para Jaffa.

## "POR FAVOR, SENHOR!"

Agora, sob as leis de Israel, a maior indústria de Jaffa no ramo de exportação de frutas cítricas mais uma vez começou a prosperar. As "Laranjas de Jaffa" - grandes e suculentas - tinham (e ainda tem) grande saída em toda a Europa. O termo *Jaffa* no selo de uma laranja simplesmente significa que ela cresceu em Israel e foi despachada pelo porto de Jaffa. Costandi, que conhecia a maioria das pessoas responsáveis pela empresa, logo foi contratado como inspetor.

Quanto à Clemence, sua vida girava em torno da dedicação ao marido - e à Igreja Ortodoxa Grega. Contudo, havia algo que a afligia profundamente.

Em dezembro de 1952, Clemence estava no Hospital Francês St. Louis, na Yefet Street, prestes a dar à luz seu segundo filho.

Do seu quarto, pela terceira janela do canto deste prédio histórico de 1883, ela fitava as águas de um azul profundo do Mediterrâneo. O mar parecia alcançar o infinito.

Ao longe, ela podia ver um conjunto negro de pedras - as pedras de Andrômeda. Segundo a lenda grega, a virgem Andrômeda foi acorrentada a uma delas quando Perseu desceu voando, montado em seu cavalo alado, matou o monstro marítimo e a resgatou.

Agora, Clemence desejava que alguém descesse e a poupasse de mais um ano de humilhação e desonra. Embora fosse sinceramente religiosa, ela não sabia o que era ter um relacionamento pessoal com o Senhor. Contudo, naquele humilde quarto de hospital, a sua própria maneira, ela fez um acordo com Deus.

Clemence foi até a janela, olhou para o céu e falou do profundo de seu ser: "Deus, só tenho um pedido. Se Tu me deres um menino, eu o entregarei a ti."

Mais uma vez, ela repetiu seu clamor: "Por favor, Senhor. Se tu me deres um menino, eu o entregarei a ti".

## "Eu Vi SEIS LÍRIOS"

Você precisa entender a cultura do Oriente Médio para que possa imaginar o dilema em que ela estava.

O primeiro filho de Costandi e Clemence foi uma bela menina chamada Rose. Contudo, na tradição ancestral da família Hinn, o primogênito tinha de ser um menino e herdeiro.

Ela podia ouvir as palavras sarcásticas de alguns membros da família Hinn em seus ouvidos. Eles a reprovavam por não ter conseguido gerar um menino. "Afim", um deles lhe disse, "cada uma de suas cunhadas tiveram meninos". As zombarias e escárnios muitas vezes a faziam chorar. Ela sentia embaraço e vergonha. Naquela noite,

em seu leito no hospital, seus olhos estavam molhados quando Clemence pegou no sono.

No dia seguinte, no entanto, seu desejo foi atendido. Na quarta-feira, 3 de dezembro de 1952, às 14 horas, eu nasci.

Quando jovem, minha mãe me falava de um sonho que tivera pouco depois de meu nascimento. Eu achava que o sonho tinha a ver com um buquê de rosas, mas há pouco ela explicou que ele tinha a ver com lírios.

"Vi seis lírios - seis lindos lírios em minha mão", ela disse. "E vi Jesus entrar no meu quarto. Ele se aproximou de mim e pediu um deles. E eu lhe dei um lírio".

Ao acordar, Clemence perguntou para si mesma: Qual o significado deste sonho? O que pode ser?

Por fim, nossa família haveria de ter seis meninos e duas meninas, mas minha mãe nunca se esqueceu do acordo que fez com Deus." Benny", ela disse, "você era o lírio que dei de presente para Jesus".

## CAPÍTULO 2

### UM GAROTO CHAMADO TOUFIK

É costume entre as famílias gregas ortodoxas dar um nome ao filho no nascimento e um nome cristão - normalmente o nome de um santo ou sacerdote - quando ele é batizado na igreja. Uma vez que eu era o primeiro filho, levei, com orgulho, o nome do pai de meu pai, Toufik. Quase que no mesmo instante, minhas tias, tios e primos começaram a me chamar de "Tou Tou."

Meu batismo foi realizado na residência do sacerdote grego ortodoxo na região histórica de Jaffa conhecida como a Cidade Velha. Quem celebrou a cerimônia foi Benedictus, um amigo de nossa família que havia se tornado o patriarca de Jerusalém. Ele não só me ungiu com óleo e água - mas me deu o seu nome. Agora era oficial: Eu era Toufik Benedictus Hinn. Mais tarde, eu seria simplesmente chamado de " Benny."

A única casa que eu conhecia em Jaffa era de uma família que havia fugido para a Palestina quando a cidade foi praticamente abandonada durante o massacre de 1948. As pessoas saíram às pressas e, com isso, a propriedade da imponente estrutura de três andares foi dada à Igreja Ortodoxa Grega. Meu pai se encheu de alegria quando o sacerdote local perguntou: "Sr. Hinn, o senhor consideraria a possibilidade de se mudar com sua família para esta casa?" Ocuparíamos apenas o primeiro andar, mas o espaço era amplo.

A localização era maravilhosa. A casa estava situada em uma ribanceira a apenas dois quarteirões das águas azuis do Mediterrâneo, só a alguns passos do coração da comunidade.

Que lugar movimentado ela se tornou. O último andar do prédio foi dado ao tesoureiro da igreja, o segundo andar passou a ser o Clube Grego Ortodoxo, um lugar de reunião para organizações da igreja, e nossa casa ficava no andar térreo.

O bege impressionante e a estrutura cor-de-ferrugem tinham belas colunas com escadas amplas que levavam ao segundo andar. No pátio havia uma fonte cheia de peixes tropicais. Atrás da casa havia um grande jardim com árvores cítricas floridas, flores e uma passagem que levava à praia.

Na fachada do prédio havia a insígnia do Clube Ortodoxo Grego - uma organização da qual meu pai foi presidente por vários anos.

Nossa casa tinha uma sala espaçosa para a família e dois quartos grandes - um para meus pais e o outro para a família que estava aumentando. Primeiro Rose, depois eu, depois meus irmãos, Chris,

Willie, Henry e Sammy, e outra irmã, Mary. Quando entrei na adolescência, nosso quarto em Jaffa começou a lembrar uma ala de hospital. O oitavo filho, Michael, nasceu mais tarde, no Canadá.

Nos fundos da casa, em um nível elevado, ficava a cozinha. Foi ali que passei grande parte do meu tempo quando criança - ajudando meus pais a prepararem comida. Qual era a minha tarefa preferida? Fazer pita, o pão árabe. Aprendi a misturar a quantidade certa de água, farinha e fermento. Minha mãe costumava se gabar, dizendo: "Benny faz o melhor pão da cidade". Eles até o usavam de vez em quando nas reuniões de ceia em nossa igreja.

## "LEVE ISTO. É SEU!"

O envolvimento de meu pai no trabalho social ia muito além das horas que passava no escritório. Ele era extremamente generoso para com as pessoas e havia um fluxo constante de pessoas da comunidade que vinham à nossa casa - principalmente aquelas que procuravam trabalho. Parte das responsabilidades de meu pai como elo de ligação entre governo e comunidade era legalizar a papelada dos trabalhadores. Por exemplo, alguém do hospital dizia: "Precisamos de dez trabalhadores imediatamente". Então, meu pai entrevistava os interessados e fazia as seleções.

Na parte de trás do jardim, ele guardava grandes sacos de farinha que constantemente comprava. Quando alguém estava necessitado, meu pai dizia: "Aqui está. Leve esta farinha. É sua!"

Minha mãe, uma excelente cozinheira do Oriente Médio, contribuía com a hospitalidade. "Por que você não fica para comer alguma coisa?", ela perguntava.

Aos sábados e domingos, nossa casa ficava cheia. Usávamos os fornos de uma padaria que ficava a pouco mais de cem metros de nossa casa para assar pães feitos com a massa que preparávamos em casa. Meus irmãos ajudavam-me enquanto colocávamos a massa em grandes vasilhas redondas sobre a cabeça e seguíamos para a padaria todo final de semana. Enquanto eles brincavam, eu ficava sentado ali para ver o pão crescer e os chamar quando estivesse assado.

Nossa mesa de jantar era um retrato de abundância. Havia sempre uma dúzia de pratos - abóbora recheada, arroz enrolado em folhas de uva, comida apimentada e húmus - um purê de grão-de-bico. De sobremesa, havia doces, como o baldava, um folheado delicioso com calda de mel.

Talvez a razão por que como pouca carne hoje seja pelo fato de ela não ter sido servida em grandes porções em nossa casa e, por isso, não desenvolvi um gosto por ela. Mesmo agora, prefiro muito mais pratos feitos com vegetais e arroz.

## "MEUS FILHOS, MINHA RIQUEZA"

Quando falo para as pessoas sobre a generosidade de meu pai,



elas dizem: "Oh, devia ser uma alegria estar perto dele."

Para ser sincero, a personalidade de meu pai incutiu o temor de Deus em mim e em meus irmãos e irmãs; não obstante, nós o amamos profundamente.

Quando as visitas iam embora, e somente a nossa família ficava à mesa, comíamos rapidamente com silêncio. Não havia discussões da família na hora das refeições e eu não sabia praticamente nada sobre o trabalho de meu pai até chegar à adolescência. Nunca falamos sobre dinheiro, política ou questões importantes.

Um assunto, no entanto, era claramente entendido. Se conversássemos à mesa, estávamos fritos. E se fizéssemos travessuras, ele nos dava uma surra na mesma hora - com uma vara.

Sabíamos que o trabalho de meu pai envolvia muita pressão.

Quando voltava do trabalho, ele sempre tirava uma soneca e o melhor que tínhamos a fazer era não o acordar. Eu ainda me lembro do dia em que uma mulher perturbada veio à procura de meu pai. "Sinto muito, a senhora não pode vê-lo. Ele está dormindo", insistiu um de meus irmãos.

Sem dar atenção, a mulher entrou sem pedir licença, empurrou-nos para o lado e entrou em seu quarto, acordando-o com uma bengala que tinha nas mãos. Oh, que confusão aquilo causou! Alguns segundos depois, a mulher saiu correndo pela porta da frente - e meu pai saiu atrás dela com a bengala que ela estava usando! Então, a situação se inverteu! Todos estávamos terrivelmente enrascados por termos deixado a mulher entrar na casa.

Mamãe nunca foi a disciplinadora em nossa casa. Não era necessário. Meu pai cuidava de tudo o que fosse necessário - e talvez um pouco mais. Um dia, ele chegou em casa e encontrou Chris e eu brigando. "Chris, venha aqui", exigiu meu pai. Ele pôs os pés sobre os dedos dos pés de meu irmão, olhou-o nos olhos e lhe deu uma bela repreensão. Depois, fez o mesmo comigo.

A despeito de seu jeito rígido, todos disputávamos a atenção de meu pai. O menor gesto de bondade de sua parte era tudo.

Lembro-me de uma vez em que ele fez uma viagem de negócios para o Chipre quando eu tinha quase 6 anos. Ele trouxe uma arma de brinquedo para mim. Ela tinha quase trinta e um centímetros de comprimento e emitia faíscas toda vez que se puxava o gatilho. Dois dias depois, quando meu irmão Chris tirou-a de mim e a quebrou, pensei que nunca mais pararia de chorar. Este não era um brinquedo comum. Era um de meus bens mais valiosos - porque era algo que havia vindo de meu pai.

Por fora, a casca de meu pai era mais dura do que a de uma tartaruga, mas nunca duvidei de seu amor por mim. Raramente ele nos fazia um elogio, mas dizia as coisas mais apaixonadas a nosso respeito para minha mãe - e ela não conseguia guardar segredo.

Certa vez, quando um vizinho disse: "Costandi, você deve se orgulhar de seus filhos", ele respondeu: "Meus filhos são minhas riquezas. Não sou milionário, mas tenho uma família maravilhosa que goza de plena saúde. Sou abençoado."

Minha mãe e meu pai nunca demonstraram abertamente qualquer sinal do afeto que compartilhavam um com o outro. Não consigo me lembrar de uma única vez em que vi meus pais de mãos dadas. Isso simplesmente não acontecia! Contudo, podíamos sentir a profundidade do amor que tinham um pelo outro.

## HÉRCULES, TARZÂ E O CAVALEIRO SOLITÁRIO

Sábado! Oh, mal podíamos esperar o sábado. Tão certo como o sol nasceria, mamãe estaria na cozinha preparando sanduíches e limonada para levarmos para a praia. Embora o mar ficasse muito perto de nossa casa, adorávamos a praia de Bat Yam, um passeio de quarenta e cinco minutos ao sul de Jaffa. Papai sempre ia com a gente - e sempre havia alguns primos que iam junto.

Para nós, não era nada andar aquela distância. Íamos a todos os lugares. Meu pai não teve carro durante todo o tempo em que vivemos em Israel - ou ele ia a pé para o trabalho ou tomava um transporte público.

Sempre dependíamos do tempo. As pessoas ficam surpresas em saber que raramente cai uma gota de chuva em Israel dos meses de maio a novembro.

Eu gostava de água, mas não das algazarras e piruetas de alguns de meus irmãos. Preferia ficar a alguns passos de distância da multidão. Algumas pessoas pensavam que eu era do tipo que as evitava. Na verdade, eu não curtia, sobretudo, a idéia de me afogar!

Se houvesse muito vento, soltávamos pipas na praia - correndo o mais rápido possível que as nossas pernas conseguissem.

A tarde, voltávamos apressados para casa, comíamos milho na espiga e subíamos as escadas em direção ao Clube Ortodoxo Grego para assistir aos filmes infantis da semana. O Gordo e o Magro, Hércules, Tarzã. O Cavaleiro Solitário. Era papai quem projetava os filmes e nós assistíamos a todos - em inglês, sem legendas.

Grudado na tela, eu assistia àqueles filmes e sonhava em deixar Israel e me mudar para o Ocidente. "Este sou eu", dizia para mim mesmo. "Lá estou eu!"

Quando brincávamos de caubói e índio no quintal, eu sempre fingia ser norte-americano e me vangloriava das coisas que sabia sobre os Estados Unidos - ainda que elas se limitassem ao que eu via na tela de televisão.

Como era pequeno para minha idade, os meninos da vizinhança pensavam ter alguém para azucrinar. E claro que eu podia me defender, mas raramente era necessário. Meus irmãos tomavam conta de mim como se fossem águias. Uma vez, quando um menino grego me bateu, meu irmão Chris entrou na briga e começou a espancar o menino com a mão fechada. Terminada a briga, o menino foi levado para o hospital com um braço quebrado. Oh, lá estava Chris com problemas!

## EU ERA EVITADO

Gostaria de poder dizer que minha infância em Jaffa foi perfeita e sem trauma. Não foi o que aconteceu. Desde os três anos de idade, minha auto-imagem foi tão destruída que eu constantemente tinha vontade de sair correndo e me esconder. A humilhação e a vergonha que eu sentia começaram com um terrível problema de gagueira que aflorou quando me mandaram para a pré-escola. Como dirão meus familiares, eu levava o que parecia ser uma eternidade para completar uma simples sentença.

Minha dicção era tão descontínua que minhas professoras, as queridas freiras católicas, evitavam fazer perguntas para mim em sala — tentando poupar-me de constrangimentos. Nos intervalos, eu era evitado. Os meninos e meninas não queriam conversar comigo porque eu tinha dificuldade para responder. Conseqüentemente, tive poucos amigos.

Quando fiz 5 anos, comecei a me afastar de qualquer pessoa que se aproximasse de mim. Muitas noites, enterrei minha cabeça no travesseiro e chorei até dormir. Quando as pessoas vinham à nossa casa, eu corria para meu quarto e me arrastava para debaixo da cama, na esperança de que ninguém me encontrasse. Pensava: *Se eles me ouvirem, só vão rir de minha gagueira.*

Chris, meu irmão mais novo, sabia muito bem de meu problema e passou a ser meu protetor e meu porta-voz. Muitas vezes, quando alguém fazia uma pergunta para mim, Chris respondia antes de eu ter a chance de dizer uma palavra.

As pessoas podem ser cruéis com alguém que tem uma deficiência. Até aquelas que me amavam diziam: "Benny, com seu problema de fala, você provavelmente não será grande coisa na vida." Aquelas palavras, repetidas de tantas formas sutis, ficaram gravadas para sempre em minha jovem mente.

Minha mãe certa vez mandou-me para a casa de uma vizinha para entregar-lhe algo que ela havia pedido. Não faço a menor idéia do que levei, mas nunca me esquecerei do que foi dito. A mulher olhou para mim e começou a rir. Ela observou: "Por que sua mãe mandou alguém que não consegue falar?"

Certa manhã, meu pai pediu-me para ir à casa ao lado para pegar um pouco de alpiste. Eu só tinha 5 anos. Quando cheguei à porta da casa, um homem saiu com o alpiste e disse palavras que me afetaram profundamente. Ele disse: "Por que você parece tão mudo?"

Meu valor próprio já havia sido diminuído, e agora eu estava ouvindo que parecia um "mudo". Deprimido, fui embora pensando: *Ele disse que pareço um mudo, então devo ser!*

Peter Bahou, o menino que morava na casa ao lado, ficou preocupado com meu problema. Nós nos sentamos na escada da frente e ele me passou um livro. "Benny, eu gostaria que você lesse para mim." Em certos dias minha gagueira estava tão terrível que ele tinha de me acalmar. "Tudo bem", Peter me animava, "você não precisa fazer isso agora. Podemos ler mais tarde."

## PADRE HENRY

Minha educação convencional começou na Escola de Freiras Católicas. Até hoje, posso fechar os olhos e imaginar minha professora do jardim de infância - uma freira francesa alta, magra, de olhos azuis e que usava óculos. Não me lembro de nada específico que ela me ensinou, mas só sei do quanto ela se preocupava. "Você é um jovem muito especial", ela me dizia. "Você é muito especial." Oh, como eu precisava ouvir aquelas palavras.

Em uma recente viagem à Jaffa, pedi ao motorista de nosso furgão que parasse na Yefet Street, em frente ao Colégio de Freiras (Escola de Irmãos), uma instituição católica construída em 1882. Foi a minha escola da primeira série em diante. Havia quatrocentos alunos quando eu a freqüentava - agora passa dos novecentos.

Abri a porta da sala 1 -C, a sala de aula onde passei tantos dias, e pouca coisa havia mudado. "Deixem-me lhes contar algo sobre aquele quadro negro", eu disse aos amigos que me acompanhavam. "Se seu nome fosse escrito aqui, você estava enrascado. Ninguém tinha permissão para conversar com você até seu nome ser apagado". Era uma forma eficaz de castigo. Felizmente, graças à minha natureza calma, meu nome não apareceu na lista.

Para minha alegria, o Padre Henry Helou estava no colégio durante a nossa visita. Ele era um dos professores mais antigos e ainda fazia parte do corpo docente da escola. Depois de nos cumprimentarmos, ele nos disse que assiste aos nossos programas de televisão, que são transmitidos em Israel. "Nunca pensei que Benny seria um pregador", ele disse para aqueles que se juntaram à nossa volta. "Eu costumava dar aula de religião, e a todos os alunos eram feitas perguntas, mas muitas vezes pulei Benny a fim de evitar que ele se sentisse constrangido." E acrescentou: "Agora, quando o vejo na televisão, digo: Será que é a mesma pessoa? "

Sorrio quando percebo que aprendi a gaguejar em várias línguas. As lições na escola católica eram em francês e hebraico. Falava-se o grego em nossa igreja - e muitas vezes em casa, uma vez que as tradições de meu pai eram gregas. A primeira língua de nossa família, no entanto, era o árabe.

Nas tardes em que havia aula, assim que entrávamos em casa, fazíamos nossa lição. Não havia escolha alguma. Meu pai contratou uma mulher a quem, às gargalhadas, chamávamos de "gestapo" - ela era tanto babá quanto professora particular. Ela olhava por cima de nosso ombro para se certificar de que nossas tarefas estavam perfeitas.

Por fim, quando ela nos dizia que a hora de estudar havia acabado, corríamos para frente da televisão para assistir aos canais do Líbano, do Chipre ou do Egito - na maioria, desenhos ou programas norte-americanos, como a série de faroeste *Guusmoke*.

Uma noite típica após o jantar era papai nos fundos da casa conversando com amigos, enquanto mamãe se sentava na varanda da frente, pondo em dia as fofocas locais com a mulherada da vizinhança. Meus irmãos e irmãs normalmente assistiam a outro programa de televisão antes das 20 horas, hora em que íamos para a cama.

Em nosso quarto, muitas vezes dormíamos com o nosso rádio sintonizado em músicas do Oriente Médio tocadas em uma estação de rádio egípcia ou jordaniana. Em algumas noites, eu lia um dos livros que via na biblioteca - como a versão em francês de *Rin Tin Tin*.

A escola começava às 8 horas em ponto, e ficava a uma caminhada de vinte minutos de nossa casa. Alguns dias, a caminhada demorava um pouco mais porque eu parava em um armazém que ficava no caminho para comprar um *donut* com recheio de creme. Aquilo era uma delícia!

## "NÃO CONTE PARA A MAMÃE!"

Eu amava meus irmãos e irmãs, mas eles eram diferentes entre si quanto a água do vinho.

Rose era minha irmã mais velha e eu sempre a admirei, apesar de termos, quando crianças, nossas brigas. Se eu tinha um segredo, ela era a última pessoa a quem o contaria - por saber que ela espalharia a notícia antes de anoitecer.

Christopher, um ano mais novo, era um verdadeiro encenqueiro. Por mais de uma vez ele chegou em casa com o nariz sangrando, e se gabando: "Eu só estava tentando protegê-lo, Benny."

O senhor que morava no piso superior de nossa casa, Lutfalla Hanna, era generoso comigo, mas não com Chris - e o sentimento era mútuo. Ele costumava estacionar o carro na garagem que ficava nos fundos da casa. E, durante alguns dias em um verão, Chris teve o grande prazer de furar dois pneus do carro dele, fazendo da vida do homem um inferno. Isso de repente parou quando o Sr.

Hanna disse o seguinte para meu pai: "Mantenha o seu filho longe do meu carro, ou não sei o que farei!"

Willie, o próximo da fila, era um de meus irmãos favoritos. Era quieto e tímido; pensava sempre e trabalhava com muito afinco. Em quem eu confiava? Em Willie. Se havia um daqueles momentos em que eu dizia: "Não conte nada disso para mamãe", eu cochichava o incidente com ele.

Depois vinha Henry - talvez ainda mais levado que Chris. As vezes ríamos dele por ser um pouco desajeitado - principalmente no dia em que correu em direção à mesa da Ceia na igreja ortodoxa grega da qual participávamos e armou a maior confusão. Henry também tinha uma imaginação fértil e nos fazia acreditar em histórias estranhas.

Quando crianças, meus irmãos e eu adorávamos assistir a lutas pela televisão - e após as competições, experimentávamos alguns movimentos uns nos outros. Mais uma vez, era Chris quem causava o maior estrago. No entanto, uma vez quebrei o dedo de Henry-e, um dia, o pequeno Willie teve de ser levado para o hospital com um braço quebrado.

Sammy era bebê quando morávamos em Jaffa. Eu ajudava minha mãe a cuidar dele - e, muitas vezes, troquei suas fraldas. Até hoje, ele ainda é "meu maninho."

Mary, minha irmã mais nova, foi a última dos Hinns a nascer em Israel. Sempre houve algo especial nela. Aqueles que estavam presentes

quando ela foi batizada na Igreja Ortodoxa Grega ainda falam do brilho que desceu sobre seu rosto.

Minhas tias e tios constantemente se vangloriavam de meus irmãos e irmãs - profetizando um grande sucesso para cada um deles. Eu era o único com quem eles se preocupavam.

O *que será de Benny?*, eles se perguntavam, pensando em meu problema de dicção.

Esta "língua pesada" seria um fardo que eu sempre carregaria?

### CAPÍTULO 3

## Fogo DO ALTO

"Benny, você gostaria de se tornar um acólito?", perguntou o padre Gregorios, sacerdote da Igreja de St. George - a principal igreja ortodoxa grega em Jaffa.

Fiquei emocionado. Afinal, a igreja de St. George desempenhava um papel importante em minha vida, e suas ricas tradições combinavam com a estrutura de nossa família. Que belo edifício colorido ela era, decorada com imagens religiosas e pinturas nas paredes.

Até onde me lembro, fui ensinado que, ao rezar para a Virgem Maria e os santos, eu estava me comunicando com Deus. Também era costume dos membros da igreja beijar as imagens.

O padre Gregorios ensinou-nos que a adoração litúrgica tem por objetivo apelar a todos os sentidos - os olhos do adorador vêem a beleza das pinturas sacras, seus ouvidos ouvem os hinos antigos, ele sente o cheiro do incenso e participa da Comunhão. Também fui instruído que o nosso corpo deve glorificar o Criador por meio de gestos simbólicos, e que o nosso espírito se eleva em adoração ao Pai Celestial.

Ao 7 anos, fiz minha confissão, aprendi o Credo de Nicene e participei da Eucaristia. Depois, como acólito, usava túnicas especiais e ajudava o sacerdote durante a missa. As vezes, carregava uma vela ou segurava o incenso. A missa - chamada de Divina Liturgia - não mudou desde os primeiros dias do Cristianismo.

Era sempre um dia especial quando o sacerdote me colocava entre os membros da igreja que eram convidados a ir à sua residência para uma refeição. Ele era um amigo estimado de nossa família.

Minha iniciação nos milagres aconteceu no local em que Pedro ressuscitou Tabita dos mortos, fora de Jaffa. Uma vez por ano, toda a comunidade ortodoxa grega se reunia no local para realizar uma celebração e um piquenique, durante o dia todo.

Na missa especial, o sacerdote recontava a história das Escrituras em que Pedro se ajoelhou ao lado da mulher morta e orou: "Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, assentou-se. E ele, dando-lhe a mão, a levantou, e, chamando os santos e as viúvas,

apresentou-lha viva. E foi isto notório por toda a Jope, e muitos creram no Senhor" (At 9.40-42).

## UMA GRANDE: INFLUÊNCIA

Por causa do treinamento diário em escolas católicas ao longo de muitos anos, em meu coração eu também me considerava um católico, freqüentava a missa regularmente e sabia rezar a Ave-Maria, o Credo de Nicene, a Oração do Senhor e outras preces prescritas.

As irmãs católicas tiveram uma grande influência espiritual sobre mim. Na escola, elas me ensinaram as Escrituras em uma tenra idade. Foi ali que aprendi pela primeira vez coisas sobre Abraão, Isaque, Jacó e os milagres de Cristo.

Se meus pais eram contra? Não. O que era tido como melhor à nossa disposição era uma instituição de ensino católica particular. Contudo, no domingo, eu também me sentia à vontade envolvido nos rituais da Igreja Ortodoxa Grega.

Durante este tempo de intenso ensino religioso, eu apresentava meus pedidos específicos a Deus, mas não sabia conversar de forma pessoal com o Senhor. Na realidade, minha vida de oração era muito organizada - e muito rotineira.

Em muitos aspectos eu me sinto abençoado quando penso no treinamento espiritual que recebi. Muitas vezes, penso: A quantas crianças se ensina o Antigo Testamento em hebraico? E quantos jovens conseguem ir a campo para ver literalmente onde a Palavra de Deus tornou-se realidade?

Eu me lembro de viajar para o Negev e aprender coisas sobre Abraão - em pé, ao lado do poço que ele cavou. Nunca me esquecerei daquela experiência.

## UM PRESENTE ESPECIAL

Sem sombra de dúvida, as sementes do céu foram plantadas em minha vida.

Certa vez, quando eu estava com quase 7 anos, um senhor de Nazaré bateu à porta de nossa casa. Ele era um cristão evangélico que havia nascido de novo - algo de que eu não fazia idéia na época.

Ele me deu um presente muito especial - um folheto com uma porção da Bíblia. O folheto estava ilustrado com desenhos coloridos.

Cerca de duas semanas depois, ele voltou com um segundo folheto. Eu tinha um sorriso largo no rosto quando disse: "Obrigado, senhor."

De algum modo, eu era atraído aos folhetos e ficava entusiasmado toda vez que o homem batia à nossa porta. Creio que ele sabia que eu estava respondendo às Escrituras, enquanto outros da vizinhança mostravam pouco interesse.

Ansioso por receber toda a série de folhetos, perguntei: "O senhor me traria toda a Bíblia?" Em sua próxima visita, foi isso o que o homem de Nazaré fez.

De acordo com os eventos da vida de Jesus que eu havia

aprendido na escola, recortei de diferentes folhetos as ilustrações e pus a vida de Cristo em ordem - fazendo um livro especial.

Para mim, aquilo era um tesouro. Guardei o livro no meu quarto durante anos e recontei a história de Cristo repetidas vezes.

## CLIQUE, CLIQUE, CLIQUE

Tanto na tradição ortodoxa grega quanto na igreja católica há uma grande ênfase em milagres e curas. Minha mãe somou a sua fé remédios folclóricos do Oriente Médio, e muitas vezes usava esses tratamentos em seus filhos.

Uma vez, eu estava muito doente, com o peito cheio, e minha mãe pediu que me deitasse de barriga para baixo. Ela pegou pequenas xícaras de vidro, colocou tufo de algodão embebidos em álcool dentro delas e pôs fogo neles.

Uma a uma, ela colocou as xícaras sobre as minhas costas - cerca de vinte xícaras. Como precisava de oxigênio, o fogo imediatamente se apagava e eu podia sentir a sucção - arrancando o catarro de mim.

No momento em que ela tirava as xícaras, era possível ouvir o *clique, clique, clique*. "Veja, Benny, aqui está a sua gripe", minha mãe disse, mostrando-me como o algodão queimado havia ficado esverdeado.

Este método de "sugar o catarro" ainda é praticado hoje.

Eu também me lembro da vez em que minha mãe teve uma doença que se manifestou como erupções em forma de furúnculos em sua pele. Muitas delas começaram a sangrar e a doença persistiu por semanas.

Minha mãe não sabia o que fazer até que uma mulher apareceu em nossa casa e disse: "Cubra o corpo dela com folhas de figo."

Rimos e achamos que a mulher havia enlouquecido. Minha mãe, no entanto, seguiu o conselho e, no dia seguinte, os furúnculos desapareceram. Eles nunca mais voltaram.

Anos depois, enquanto eu estava lendo o Antigo Testamento, este versículo saltou aos meus olhos: Ezequias estava sofrendo e

Isaías disse: "Tomem uma pasta de figos, e a ponham como emplasto sobre a chaga; e sarará" (Is 38.21). Ezequias ficou curado!

## OLHEI NOS OLHOS DELE.

As pessoas perguntam: "Benny, quando o Senhor começou a se mover em sua vida?"

Aos 11 anos, Deus falou comigo por meio de uma visão da noite - foi a única vez em que algo do tipo aconteceu durante a minha infância em Jaffa. Eu me lembro do incidente como se fosse ontem. Vi Jesus entrar no meu quarto. Ele estava usando uma túnica alva como a neve e havia um manto vermelho escuro drapeado sobre Seus ombros.

Vi tudo - Seus cabelos, Seus olhos. Vi as marcas dos cravos em Suas mãos.

Nestes primeiros anos de minha vida, eu não conhecia Jesus. Nunca havia pedido para Cristo entrar no meu coração. Contudo, no



momento em que o vi, eu soube que era o Senhor.

Eu estava dormindo quando isso aconteceu, mas, de repente, meu jovem corpo se viu envolvido em uma incrível sensação que só pode ser descrita como "algo elétrico." Eu me senti carregado, como se alguém tivesse me ligado em uma tomada elétrica. Houve uma dormência - como se um milhão de agulhas estivessem furando o meu corpo.

Naquele momento, o Senhor se colocou diante de mim e me olhou com os mais lindos olhos. Ele sorriu, e seus braços estavam bem abertos. Eu podia sentir a sua presença - era maravilhosa.

O Senhor não disse nada. Ele só olhou para mim e depois desapareceu.

Quase que no mesmo instante, eu estava totalmente desperto e mal podia entender o que estava acontecendo. Deus permitiu que eu tivesse uma visão que criaria uma inapagável impressão em minha juventude.

Quando acordei, a maravilhosa sensação ainda estava ali. Abri os olhos, olhei ao redor e este intenso poder que eu nunca havia experimentado antes continuava a passar pelo meu corpo. Me senti totalmente paralisado e não conseguia mover um músculo. Contudo, eu estava lúcido. Este sentimento incomum e indescritível se apoderou de mim - contudo, não me dominou.

Pela primeira vez, Jesus tocou a minha vida.

Na manhã seguinte, contei a experiência para minha mãe, e ela ainda se lembra do que disse para mim: "Então você deve ser um santo."

É claro que eu naturalmente não era "santo", mas minha mãe acreditava que, se Jesus veio a mim, estava me preparando para um chamado maior.

## LEVANDO A FOGUEIRA SANTA!

Todo ano, no dia que antecedia a Páscoa, as igrejas de nossa região escolhiam cinco representantes para irem à Jerusalém para o "Sábado da Fogueira Santa." Meu pai sempre fazia parte desta comitiva e o sacerdote pediu que eu acompanhasse os homens.

O objetivo da viagem era trazer de volta a Luz Santa - um fogo que, segundo dizem, aparece milagrosamente dentro do túmulo de Cristo uma vez por ano como símbolo da Ressurreição. Foi uma grande honra, embora fosse um tanto raro ser concedida a um menino esta oportunidade.

Partindo de Jaffa no sábado de madrugada, nosso primeiro destino era a igreja ortodoxa grega ao oeste de Jerusalém. Havia representantes ali de todas as partes de Israel.

É importante entender que, durante estes anos, os cidadãos israelenses não podiam viajar para a Igreja do Santo Sepulcro - o lugar onde fica o túmulo de Jesus. Isto era antes da Guerra dos Seis Dias, em 1967 a igreja estava localizada ao leste de Jerusalém, em um território

que pertencia à Jordânia - ainda em estado de guerra com Israel na época.

Enquanto aguardávamos, o evento mais ansiado estava acontecendo. Era o dia em que, segundo crêem, o fogo do céu repentinamente aparece no Santo Sepulcro - assim como acontece há séculos.

Quando o patriarca e seu séquito entram na basílica, a aglomeração de pessoas é impressionante. Talvez você já tenha visto a cobertura desta celebração pela televisão. Milhares de adoradores seguram velas com grande expectativa. Ao meio-dia, as luzes se apagam e o patriarca entra no túmulo para esperar pela Luz Santa.

A medida que o momento se aproxima, as pessoas começam a cantar em voz alta: "Senhor, tem misericórdia! Senhor, tem misericórdia!"

Dentro do sepulcro, em um determinado momento, dizem que a Luz Santa brilha de forma sobrenatural lá de dentro do túmulo. Ela ilumina uma pequena lamparina colocada perto dele. Depois de ler as preces, o patriarca usa a lamparina para acender dois candelabros de trinta e três velas que estão em suas mãos.

Quando ele sai do túmulo, há grande júbilo. Sinos começam a tocar, e a ressurreição de Cristo é celebrada à medida que o fogo é passado - primeiro para os representantes oficiais das igrejas ortodoxa e armênia, e depois para a multidão reunida.

A luz divina é incomum. Diz-se que ela tem um tom azulado, e, nos primeiros momentos em que aparece, os sacerdotes dizem que ela não queima suas mãos nem o rosto. Lodo ano, vários peregrinos relatam ter visto velas acenderem espontaneamente.

Em um determinado momento, fomos ao Portão de Mandelbaum, guardado por militares, que separa o leste e oeste de Jerusalém, esperando a Fogueira Santa passar do outro lado. O momento também foi especial para meu pai e para mim porque, do outro lado da fronteira de arame farpado, estava meu tio Michael, que sempre viajou de Ramallah para o evento.

A distância, podíamos ver os peregrinos vindo em nossa direção com suas velas acesas - prontos para passar a Fogueira Santa para pessoas que levariam a chama para suas igrejas por ocasião da Páscoa.

Toda igreja tinha lamparinas especiais que manteriam a luz acesa durante todo o ano. Então, pouco antes da Páscoa, eles apagam a chama - esperando a nova luz da Ressurreição.

Na estrada de volta para Jaffa, as pessoas ficavam à nossa espera, cidade após cidade, com suas velas apagadas - lugares como Remia e Lod. Eu me sentia honrado. Um dos homens na viagem disse: "Benny, você é o único menino em Israel que leva a Fogueira Santa para as igrejas."

Quando meu pai e eu finalmente chegamos em casa depois dos eventos do dia, eu estava emocionado demais para me sentir cansado. Além disso, era véspera de Páscoa.

Para marear o dia especial, a tropa de escoteiros à qual eu pertencia conduziu um desfile anual do Clube Ortodoxo Grego (no

segundo andar de nossa casa) até a igreja de St. George.

Levamos bandeiras e tocamos trombetas e tambores. De nossa casa até a igreja, as pessoas se arrumavam em fileiras nas ruas, esperando a passagem de nossa tropa.

Era Páscoa! Tempo de celebrar!

Minha maior emoção naquele dia não foi marchar em um desfile nem acenar uma bandeira. Na igreja de St. George, olhei para a luz trêmula nas lamparinas e disse: "Obrigado, Senhor, porque tu me permitiste carregar a Fogueira Santa."

## **CAPÍTULO 4**

### **O TUMULTO**

"Quantos dias faltam para partirmos?" — perguntei ansioso para minha mãe.

"Não falta muito" — ela disse, sorrindo. "Logo veremos sua avó."

Embora minha avó Amal morasse a menos de duas horas de distância, a fronteira bem fortificada que separava Israel das nações árabes era uma barreira que dividia nossa família. Quando os familiares de minha mãe optaram por fugir de Jaffa para a Jordânia durante o conflito em 1948, eles não perceberam o quanto ficariam permanentemente isolados de seus parentes.

Durante esses anos, a lei proibia estritamente as pessoas de cruzarem a fronteira de um lado e de outro - exceto por um período de três dias no Natal todos os anos. O governo da Jordânia fez um acordo com Israel permitindo as famílias de visitarem seus parentes na Margem Ocidental, mas somente na época do Natal.

"A senhora não imagina o quanto ficamos entusiasmados durante nossa viagem anual para sua casa em Ramallah", eu disse para a irmã de minha mãe, Chafouah, recentemente.

"Não, não foi só sua família que ficou emocionada", ela me disse. "Estes foram os momentos mais importantes do nosso ano — entre nossas lembranças mais queridas."

Uma vez que não tínhamos carro, meu pai chamou um táxi para o trajeto até a fronteira. Infelizmente, era até onde ele podia ir. Papai não fez toda a viagem conosco para Ramallah, na Margem Ocidental. "Sr. Hinn", seus superiores israelenses lhe disseram, "por causa de sua posição para com o governo, achamos que seria perigoso demais o senhor cruzar a fronteira."

Como meu pai tinha muitos conhecidos no posto da alfândega,

eles nos atravessaram sem problema algum.

Vindo ao nosso encontro, do lado jordaniano, lá estava, como de costume, meu tio Michael, em seu Ford Modelo T, bem conservado. Ele nos deu um abraço apertado e nos levou o restante da viagem. A casa de vovó sempre estava cheia de parentes - incluindo o tio Boutros e sua família que havia chegado do Líbano.

Durante minha infância, a época de festas não tinha nada a ver com troca de presentes caros. Ela se concentrava na reunião da família. Minhas tias e tios davam-nos moedas tanto na Páscoa como no Natal e nós corríamos para o armazém para comprar sorvete e balas.

Em Ramallah, havia muitas coisas deliciosas e especiais. Antes de meu avô Salem morrer, ele tinha uma pequena lanchonete que vendia sanduíches e doces. Ele deixava que nos servíssemos à vontade nos potes de doces.

## PARENTES ANIMADOS

Eu adorava os parentes de minha mãe porque eles me aceitavam, a despeito de meus problemas de dicção. Outros riam de mim, mas não a família Salameh.

Na casa deles, eu ficava extrovertido.

"Quando você vai dar o espetáculo?", meus priminhos insistiam. Eles se referiam a uma apresentação, ou uma "produção", que eu organizava todo ano durante a nossa visita.

Naquela época, havia um conhecido programa de humor na televisão na região chamado *Doctor, Doctor, Follow Me!* (Doutor, Doutor, Siga-me!).

Fazíamos a nossa própria versão do programa - incluindo séries de dança e música. Você deveria ter nos visto - eu, Willie, Chris e nossos primos divertindo uma sala cheia de parentes animados e cheios de vida.

No Natal, um de meus tios se vestia de Papai Noel, distribuindo brinquedinhos e bugigangas, e a história do nascimento de Cristo era lida.

Na maior parte dos anos, ficávamos em Ramallah por três dias. E embora nossas visitas fossem breves, ainda tenho muitas boas lembranças que alento daqueles tempos.

## No Lixo!

Era impossível viver em Israel durante a década de 60 sem sentir a crescente tensão política. Quase todos os dias havia novas notícias de conflitos ao longo da fronteira desde o Egito até o Líbano.

Nossa casa, em comparação à da maioria das famílias em Jaffa, parecia uma pequena filial das Nações Unidas. Em nossa varanda e em nossa sala de estar, você encontrava muçulmanos, cristãos e judeus - conversando horas a fio.

Certa tarde, quando eu tinha 12 anos, um general do exército de Israel, que era um bom amigo de meu pai, fez-nos uma rápida visita. Ele estacionou seu jipe em frente à casa.

Uma vez que a nossa casa ficava em uma colina, ele se certificou de que as rodas estavam voltadas para a guia. Toda vez que ele vinha à nossa casa, meus irmãos e eu saltávamos para dentro do seu jipe e fingíamos estar no exército. Neste dia, eu estava atrás com o pequeno Henry, Willie estava na frente e Chris estava atrás da roda.

De algum modo, Chris trocou as marchas e endireitou as rodas, e o carro começou a descer de ré. Um vizinho viu o que estava acontecendo e correu a tempo para socorrer Henry. Willie e Chris saltaram desesperados do jipe, deixando-me para trás.

Bem no momento em que o jipe estava para cair, saltei no depósito de lixo do vizinho que ficava na parte mais baixa da colina. O carro do exército virou três ou quatro vezes. Foi perda total.

Eu nem queria falar sobre o problema que tínhamos com meu pai! O general do exército, no entanto, encarou o incidente com calma.

## FORTE PRESSÃO

Agradeço a Deus por ter sido criado em um lar que não guardava ódio nem ressentimento. Meu pai muitas vezes dizia: "Não olhe para a situação por apenas um ângulo da mesa. Sempre a veja pelos quatro ângulos."

Certa noite, ele pediu que todos os meninos da família se reunissem. "Senhores", ele começou, "as tropas no Oriente Médio sempre estarão em conflito. Ainda que haja paz, sempre haverá política." Ele continuou: "Quando nasci, havia problemas. Sempre conviverei com problemas e, quando morrer, ainda haverá problemas."

Durante os primeiros meses de 1967, a guerra era a principal discussão nas ruas de Jaffa. O Egito estava fazendo ameaças e o Iraque e a Arábia Saudita se comprometeram a ser solidários para com as nações árabes que faziam fronteira com Israel. A pergunta acerca de todo o conflito não era mais *se*, mas *quando*.

Em nossa comunidade, eu podia sentir a forte pressão que se fazia para que se tomasse partido, e a nossa família não tinha tais planos. As pessoas sabiam que éramos cristãos gregos ortodoxos e, por isso, testavam nossa lealdade. Por mais de uma vez meu pai foi fisicamente ameaçado por recusar-se a favorecer uma facção após outra.

A toda hora eu via o ódio aflorando e pensava: *Por que não podemos partir - agora!* Meus irmãos e irmãs sentiam a mesma coisa. Qualquer lugar estaria bom - Bélgica - Grã Bretanha - não importava. Queríamos fugir daquela atmosfera venenosa.

## QUEM ESTÁ VENCENDO?

Eu estava na escola na segunda-feira, 5 de junho de 1967, quando as sirenes começaram a tocar. Imediatamente, mandaram-nos para casa.

Nós nos amontoamos em volta do rádio, ouvindo as notícias que vinham do Cairo. Com uma música militar ao fundo, o locutor declarou: "Nossas tropas estão fazendo o inimigo recuar em todas as frentes."

Olhamos uns para os outros e dissemos: "Eles devem estar perto. Vão aparecer a qualquer momento agora." Estávamos preparados para pular em nossos abrigos cuidadosamente cavados.

Naquela noite, os vizinhos vieram à nossa casa escura para ouvir as notícias que vinham do Egito. As notícias eram as mesmas. O exército egípcio estava atravessando o Sinai e Israel estava sofrendo terríveis derrotas no ar, em terra e no mar. "Onde estão os aviões?", perguntamos enquanto olhávamos para os céus do sul.

A contar três dias a partir daquele instante, se as notícias do Cairo estivessem precisas, o exército de Israel teria sido derrotado três ou quatro vezes.

Os egípcios que violaram a ordem do governo e ouviram a BBC (*British Broadcasting Corporation*, ou Corporação Britânica de Transmissão) descobriram o que estava de fato acontecendo.

Nas primeiras horas do inesperado ataque aéreo de Israel na manhã de segunda-feira, grande parte dos Mig-21 do Egito foi destruída enquanto eles ainda estavam em terra. Dezenove aeródromos egípcios foram atingidos no primeiro dia de guerra.

Ao final do segundo dia, Israel havia destruído quatrocentas e dezesseis aeronaves egípcias e cem mil homens do exército do Egito estavam batendo em retirada. Em uma semana histórica, Israel tomou todo o Sinai, a Margem Ocidental e o Monte do Golan, expandindo consideravelmente suas fronteiras.

Ramallah, a pátria da família de minha mãe, era palco de uma intensa batalha. Quando as balas cessaram, a cidade não mais pertencia à Jordânia. Agora ela estava nas mãos de Israel.

"O que aconteceu com minha família?", minha mãe apelou repetidas vezes. Ela estava desesperada para receber notícias.

Uma semana depois da guerra, lembro-me de ver meu pai vestido com a farda do exército de Israel. Seu comportamento parecia misterioso e ele tinha pouco a dizer - e, naquela noite, ele não voltou para casa.

No entanto, no dia seguinte, ele voltou com ótimas notícias. "Sua família está bem", ele anunciou orgulhosamente para minha mãe. Ele continuou a contar para ela que os oficiais israelenses haviam providenciado o uniforme e o levado pessoalmente a Ramallah na Margem Ocidental. Eu estava profundamente emocionado por ver que meu pai havia conquistado tal respeito e confiança do governo de Israel.

Embora sua visita tenha sido breve, foi uma grande fonte de consolo para minha mãe.

## "ESTAMOS NOS MUDANDO"

Eu não percebi, mas meu pai queria sair de Israel antes que nós, como família, o fizéssemos.

Cerca de um ano antes da Guerra dos Seis Dias, um de seus colegas judeus de trabalho disse: "Costandi, você realmente precisa

olhar para a sua família. Você deve considerar seriamente a possibilidade de sair daqui".

Durante meses meu pai conversou reservadamente com seus amigos árabes sobre o processo envolvido na emigração. Ele era ativo em centros comunitários internacionais e tinha relações com diplomatas que viviam em nossa região. Dia após dia, meu pai estava reunindo informações valiosas que afetariam o futuro de sua família.

No início de 1968, meu pai nos reuniu e anunciou que estava fazendo planos para deixarmos o país. "Por favor, não comentem com ninguém porque pode haver alguns problemas com os nossos vistos de saída".

Em um determinado momento, ele pensou em nos mudarmos para a Bélgica porque tínhamos alguns parentes lá. Eu achava a idéia maravilhosa, pois já sabia o francês. Sem dúvida, eu estava pronto para ir para *qualquer lugar*.

Alguns dias depois, no entanto, um diplomata da embaixada do Canadá veio a nossa casa e mostrou-nos um filme rápido sobre a vida no Canadá. Toronto parecia uma cidade emocionante. Dois irmãos de meu pai mudaram-se para o Canadá, mas duvidávamos que eles tinham condições financeiras para se tornarem oficialmente responsáveis por nós.

## Um ACORDO COM DEUS

Oh, como eu queria sair daquela confusão no Oriente Médio. Certa tarde, sozinho, dobrei meus joelhos - naquela pedra dura - e fiz um voto com Deus. "Senhor", orei, "se tu nos tirares daqui, eu te trarei o maior jarro de azeite de oliva que encontrar." E acrescentei: "Quando chegarmos em Toronto, eu o levarei à igreja e o apresentarei a ti em agradecimento."

Na época, fazer um acordo com Deus não parecia ser algo inapropriado. E o azeite de oliva era uma mercadoria valiosa na Igreja Ortodoxa Grega - usada nas lamparinas do santuário. Por isso, fiz o voto.

Cerca de uma semana depois, um homem da embaixada do Canadá telefonou para meu pai e disse: "Sr. Hinn, deu tudo certo - não me pergunte como. Toda a sua papelada está em ordem e o senhor pode partir quando estiver pronto."

Quase que de imediato, vendemos nossos bens e fizemos os preparativos para uma nova vida na América do Norte.

Não éramos uma família rica. As despesas com a viagem de avião para um novo país e com uma casa estavam além de nossa capacidade. Vários milagres fizeram da mudança para o Canadá algo possível. A Igreja Ortodoxa Grega colocou-nos em contato com agências que ajudaram a custear a nossa viagem - fundos que restituímos depois que nos estabelecemos em Toronto. Depois, nossos vizinhos, a família Bahou, tinham contato com uma agência de viagens que nos ajudou com as passagens. Além disso, os oficiais israelenses com os quais meu pai trabalhava gratificaram o governo do Canadá, atestando a confiabilidade de Costandi Hinn.

Meu pai estava no vigor da idade, em seus quarenta e poucos anos, com um futuro bom e estável - contudo, colocou sua família em primeiro lugar. Sacrificou seu futuro e abriu mão de seus sonhos para que pudéssemos ter os nossos.

Durante aqueles últimos dias na Terra Santa, minha pele formigava de emoção. Não sei como nem por que, mas eu sentia que um grande amanhã estava a nossa espera.

Jonas deixou o porto de Jaffa e o resultado foi a salvação de Nínive. Pedro ouviu a voz de Deus em Jaffa e espalhou a mensagem à Cesaréia e aos confins da terra.

Eu não passava de um menino. Contudo, quando o enorme avião a jato deixou o aeroporto de Tel Aviv, senti um nó na garganta. Me perguntei: *Será que verei aquelas maravilhosas freiras católicas que me ensinaram com tanto amor? Será que voltarei a ver o padre Gregorios?*

Quando o avião fez a volta e nós sobrevoamos as águas azuis do Mediterrâneo, olhei para trás e dei o último adeus à única pátria que conhecia.

## CAPÍTULO 5

### Do QUIOSQUE ÀS CATACUMBAS

Quando a família Hinn passou pela alfândega em Toronto, não havia nenhum tapete vermelho nem banda de música. Éramos imigrantes que entravam tranqüilamente em uma nova terra e que estavam diante de um futuro incerto. Chegamos com as roupas nas costas, alguns bens nas malas e pouco dinheiro do que havíamos vendido em Jaffa - suficiente apenas para nos mantermos por pouco tempo.

Meu pai não tinha nenhuma promessa de emprego e nós morávamos em um pequeno apartamento alugado. Que choque foi vim parar, de repente, em uma cultura "estrangeira". Pensei que soubesse um pouco de inglês com os programas de televisão norte-americanos a que assistia quando criança, mas era assustador se ver totalmente cercado por esta nova língua.

Meu pai, que falava melhor o inglês do que qualquer membro de nossa família, preencheu uma ficha de emprego e conseguiu um trabalho como vendedor de seguros.

Nunca saberei se foi pela pressão de sustentar uma família grande ou se por sua autoconfiança em conhecer pessoas, mas meu pai logo se tornou um sucesso em sua nova profissão. Só alguns meses depois de chegar no Canadá, nós nos mudamos para nossa casa própria - em Crossbow Crescent, na região de North York, em Toronto, não muito longe da nova Fairview Mall. Estávamos todos orgulhosos de



nossa nova vizinhança.

Em vez das idas à praia nos sábados, agora havia os piqueniques na ladeira gramada de um parque próximo aos domingos. Sempre estávamos juntos de dois irmãos de meu pai - Elias e Raouf - e suas famílias. Elias mudou-se para Toronto depois de passar pela Bélgica, e Raouf (com sua esposa e treze filhos) veio para o Canadá direto de Jaffa. Os homens fumavam e falavam sobre política, as mulheres fofocavam e nós íamos atrás de nossos primos pelo parque.

Pelo menos uma vez por mês, havia uma festança em nossa casa onde todos relaxavam e dançavam ao som conhecido da música árabe.

## "Você ESTÁ CONTRATADO!"

Pela primeira vez em minha vida freqüentei uma escola pública - a Escola de Segundo Grau Georges Vanier. E, uma vez que a maioria dos alunos de minha idade trabalhava meio período, era isso o que eu queria fazer.

Na Fairview Mall, havia um pequeno quiosque que vendia cachorros-quentes e sorvete. Embora eu não tivesse experiência profissional, o chefe disse: "Você está contratado!" Por isso, era ali que você podia me encontrar todos os dias depois da escola.

Em meu primeiro dia de pagamento, levei o pequeno cheque para casa e, com orgulho, mostrei-o para minha mãe. "Veja. Este é para mim. Tem o meu nome nele!"

No sábado seguinte, entrei em uma quitanda e perguntei ao gerente: "Onde posso encontrar azeite de oliva? Preciso do maior jarro ou frasco que vocês tiverem." Ele encontrou o que eu estava procurando.

Na manhã de domingo, entrei, orgulhoso, na igreja ortodoxa grega e cumpri o voto que havia feito para Deus em Jaffa. Coloquei o azeite em frente do altar e disse rapidamente: "Obrigado, Senhor. Obrigado porque tu nos trouxeste em segurança para o nosso novo lar."

## BOB Pirou?

Por causa de meu defeito na fala, eu não era muito de conversar no quiosque - mas, naturalmente, aprendi a servir sorvete. Meu colega de trabalho se chamava Bob.

"O que é isto?", perguntei a ele quando cheguei um dia no trabalho, em 1970. A barraca parecia estranha. Em todas as paredes ele havia pregado pequenas tiras de papel com versículos bíblicos. Pensei: *Este sujeito pirou!*

Antes, Bob havia me dito que era meio cristão - muito diferente de um ortodoxo grego. *Por que todos estes versículos bíblicos?*, eu queria saber. *Eles são para mim? Eu provavelmente conheço melhor a Bíblia do que ele!*

Fui vencido pela curiosidade e acabei por perguntar: "Por que os pedacinhos de papel?" Foi a abertura que ele estava esperando. Quase que no mesmo instante, Bob começou a falar de Jesus para mim - e como ele havia morrido na cruz por meus pecados. Pensei que ele

nunca mais pararia; e, quando ele finalmente parou, decidi ficar o mais longe possível deste maluco.

Não funcionou. A não ser que eu deixasse o emprego, teria de ficar naquela barraca de sorvete com ele todas as tardes.

Bob era inflexível. Repetidas vezes ele mencionava o assunto de religião - e até mais - ele constantemente falava coisas do tipo "nascer de novo" - algo que não fazia parte da visão que eu tinha das Escrituras.

Dei um suspiro de alívio quando Bob, finalmente, saiu do emprego no quiosque. Muitos de seus amigos "ganhadores de almas", no entanto, freqüentavam o meu colégio e, durante os dois anos seguintes, eu os evitava sempre que possível. Eu pensava: *Que bando de malucos!*

A visão de religião que eles tinham parecia completamente oposta à que me havia sido ensinada pelas freiras católicas e pelo sacerdote ortodoxo.

Deus, no entanto, encontrou uma forma de prender a minha atenção.

## UM ABISMO SEM FIM

Durante meu último ano no Georges Vanier, pela segunda vez em minha vida, tive um encontro com o Senhor. Foi na forma de um sonho inesquecível.

Em Jaffa, quando eu tinha 11 anos, a visão de Jesus ao meu lado causou uma inapagável impressão em mim. No entanto, agora, em Toronto, meu estilo de vida era diferente. Eu não estava envolvido no estudo das Escrituras. Sim, eu ainda freqüentava a igreja, mas o que eu estava para experimentar veio como uma surpresa - totalmente inesperada.

Deixe-me relatar o que aconteceu em meu quarto naquela noite fria em fevereiro de 1972, quando eu tinha 19 anos.

A medida que o sonho se desenrolava, eu me via descendo uma longa escadaria escura. O caminho era íngreme - tão íngreme que pensei que cairia. E ele estava me levando para um abismo profundo, sem fim.

Além disso, eu estava acorrentado a um prisioneiro a minha frente e a outro atrás de mim. Estava usando roupas de um condenado. Havia correntes em meus tornozelos e em volta de meus pulsos. Então, até onde eu podia ver à frente e atrás de mim, havia uma fila de cativos que não tinha fim.

O poço estava pouco iluminado, mas, em meio ao nevoeiro, vi inúmeras pessoas baixas se movendo ao redor. Eu não conseguia ver os rostos delas, e seus corpos mal podiam ser vistos. Elas pareciam duendes com orelhas com um formato esquisito - e nós estávamos sendo puxados escada abaixo por elas. Era como se fôssemos um rebanho sendo levado para o matadouro - ou talvez ainda pior.

Então, em uma fração de segundo, o anjo do Senhor apareceu. Era algo glorioso de ser contemplado. E o ser celestial pairou pouco à frente de mim, só a alguns passos de distância.

Que visão! Um anjo lindo e resplandecente no meio daquele

buraco escuro e medonho.

Quase que no mesmo instante, o anjo olhou nos meus olhos e fez um sinal com a mão para que eu me juntasse a ele. Meus olhos estavam cravados nos dele, e comecei a andar em sua direção. De repente, os grilhões caíram de minhas mãos e pés. Eu não estava mais acorrentado aos meus companheiros de prisão.

O anjo logo me conduziu a uma porta aberta e a um local lindamente iluminado. E no momento em que passei pela porta, o ser celestial pegou-me pela mão e me deixou na Don Mills Road - próxima à esquina da Escola Georges Vanier. Ele me deixou a alguns metros do muro da escola, bem ao lado de uma janela.

Dentro de um ou dois segundos, o anjo desapareceu.

Eu me perguntei: *O que tudo isto significa?*

## PODE FAZER MAL?

Na manhã seguinte, acordei cedo e fui correndo para a escola antes de as aulas começarem. Eu precisava estudar na biblioteca. Estava sentado a uma mesa grande, concentrando-me em meu trabalho, quando um pequeno grupo de alunos se aproximou. Imediatamente, eu soube que eram os mesmos meninos que vinham com aquele papo de Jesus para o meu lado.

"Você gostaria de participar conosco de nossa reunião de oração matutina?", um deles perguntou. Eles apontaram para uma sala que ficava fora da biblioteca. Pensei: *Bem, talvez eu consiga tirá-los do meu pé se concordar. Afinal, uma pequena reunião de oração não vai me fazer mal.*

"Tudo bem", eu disse enquanto eles me acompanhavam até a sala. Não era um grupo grande, só doze ou quinze estudantes. Minha cadeira, no entanto, estava bem no meio.

De repente, cada membro do grupo levantou as mãos para o alto e começou a orar em línguas que eu nunca havia ouvido antes. Meus olhos ficaram do tamanho de um pires. Estes eram alunos que eu havia conhecido em minhas aulas - e agora eles estavam conversando com Deus com sons que eu não entendia.

Até aquele momento de minha vida, eu nunca havia ouvido falar em falar em línguas, e estava espantado. Lá estava eu, em uma escola pública, cercado por um bando de fanáticos, sem compreender aquilo. Tudo o que eu podia fazer era observar.

Então, um ou dois minutos depois, algo incrível aconteceu. Lá no meu íntimo brotou um súbito desejo de orar - lamentavelmente, eu não sabia o que dizer. Oh, toda noite eu rezava para Maria, José e todos os santos, mas a "Ave-Maria" não parecia apropriada para o que eu estava sentindo.

Em meus anos de ensino religioso, nunca haviam me ensinado a "oração do pecador."

Minha mente lembrou-se de Bob no quiosque, dizendo: "Você tem de conhecer Jesus. Você tem de conhecê-lo!

Conhecê-lo? Eu pensei que já o conhecesse.

## "VOLTE"

Eu estava pouco à vontade. A minha volta estavam alunos perdidos na adoração - contudo, ninguém estava orando comigo, nem mesmo por mim. Sem sombra de dúvida, esta era a atmosfera espiritual mais forte com a qual eu havia me deparado.

A idéia de que eu era um pecador nunca passou pela minha cabeça. Eu era um católico devoto que rezava todas as noites e confessava, precisasse ou não.

No meio daquela sala, fechei os olhos e falei três palavras que mudaram a minha vida para sempre. Em voz alta, eu disse: "Senhor Jesus, volte."

Eu não fazia idéia do porquê aquelas foram as únicas palavras que saíram de minha boca. Mais uma vez, eu disse: "Senhor Jesus, volte."

O que isso significava? Será que eu achava que Jesus havia se afastado de minha vida? Eu não tinha respostas. Contudo, no instante em que eu disse aquelas palavras, veio algo sobre mim que me levou a sentir novamente a dormência que havia sentido quando tinha 11 anos de idade. Não foi tão intenso, mas senti a voltagem daquela mesma força passando por meu corpo. Então, eu disse para o Senhor: "Vem para o meu coração." E que momento glorioso foi aquele!

O poder de Deus estava me purificando de dentro para fora. Eu me senti completamente limpo e puro.

De repente, em um momento, vi Jesus. Lá estava ele. Jesus, o Filho de Deus.

Os alunos continuaram a orar - sem saber o que estava acontecendo em minha vida. Então, um a um, eles começaram a sair da sala em direção às suas salas.

Olhei para o relógio. Faltavam cinco minutos para as 8 horas. Ali estava eu sentado, chorando - sem saber o que dizer ou fazer.

Naquela sala de aula, embora eu não entendesse plenamente o que estava acontecendo, Jesus tornou-se tão real para mim quanto o chão debaixo de meus pés. Minha oração havia sido tão simples, contudo, eu sabia que algo extraordinário havia acontecido naquela manhã de segunda-feira de fevereiro.

Atravessei correndo o corredor - quase atrasado para minha aula de História, um de meus assuntos favoritos. Naquele semestre, estávamos estudando a revolução chinesa. Poderia ter *sido qualquer* revolução, pois, naquela manhã, não ouvi nenhuma palavra que a professora dizia. O que havia acontecido alguns minutos antes não saía de minha cabeça. Quando eu fechava os olhos, lá estava Jesus. Quando eu os abria, lá ainda estava Jesus. Nada podia apagar a imagem do rosto do Senhor que continuei a ver naquele dia.

Tenho certeza de que alguns alunos queriam saber por que eu estava enxugando as lágrimas de meus olhos. Tudo o que eu podia dizer era: "Jesus, eu te amo!...Jesus, eu te amo!"

Quando saí da escola, fui pela calçada até a esquina e olhei de relance para a janela da biblioteca. No mesmo instante, tudo começou a fazer sentido - o anjo, o sonho -, as fichas começaram a cair.

Eu me perguntei: *O que Deus está tentando dizer para mim? O que está acontecendo em minha vida ?*

## ABRINDO O LIVRO

Em meu quarto havia uma grande Bíblia de capa preta. Não consigo me lembrar de onde ela veio; era minha fazia anos. Na verdade, era a única Bíblia em nossa casa.

Tenho certeza de que as páginas não haviam sido viradas desde a nossa chegada no Canadá, mas eu agora era atraído a ela como um ímã. Sentei na beira de minha cama, abri o livro sagrado e orei: "Senhor, tu tens de mostrar-me o que aconteceu hoje."

Fui para o Novo Testamento - os Evangelhos - e comecei a absorver as Escrituras feito uma esponja. Eu não havia percebido até então, mas o Espírito Santo estava se tornando meu professor.

Aqueles alunos na reunião de oração não vieram correndo até mim e disseram: "Agora, eis aqui o que a Bíblia diz." Na verdade, eles não faziam idéia do que havia acontecido durante as últimas vinte e quatro horas.

Então, havia meus pais. Temendo a reação deles, eu não disse uma palavra para minha mãe nem para meu pai.

Fazia poucos minutos que eu estava lendo a Bíblia quando me vi dizendo em voz alta novamente: "Jesus, entrego tudo a ti. Por favor, Senhor Jesus, tira tudo de mim".

Em cada versículo, o plano de salvação estava se tornando uma realidade. Continuei a dizer para mim mesmo: "Nunca vi isso antes!" Ou: "Eu não sabia que isso estava na Bíblia." As Escrituras adquiriram vida e começaram a habitar em mim.

A tarde passou e, então, se fez noite. Não parei de ler aquela Bíblia preta antes das 3 ou 4 horas da manhã. Por fim, peguei no sono - com uma paz e segurança em meu coração que eu nunca havia conhecido.

Eu mal podia esperar o início das aulas na manhã seguinte. No momento em que encontrei aqueles "fanáticos", corri até eles e disse: "Ei, eu gostaria que vocês me levassem à sua igreja."

"Claro", eles disseram com um sorriso no rosto. "Nossa comunidade se reúne todas as quintas-feiras à noite e sabemos que você irá adorar."

## UM REBANHO INCOMUM

Eles o chamavam de "as Catacumbas" - contudo, é claro que não era um lugar escondido, nem subterrâneo. Eu estava totalmente despreparado para o que haveria de experimentar com os amigos que havia acabado de conhecer.

Esta era uma igreja diferente de qualquer uma que eu já havia freqüentado. Quando entramos no santuário da Catedral de São Paulo - uma igreja anglicana no centro de Toronto -, havia mais de dois mil jovens cheios de vida com as mãos levantadas para o alto - louvando a Deus, cantando e dançando na presença do Senhor.

Estes eram os dias do "Povo de Jesus" - e o salão estava cheio de "hippies" nascidos de novo, que ainda não haviam cortado seus cabelos. Eles pulavam para cima e para baixo - fazendo um barulho alegre para o Senhor. Era difícil para mim acreditar que um lugar como este realmente existia. Contudo, de algum modo, desde a primeira noite, eu me senti em casa. E, depois do que havia acontecido dois dias antes, também levantei minhas mãos e comecei a adorar a Deus.

Os pastores deste rebanho bastante incomum eram Merv e Merla Watson. Merv era um talentoso diretor de banda no colégio que havia tido uma experiência que transformou a sua vida por meio do Espírito Santo. Merla era uma talentosa compositora e líder de louvor. Alguns dos alunos de Merv perguntaram se ele os ajudaria a iniciar um clube para cristãos no campus. Eles decidiram chamá-lo de o "Clube das Catacumbas", porque acreditavam que os dias lembravam os tempos do império romano.

"Começamos apenas com seis crianças em uma escola com dezesseis mil", Merv contou para mim mais tarde. "Então, chegamos a mil, três mil, cinco mil, e mais." Watson tornou-se presidente do Christian Performing Arts (Artes Dramáticas e Musicais Cristãs) do Canadá, que produziu grandes festivais musicais. As Catacumbas continuavam a crescer - por fim, mudando-se para a Catedral de São Paulo para comportar as multidões.

O culto naquela noite durou mais de três horas, contudo era como se tivessem passado trinta minutos.

No final, Merv Watson anunciou: "Quero que todos vocês que gostariam de fazer uma confissão pública de seus pecados venham à frente. Vamos orar enquanto vocês pedem que Cristo venha para o seu coração."

Eu não entendia muito sobre o poder de Deus, mas, por dentro, estava latejando. Então, pensei: *Não acho que tenho de ir até lá porque já sou salvo*. Eu estava convencido de que o Senhor havia assumido o controle de minha vida faltando cinco minutos para as 8 horas na manhã de segunda-feira. Agora era quinta-feira.

Mas, de algum modo, não pude me conter. Comecei a atravessar o corredor o mais rápido possível. Uma voz dentro de mim falava: *Vá até lá*.

Ali, em um culto carismático em uma igreja anglicana, um católico professo de uma família ortodoxa grega fez uma confissão pública em que aceitava Cristo. "Jesus", eu disse, "estou te pedindo para ser o Senhor de minha vida."

Nada na Terra Santa poderia se comparar a isso. Jesus não era um ícone, nem uma imagem em uma catedral. Ele estava vivo e vivendo em mim - em Toronto!

Voltei para casa sorrindo o tempo todo. A presença do Senhor estava literalmente sobre o meu ser. Eu sabia que teria de contar para minha mãe o que havia acontecido com o seu filho de 19 anos - eu não tinha coragem para contar para meu pai.

"Mamãe, tenho boas notícias para você", cochichei. "Fui salvo."

Em uma fração de segundo, seu queixo caiu. Ela me fitou e exigiu

uma explicação: "Salvo de *quê?*"

"Confie em mim", respondi calmamente. "Você entenderá."

## **CAPÍTULO 6**

### **Isso TERÁ FIM?**

Era impensável!

Desde o momento em que acordei na manhã de sexta-feira e durante todo o dia, uma imagem continuou a passar diante de mim. A todos os lugares que ia - à escola, ao quiosque e naquela noite em casa - eu me via pregando.

Eu não estava em pé atrás de um púlpito em uma igreja da vizinhança. Em vez disso, havia grandes multidões reunidas, e eu estava diante delas, usando um terno. Meu cabelo estava cortado e bem cuidado, e eu estava andando de um lado para o outro do púlpito - proclamando com ousadia a Palavra de Deus. Era uma cena com a qual eu não podia me abalar.

Naquela tarde, vi Bob, o rapaz que trabalhava comigo na Fairview Mall - que, uma vez, havia enchido as paredes do quiosque de versículos bíblicos. "Você não vai acreditar no que aconteceu comigo

nesta semana", e logo lhe dei os detalhes de como eu havia tido um encontro com Jesus.

Então, compartilhei o fato de que eu me via pregando. "Bob, tem sido assim o dia todo. Não consigo apagar a cena em que estou pregando em grandes reuniões ao ar livre, em estádios, em igrejas, em salas de concertos." Continuei: "Há pessoas até onde os olhos conseguem ver. O que você acha que isso significa?"

Tenho certeza de que Bob deve ter se perguntado como é que eu seria capaz de me colocar diante de um público e falar. Suas palavras, no entanto, foram totalmente encorajadoras. "Só pode haver uma explicação", ele me disse. "Deus está preparando você para um grande ministério. Para mim, é maravilhoso."

## UM ESTRANHO

Em casa, a situação logo piorou, passando de algo pavoroso para um desastre. Desde o momento de minha conversão, toda a minha família começou a me hostilizar e ridicularizar. Era horrível.

Eu sabia que meu pai estava preocupado, mas a reação de minha mãe me surpreendeu. Ela sempre havia demonstrado tanto amor e afeição para comigo. Como sua atitude pôde mudar tão rápido - e tão drasticamente? Da noite para o dia, parecia que eu estava sendo tratado como um estranho - alguém que havia traído a família.

Meu maior crime não foi encontrar Cristo, foi quebrar a tradição. Duvido que o Ocidente alguma vez entenderá o que os povos do Oriente Médio pensam sobre este assunto. Ele é tratado como um pecado imperdoável que traz humilhação para a família.

"Você não percebe que está desonrando a nossa reputação?", meu pai repreendeu. "Benny, você está arruinando o nome de nossa família."

Por que eles se sentiam tão traídos pelo fato de eu ter "nascido de novo"? Como ortodoxos gregos, eles acreditam que são os *verdadeiros* cristãos - e eles têm documentos históricos que lhes dão apoio moral, com uma igreja que data desde a época de Cristo.

Sempre terei um profundo respeito por aqueles que participam da Igreja Ortodoxa Grega, e por outras ordens orientais do "alto clero". O respeito que eles dão às coisas sagradas é perfeito. O problema, no entanto, é aquele com o qual fui criado. A fé é rica em dogmas, formas e rituais, mas pobre em se tratando da presença de Deus ou da unção do Espírito Santo. Tudo o que eu havia visto me diz que eles estão mergulhados na tradição, mas não parecem entender a plenitude do Espírito.

O que eu havia descoberto agora era um Cristianismo *pessoal* - um Jesus que estava vivo em meu coração. Naquela manhã de segunda-feira, faltando cinco minutos para as 8 horas, minha vida foi transformada. Era algo que minha família simplesmente não podia compreender.

Da tempestade que se formou, eu sabia que tinha duas escolhas: reprimir minhas conversas sobre Cristo ou ser expulso de casa. Nada, no entanto, poderia apagar a chama que agora estava queimando em meu coração.



Quando, reservadamente, falei de minha experiência com Jesus para Chris, Willie e Henry, eles foram correndo até meu pai e disseram: "Pai, este país está deixando Benny louco!". Então, quando acrescentei que estava sendo chamado para pregar o Evangelho, aquilo foi ainda pior. "Primeiro, você não fala inglês", eles me repreenderam. "E segundo - você não fala!" Eles riram escandalosamente e me insultaram: "Benny, um *pregador*" Você *nunca* será um pregador.

Meu irmão caçula, Michael, não entendia toda a confusão, pois só tinha 3 anos na época. Ele nasceu um ano depois de deixarmos Israel - o único canadense legítimo na família.

## "Você FARÁ O QUE EU DIGO!"

Que grande mudança aconteceu em minha vida. Logo cedo, minha grande Bíblia já estava aberta e eu estava bebendo da Palavra. Meu maior interesse naquele último semestre do colégio não era mais História, Teatro ou Francês. Eu só queria participar daquelas reuniões de oração e passar tempo com meu crescente círculo de amigos nascidos de novo. E eu não tinha timidez para compartilhar meu testemunho no quiosque na Fairview Mall.

A noite, eu dava qualquer desculpa para sair de casa, para que pudesse ir correndo me encontrar com os jovens ou ir para uma reunião de oração. Toda quinta-feira à noite, quando possível, eu voltava às Catacumbas.

O nervosismo que eu sentia na presença de meu pai era quase indescritível. Quando descobriu a frequência com que eu estava indo aos cultos na igreja, ele gritou: "Por que você quer fazer isso? Por quê?" Meu pai, na verdade, acreditava que eu estava ficando louco.

Papai procurou um de seus amigos e combinou com o homem que me contratasse para trabalhar na fábrica dele. Em sua opinião, eu não tinha escolha sobre o assunto. "Benny", meu pai disse para mim com firmeza, "você é meu filho, vive em minha casa e fará o que eu digo."

Na verdade, a idéia era: "Vamos fazê-lo trabalhar horas a fio que ele não terá tempo para ir à igreja."

Meu pai levou-me à fábrica e esperou enquanto entrei para fazer a entrevista. No entanto, eu soube, em um instante, que isto não era para mim. O chefe era um dos homens mais turrões e desprezíveis que já conheci. Pensei: *Sem chance de trabalhar para este homem.*

" Bem, quando você começa?", meu pai quis saber quando voltei para o carro.

"Pai", respondi, "eu nunca poderia ter aquele homem como chefe. Não vou trabalhar lá. Vou continuar a trabalhar no quiosque."

Para ser sincero, senti pena de meu pai naquele dia. Ele se irritou comigo. "Filho", ele disse, "o que você quer que eu faça para você? Diga para mim. Farei qualquer coisa que você me pedir se você simplesmente deixar este seu Jesus."

Eu me virei para meu pai e respondi: "O senhor pode fazer qualquer coisa que quiser, mas eu preferiria morrer a abrir mão do que encontrei."

Quase que de imediato, o clima ficou feio. Houve outro ataque de escárnios e desprezo.

## ELE ESTAVA CHOCADO!

À medida que os meses se passavam, a comunicação com meu pai era cada vez menor. A mesa do jantar, eu era totalmente ignorado. Ele agia como se eu não estivesse presente.

Aos poucos, a atitude de minha mãe amoleceu. Ela fazia o possível para promover a paz, mas eu sabia que o assunto da religião era um tabu. Mamãe ganhava alguns dólares extras fazendo reformas em roupas e muitas vezes me dava dinheiro para as despesas.

Ir a uma reunião de oração, ou a um culto de jovens, passou a ser um problema cada vez maior. Uma das únicas vezes em que meu pai falou comigo foi para dizer: "Não mesmo", quando pedi permissão para ir à igreja. Em nossa cultura, desobedecer aos pais era algo impensável.

Como um filho que ainda vivia sob o teto dos pais, eu fazia tudo que estava ao meu alcance para ser obediente. Era por causa do respeito que eu perguntava: "Posso ir à reunião hoje à noite?"

"Não", ele resmungava. E eu subia para o meu quarto para orar: "Por favor, Senhor, faça com que ele mude de idéia." Então, eu voltava e perguntava novamente.

Uma vez, ele me advertiu: "Você pode ir àquela sua igreja, mas, se mencionar o nome de Jesus mais uma vez, você desejará não o ter dito!". Ele ameaçou me colocar para fora de casa.

Várias semanas depois, em casa, em um dia em que eu estava me deleitando no que o Senhor estava fazendo em minha vida, eu disse sem pensar: "Oh, obrigado, Jesus."

Meu pai veio até mim e me deu um tapa no rosto. "Você se lembra do que eu lhe disse?", ele murmurou.

A dor que senti não foi por causa do tapa. Eu estava sofrendo pela família que eu tanto amava - uma família pela qual eu orava para que, um dia, conhecesse e amasse Jesus como eu.

Com o passar do tempo, sabendo que eu não desistiria, meu pai amoleceu um pouco.

## PROCURAR UM PSQUIATRA?

Espiritualmente, eu estava me deleitando à mesa de um banquete.

As Catacumbas sempre traziam pregadores notáveis e convidados especiais - que às vezes não chegavam ao púlpito por causa do espírito de louvor e adoração que descia como uma nuvem poderosa. Havia noites em que a banda começava a tocar no Espírito - violoncelo, violas, trompetes, bateria e um órgão com cinco fileiras de tubos - alguns dos sons mais lindos que já ouvi.

Você nunca sabia o que esperar naqueles cultos. Uma noite, um grupo da "Igreja de Satã" apareceu para criar confusão e, no entanto, três de seus integrantes foram chorando em direção ao altar em busca de salvação!

Garotos abandonavam o vício das drogas. Milhares de vidas eram transformadas.

Aos domingos, comecei a freqüentar uma igreja pastoreada por Maxwell Whyte, um notável professor da Palavra de Deus que se tornou meu mentor espiritual. O pastor Whyte foi o ministro que me batizou nas águas.

Em casa, meus irmãos continuavam a rir de mim. Zombavam dos cristãos carismáticos e riam da idéia de eu me tornar, algum dia, um pregador. Quanto mais isso persistia, mais eu orava: "Senhor, isso terá fim? Eles virão a te conhecer?"

De algum modo, meu pai descobriu que eu estava falando do Senhor para minha irmãzinha, Mary. Explodindo de raiva, gritou: "Nunca mais fale destas coisas para ela!"

O único membro da família com quem eu podia conversar era o pequeno Michael.

Para meus pais, a situação era desesperadora. A mãe de meu pai veio de Jaffa para visitar-nos e tentou convencer-me a renunciar à fé que eu havia acabado de descobrir. "Benny, você é uma vergonha para o nome da família", ela disse. "Você não entende a vergonha que está causando?"

Desesperado, meu pai até marcou uma consulta para mim com o psiquiatra. E qual foi a conclusão do médico?

"Talvez seu filho esteja passando por uma fase difícil. Ele sairá dessa."

Olhando para trás, o muro que me separava de meus pais devia estar no plano de Deus. Esse muro me fez passar centenas de horas em meu quarto - sozinho com Deus. Eu orava, adorava a Deus e estudava a Palavra. Havia um firme alicerce sendo estabelecido em minha vida - um alicerce do qual eu certamente precisaria nos dias que estavam por vir.

No final de 1973, Merv e Merla Watson chamaram-me de lado e disseram: "Benny, temos observado a sua vida e cremos que Deus quer usá-lo. Gostaríamos que você se tornasse membro de nossa equipe de louvor e adoração nas Catacumbas."

Lágrimas brotaram de meus olhos quando eu disse: "É claro!" Mesmo não tendo habilidade para falar em público, eu sabia que Deus havia me chamado para o ministério - e este foi o começo.

Na próxima quinta-feira à noite, eu estava no púlpito da Catedral de São Paulo. Minhas mãos estavam levantadas para o alto enquanto nossa equipe ajudava a conduzir aquele grande público ao Senhor por meio de louvores. E eu me lembro da noite em que senti o Espírito levar-me a falar um salmo, deixando que o Senhor me desse as palavras no Espírito. Mesmo com minha deficiência no falar e não tendo domínio da língua, eu sabia que Deus estava me usando.

## "É Claro QUE IREI"

"Oh, foi tão bom ver você no púlpito na semana passada", disse Jim Poynter, um ministro da igreja Metodista Livre que parou para

comprar sorvete na Fairview Mall. Eu havia conhecido Jim há vários meses.

Enquanto conversávamos sobre as coisas do Senhor, Jim começou a falar para mim de uma viagem em um ônibus fretado que ele estava ajudando a organizar em que as pessoas participariam de uma das reuniões de Kathryn Kuhlman, em Pittsburgh.

Provavelmente não mostrei muito entusiasmo naquele dia porque eu a havia visto de relance na televisão e não me identifiquei de fato com ela. Eu achava que ela falava muito engraçado e até parecia um pouco estranha. Mas, uma vez que Jim era meu amigo, eu disse: "Parece que a viagem será boa. E claro que irei com você."

Na quinta-feira, faltando quase uma semana para o Natal de 1973, um ônibus lotado saiu de Toronto no meio da manhã. "Jim, você não faz idéia da confusão que foi com meu pai para eu fazer esta viagem." Depois de muito protesto, ele, relutante, deu sua permissão. Fora um acampamento de Escoteiros em Israel, eu não me lembrava, até este momento, de passar uma noite longe de minha família em toda a minha vida.

Jim Poynter, um homem de espírito manso, foi um dos melhores cristãos que já conheci. Ao longo dos anos, ele e a esposa, Marian, tiraram mais de sessenta pessoas das ruas e as ajudaram a mudar de vida. Muitas continuam a ser ministros, líderes empresariais cristãos e até reitores de universidade. Sentado ao meu lado no ônibus fretado rumo a Pittsburgh estava Alex Parachin, um ex-viciado em drogas a quem os Poynters estenderam a mão para ajudar. Ele, mais tarde, tornou-se presidente de uma estação de rádio cristã no Canadá.

A viagem para Pittsburgh deveria ter levado sete horas, mas tivemos de diminuir a velocidade por causa de uma súbita tempestade de neve. Não chegamos ao nosso hotel antes da 1 hora da manhã.

"Benny, temos de levantar às 5 horas", Jim disse para mim.

"Às 5 horas?", exclamei. "Por que tão cedo?"

"Se não estivermos do lado de fora das portas do prédio por volta das 6 horas, não conseguiremos lugar para sentar," disse Jim.

Na manhã seguinte, tive uma grande surpresa.

## **CAPÍTULO 7**

### **"ELE É TUDO O QUE TENHO!"**

Era difícil imaginar a cena. Antes de amanhecer, no meio da escuridão nas ruas do centro de Pittsburgh, centenas de pessoas estavam em pé naquele frio gélido e cortante. Elas enchiam a calçada e os degraus que levavam à Primeira Igreja Presbiteriana -e as portas ainda levariam duas horas para se abrir!

Quando Jim Poynter acordou-me uma hora antes, vesti cada peça

de roupa quente que pude encontrar - incluindo botas para neve, um suéter de lã, um casaco grosso e luvas de couro.

Uma vez que meu tamanho era menor que o de Jim, comecei a me aproximar das portas - certificando-me de que ele estava bem atrás de mim. Quando os primeiros raios de sol começaram a iluminar a cena, devo ter dado a impressão de que estava surpreso em ver pessoas dormindo nos degraus. Uma mulher que estava em pé ao meu lado comentou: "Elas ficaram aqui a noite toda. É assim todas as vezes!"

De repente, quando me levantei ali, tive uma sensação muito incomum. Meu corpo começou a vibrar - como se uma pessoa tivesse me colocado nos ombros e começado a me sacudir. Por um segundo pensei que o frio cortante estava me pregando uma peça. Contudo, eu estava com muitas roupas quentes e não sentia frio de um modo anormal.

O tremor que vinha sobre mim era incontrollável e não parava. Era um tremor que eu nunca havia sentido. Eu não queria contar para Jim, mas meus ossos estavam tremendo. Eu podia senti-lo em minhas pernas, na cabeça e por todo o meu corpo. Eu me perguntei: *O que, afinal, está acontecendo? É possível que isto seja o poder de Deus?*

*Enquanto o tremor continuava*, as portas do santuário estavam para se abrir e a crescente multidão de pessoas estava agitada. A minha preocupação era de que aquelas pessoas que agora estavam me apertando também pudessem sentir o tremor.

Jim deu-me um conselho no último minuto: "Benny", ele disse, "quando as portas se abrirem, corra o mais rápido que puder."

Perguntei: "Porquê?"

Eleja havia estado nestas reuniões antes e me avisou: "Se você não correr, as pessoas passarão por cima de você."

Prestei atenção em seu conselho e, quando as portas da Primeira Igreja Presbiteriana se abriram, passei correndo por todas as pessoas que estavam à vista - porteiros, idosos, jovens - e logo cheguei à frente do santuário.

Quando tentei me sentar, no entanto, um porteiro anunciou: "O senhor não pode se sentar aí. Esta fileira está reservada." Mais tarde, descobri que a equipe da senhorita Kuhlman havia selecionado com cuidado as pessoas que se sentariam na primeira fila. Ela era extremamente sensível ao Espírito e só queria à sua frente intercessores de seu ministério que lhe apoiassem.

Infelizmente, a segunda fileira já estava cheia; apesar disso, Jim e eu conseguimos um bom lugar na terceira fileira.

## AINDA TREMENDO

O culto demoraria ainda uma hora para começar, por isso, tirei meu casaco grosso, as botas e as luvas, e relaxei. Percebi que o tremor que havia começado lá fora persistia ali dentro - ainda mais visível do que antes. Agora eu podia sentir as fortes pulsações e vibrações subindo e descendo por meus braços e pernas. Era como se elas estivessem ligadas a algum tipo de máquina. Era uma experiência tão

incomum para mim que fiquei assustado.

O organista começou a tocar, mas prestei pouca atenção. Todos os meus pensamentos estavam voltados para este tremor que estava me afetando da cabeça aos dedos dos pés. Não, eu não me sentia doente, ou como se estivesse sendo acometido por um vírus. Era exatamente o contrário - e quanto mais persistia, maior era a sensação de beleza e de paz. Todo temor e ansiedade se foram de mim.

Olhei para cima e, sem ser anunciada, Kathryn Kuhlman apareceu. Quase que no mesmo instante, a atmosfera daquela sala ficou elétrica.

Para ser sincero, eu não fazia idéia do que esperar. Não ouvia vozes nem anjos celestiais cantando - a única coisa que eu sabia era que meu corpo estava tremendo havia três horas.

## UMA BRISA SUAVE

A senhorita Kuhlman conduziu o público no hino "Grandioso És Tu." Espontaneamente, fiquei em pé, levantei as mãos até onde consegui e comecei a cantar com toda a minha força:

Então minha alma canta a ti, Senhor: Grandioso és tu! Grandioso és tu!

Meu rosto ficou molhado - nunca lágrimas brotaram tão rápido de meus olhos. Senti que havia subido à presença de Deus.

Eu não estava cantando como normalmente cantava na igreja; eu cantava com todo o meu ser. E, quando chegamos às palavras: "Então minha alma canta", elas literalmente ecoavam de minha alma.

Eu me entreguei tanto ao louvor que mal percebi que meu tremor havia desaparecido - ele havia cessado por completo.

Nos minutos seguintes daquela reunião, pensei que havia deixado este planeta - arrebatado para os átrios do céu. A adoração ia muito além de qualquer coisa que eu havia experimentado em Toronto. Só posso descrevê-la como estar frente a frente com a pura verdade espiritual. Eu não fazia idéia do que os outros estavam sentindo; apenas sabia que estava tendo um encontro com o próprio Deus.

Enquanto a maravilhosa adoração continuava, senti uma brisa suave começar a soprar. E, de mãos ainda levantadas, adorando ao Senhor, abri rapidamente os olhos para ver de onde estava vindo esta corrente de vento. Era uma brisa leve - muito suave, muito branda.

Levantei a cabeça e olhei para as janelas de vidro colorido. Não estavam abertas e, além disso, eram altas demais para que entrasse tal corrente de ar.

O que era esta brisa incomum? Em muitos sentidos, era como uma corrente de ar - descendo por um de meus braços e subindo pelo outro.

Eu me perguntei: *O que está acontecendo? Será que tenho coragem para dizer a alguém o que sinto? As pessoas nunca entenderiam isto.*

As ondas daquele vento continuaram a me limpar, ao que parecia, por dez minutos. Em seguida, senti como se meu corpo estivesse sendo enrolado em um cobertor quente e limpo.

## "TEM MISERICÓRDIA"

No púlpito, a senhorita Kuhlman começou a ministrar para as pessoas, embora eu mal percebesse. Eu estava totalmente perdido no Espírito - sentindo o Senhor mais perto de mim do que nunca em toda a minha vida.

Naquele momento, senti um forte desejo de conversar com o Senhor, mas tudo o que podia dizer, calmamente, era:

"Querido Jesus, por favor, tem misericórdia de mim." Tornei a falar aquelas palavras mais uma vez: "Jesus, por favor, tem misericórdia de mim."

Eu me sentia tão indigno daquele derramar do amor de Deus que estava recebendo. Senti-me como Isaías quando entrou na presença do Senhor. Ele clamou: "Ai de mim, que vou perecendo porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos!" (Is 6.5).

A mesma coisa acontecia quando as pessoas conheciam Jesus. Elas viam a sua própria imundície - e a sua desesperadora necessidade de serem purificadas. Naquele belo santuário, com uma famosa evangelista falando do púlpito, era exatamente isso o que estava acontecendo com Benny Hinn. Os holofotes do céu iluminaram o meu coração. Eu podia ver com clareza minhas falhas, minhas imperfeições, minhas fraquezas e meus pecados.

Repetidas vezes, supliquei: "Querido Jesus, por favor, tem misericórdia de mim."

De repente, ouvi a voz inconfundível do Senhor. Com delicadeza, Ele disse para mim: "A minha misericórdia abunda em você."

Desde o dia em que me tornei cristão, tenho orado ao Senhor. E agora Ele estava conversando comigo! Eu queria que esta comunhão durasse para sempre.

À medida que o culto avançava, continuei a clamar em silêncio, sem vergonha ou acanhamento. O que a vida tinha a oferecer jamais poderia se comparar a isso. Eu estava sendo transformado pelo Espírito e nada mais importava. É isso o que a Palavra descreve como "a paz... que excede todo o entendimento" (Fp 4.7).

Em meio a esta maravilhosa adoração, as palavras do Senhor continuaram a soar em meus ouvidos: "A minha misericórdia abunda em você."

## PORQUE ELA ESTÁ CHORANDO?

Jim Poynter e outros já haviam me falado dos incríveis milagres que aconteciam nos cultos da senhorita Kuhlman, mas eu não estava preparado para o que estava para testemunhar. Durante as três horas seguintes, as pessoas corriam para frente do auditório, ansiosas por darem testemunho das curas que estavam acontecendo - naquela mesma reunião.

Vi uma mulher levantar-se de sua cadeira de rodas. Pessoas que

eram surdas, de repente, podiam ouvir. Outras eram curadas de artrite, dores de cabeça, tumores e outras enfermidades.

Oh, que culto era aquele! Eu nunca havia ficado tão comovido e sido tão tocado pelo poder de Deus.

Enquanto a reunião continuava e eu estava orando em silêncio, percebi que tudo havia acalmado. Imediatamente, pensei: *Por favor, Senhor, não deixe esta reunião acabar.*

Quando ergui os olhos, a cabeça da senhorita Kuhlman estava entre as suas mãos - e ela começou a soluçar. A medida que seus soluços ficavam cada vez mais altos, cada pessoa na sala parava de se mover. Os porteiros não moviam um músculo. Todos os olhares estavam voltados para ela.

Eu me perguntei: *Por que ela está chorando?* Eu nunca havia visto um ministro com aquele tipo de reação - e depois me disseram que Kathryn nunca havia feito algo assim antes.

Seus soluços continuaram por um tempo que deve ter sido de dois minutos. Então, em um piscar de olhos, ela lançou o rosto para trás e seus olhos brilharam - ela estava alguns metros a minha frente.

Seu comportamento mudou no mesmo instante e ela teve uma certeza - uma santa ousadia.

Com grande emoção e poder, ela apontou o dedo para o público. Ao mesmo tempo, era possível ver as linhas de dor que marcavam seu semblante.

Tomada por uma angústia que era visível, e ainda soluçando, **ela** examinou a enorme multidão e disse: "Por favor" - esticando as palavras - "Por favor, não entristeça o Espírito Santo."

Ela estava literalmente implorando. "Por favor", suplicou, "não entristeça o Espírito Santo."

Seus olhos pareciam olhar diretamente para mim.

Enquanto ela falava aquelas palavras, eu estava imóvel, quase com medo de respirar. Eu estava com as duas mãos no banco da frente, perguntando para mim mesmo: *O que acontecerá em seguida?*

Então, a senhorita Kuhlman disse: "Você não entende? Ele é tudo o que tenho!"

Não entendi muito bem o que ela queria dizer com aquilo, mas ela continuou a suplicar. "Por favor! Não o magoe. Ele é tudo o que tenho. Não magoe aquele a quem amo!"

Ainda que eu chegue aos 120 anos, nunca me esquecerei daquelas palavras - e de como suas súplicas eram profundas.

## "MEU AMIGO MAIS PRÓXIMO"

Desde que me tornei um cristão nascido de novo, ouvi muitos evangelistas, ministros e professores falarem sobre o Espírito Santo - mas não desta forma. Seus ensinios tinham a ver com os dons do Espírito, línguas ou profecia - e nunca diziam: "Ele é meu amigo mais próximo, mais pessoal, mas íntimo, mais amado."

O que Kathryn Kuhlman estava dizendo? Ela falava de uma pessoa que era real, que estava viva. Em seguida, com muita ênfase, ela



apontou seu dedo comprido para a multidão e disse com grande confiança: "Ele é mais real para mim do que vocês - mais real do que qualquer coisa neste mundo!"

Naquele momento - quando ela falou aquelas palavras - algo penetrou o meu ser lá no íntimo. Mais uma vez, chorei e disse: Senhor, por favor, deixa-me conhecer-te desta maneira."

Uma vez que esta era minha primeira experiência em uma reunião assim, pensei que todos os presentes sentiriam o que eu sentia. Agora sei que Deus trata com cada um de nós de um modo individual - e estou convencido de que grande parte do que aconteceu naquele culto foi preparado por Deus para mim.

Se entendi plenamente tudo o que aconteceu naquele culto? Impossível. Contudo, não tive dúvida de que o poder e a realidade de Deus haviam transformado a minha vida.

Quase no final do culto, ergui os olhos e vi o que parecia ser uma névoa ao redor e sobre a cabeça da evangelista. Pensei por um instante que só eu estava vendo aquilo porque havia chorado muito - ou que se tratava de uma ilusão. Olhei novamente e era real. Através da névoa, seu rosto estava brilhando como uma luz.

Relembrando aquele dia incrível, não vejo que o Senhor estava tentando dar qualquer glória à senhorita Kuhlman. Estou convencido, no entanto, de que Ele usou aquela reunião para manifestar seu impressionante poder para mim.

As pessoas começaram a sair em fila, mas eu não queria sair daquele banco. Em vez disso, sentei-me para refletir no que havia acabado de acontecer. Pensei: *Oh, se minha família tão-somente experimentasse o que acabei de sentir.*

Eu poderia ficar ali o dia todo, mas o ônibus estava a nossa espera. Parei nos fundos do santuário, virando-me pela última vez. Pensei: "O que ela queria dizer? O que ela realmente estava dizendo quando se referiu ao seu amigo, o Espírito Santo?"

Durante todo o caminho de volta para Toronto, continuei a pensar: *Como o Espírito Santo podia ser tão real para ela? Ele realmente é uma pessoa?* Pedi a várias pessoas que me ajudassem a entender isso, mas elas não conseguiram.

Cheguei em casa completamente exausto - tendo dormido apenas quatro horas em dois dias.

Mas Deus ainda não havia terminado o assunto comigo.

## CAPÍTULO 8

### "Posso TE CONHECER?"

Cada osso de meu corpo desejava dormir, mas meus olhos estavam bem abertos - meu espírito ainda planava por causa deste dia incrível.

Então, quando me estiquei em minha cama, em Toronto, parecia que algo estava me arrastando. Eu estava sendo puxado para fora do colchão e levado a cair de joelhos. A sensação foi estranha, mas não resisti.

Naquele quarto escuro, eu soube que Deus estava agindo e que eu estava mais do que pronto para seguir a sua direção.

Meu coração estava cheio de perguntas, e eu não sabia muito bem por onde começar. Perguntei para mim mesmo: *Como posso ter aquilo que aquela evangelista em Pittsburgh experimentou?* Aquilo era o que eu desejava mais do que qualquer coisa neste mundo - experimentar a realidade sobre a qual Kathryn Kuhlman havia falado!

Desde o momento em que ela disse as palavras: "Ele é mais real do que qualquer coisa neste mundo," criei uma fome, um desejo de conhecer o Espírito Santo naquela mesma dimensão. Contudo, eu mal sabia por onde começar.

Naquela noite, de joelhos, três dias antes do Natal de 1973, eu soube, em meu coração, o que queria dizer, mas como poderia «apressá-lo?

## ESTÁ ACONTECENDO NOVAMENTE

Desde a infância ouvi falar do Espírito Santo. Ele fazia parte da Trindade, e era um membro da Divindade que devia ser adorado. Nunca pensei nele como uma pessoa a quem se deveria dirigir. Que palavras eu deveria usar? Por onde eu deveria começar?

Decidi começar da única forma que eu sabia - com meu simples vocabulário.

Em meu quarto na Crossbow Crescent Street, naquela noite, orei: "Espírito Santo, Kathryn Kuhlman diz que tu és amigo dela." Continuei: "Não acho que te conheço, embora, até hoje, eu achasse que te conhecia. Mas, depois daquela reunião, percebo que realmente não te conheço."

Com a fé de uma criança, perguntei: "Posso te conhecer? Eu realmente posso te conhecer?"

Eu estava muito preocupado com minhas palavras. Pensei: *O que estou dizendo está certo? Será que devo falar com o Espírito Santo desta forma?* Então, ocorreu-me o seguinte: *Se eu for verdadeiro e honesto, Deus irá mostrar-me se estou certo ou errado.*

Depois de minha tentativa pouco convincente de falar com o Espírito Santo, esperei - e esperei. Parecia não haver resposta. Ansioso, comecei a me perguntar: *Será que realmente existe esta experiência de conhecer o Espírito Santo? Será que isso realmente pode acontecer?*

Então, ajoelhando-me no chão, com os olhos ainda fechados, senti algo que parecia um choque elétrico. No mesmo instante, meu corpo começou a vibrar - quase a mesma coisa que senti nas duas horas em que fiquei no frio, do lado de fora da igreja em Pittsburgh - e o que senti por mais uma hora no santuário.

*Oh! Está acontecendo novamente,* pensei. Desta vez, no entanto, eu estava de pijama, no meu quarto aquecido. Todavia, era o mesmo

tremor.

Eu não queria abrir meus olhos. Parecia que tudo o que havia acontecido comigo no culto estava agora acontecendo de uma vez. Sim, eu estava tremendo, mas também sentia o cobertor macio e quente da presença de Deus enrolado em mim. Como o céu poderia ser mais maravilhoso?

Lá estava Ele - o Espírito Santo havia entrado no meu quarto. E Ele era tão real quanto a cama junto da qual eu estava ajoelhado. Nas próximas horas, passei chorando e rindo ao mesmo tempo. Era como se meu quarto tivesse subido ao próprio céu. Nada, em meus vinte e um anos, poderia se comparar a esta visitação. Foi uma alegria inexprimível!

Se minha mãe e meu pai - que estavam no corredor - soubessem a experiência que seu filho estava tendo, tenho certeza de que eles teriam me reprovado. Como poderiam entender?

## CONVERSANDO COM MEU AMIGO

Desde o momento em que o Espírito Santo se tornou real naquela noite, Ele deixou de ser um conceito vago, ou uma "terceira pessoa" invisível e distante da Trindade. Ele estava vivo - Ele tinha uma personalidade.

Quando, finalmente, abri os olhos, fiquei surpreso em perceber que eu ainda estava em meu quarto, ajoelhado no mesmo chão - o poder do Espírito de Deus ainda estava latejando em meu corpo.

Nas primeiras horas da manhã, caí no sono, sem saber do milagre que Deus havia realizado em mim.

O sol mal estava raiando naquela fresca manhã no Canadá -mas eu já estava bem acordado. Estava ansioso por conversar mais uma vez com meu mais novo amigo.

As primeiras palavras que saíram de minha boca foram: "Bom dia, Espírito Santo!"

No momento em que eu disse essas palavras, aquela mesma atmosfera espiritual permeou o quarto. O tremor e a pulsação se foram; senti o calor e a paz de sua presença.

Aquelas palavras pareciam tão naturais para mim. "Bom dia, Espírito Santo." Eu estava conversando com meu amigo - o mesmo amigo de quem Kathryn Kuhlman havia falado.

Fizeram-me a seguinte pergunta: "Foi naquela noite que você foi cheio do Espírito?"

Aquela experiência em meu quarto foi muito além do falar em línguas. Oh, sim, falei em uma língua celestial, mas o que estou compartilhando com você vai muito além de línguas. Fui cheio de Sua *presença*. Pela primeira vez, conheci a pessoa do Espírito Santo. E, daquele momento em diante, Ele se tornou meu conselheiro, meu companheiro, meu amigo.

## NÃO POR FORÇA

Depois de receber o Espírito naquele notável dia, abri minha Bíblia, sem saber por onde começar. Assim que virei a capa do Livro Sagrado, senti o Espírito Santo ali - como se estivesse sentado ao meu lado. Meus olhos não viam a sua face nem contemplavam seu semblante, mas eu sabia muito bem onde Ele estava em meu quarto. E, a partir daquele dia, comecei a conhecer a sua personalidade.

Por quase dois anos, desde que entreguei minha vida a Cristo, estudei diligentemente a Palavra de Deus. Agora, a Bíblia havia ganhado uma sustância incrível e uma dimensão totalmente nova. Quando eu tinha uma dúvida, dizia: "Espírito Santo, mostra-me isso na Palavra." E Ele o fazia!

Ele, por exemplo, me levou a ler João 16.14: "Ele me I glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar." E compreendi que Ele veio para glorificar e engrandecer Jesus.

Aprendi que somente o Espírito Santo pode revelar Jesus ao coração dos homens. "Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim" (Jo 15.26).

Eu queria saber por que Ele havia vindo, e Ele me mostrou estas palavras: "Nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (1 Co 2.12).

Dizer que a Bíblia passou a ter vida é um eufemismo. Agora entendo a autoridade das palavras: "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4.6).

Por meio das Escrituras, Ele confirmava a impressionante transformação que estava acontecendo em minha vida. Manhã após manhã, dia após dia, eu conhecia mais e mais meu amigo.

Para mim, a mudança mais drástica aconteceu em minha vida de oração. Eu disse: "Espírito Santo, uma vez que conheces tão bem o Pai, tu me ajudarias a orar?"

Com a direção do Espírito, comecei a invocar o Pai. Era como se eu tivesse sido pessoalmente apresentado ao Todo-Poderoso.

Lembro-me de ter dúvidas acerca da paternidade de Deus. O Espírito fez-me abrir a Palavra e me mostrou esta passagem: "Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Abba, Pai" (Rm 8.14,15).

Pensei no que Jesus disse acerca do Espírito Santo - que Ele seria o nosso consolador, mestre e guia. Agora este instrutor celestial havia se tornado meu amigo.

Pela primeira vez entendi a que Jesus se referia quando disse aos Seus discípulos que o seguissem - e então, mais tarde, Ele lhes disse que o Espírito Santo iria guiá-los a toda a verdade. Comecei a entender que somente o Espírito de Deus pode levaria seguir o Senhor.

Em meu quarto, eu estava recebendo uma educação melhor do que qualquer universidade ou seminário poderiam me oferecer. Meu professor era o próprio Espírito.

Durante dias, semanas e depois meses, minha busca por conhecer as Escrituras continuou e minhas perguntas estavam sendo respondidas. Além disso, eu sentia Sua força e poder. Houve momentos em que eu literalmente tive de apoiar-me na cama por causa da intensidade e do poder do Espírito Santo que eu sentia em meu quarto. Em outros momentos, Ele foi dócil e terno - e o amor que senti foi maior do que qualquer coisa que já conheci.

## O TREM

Meus pais logo reconheceram que algo anormal havia acontecido. Se você acha que eles estavam preocupados com minha conversão, deveria tê-los visto então! Se era confusão, temor ou condenação, não tenho certeza, mas senti que a raiva deles estava aumentando.

Do lado de fora de minha casa, a reação era totalmente oposta. Vários de meus amigos cristãos já estavam comentando o fato de que minha vida havia passado por uma grande transformação. "Definitivamente algo aconteceu com Benny," eles diziam para seus amigos.

Cerca de uma semana depois de meu encontro, Jim Poynter me levou ao apartamento de Alex Parachin e sua esposa. Alex fez a excursão para Pittsburgh conosco.

Eu vinha conversando com Jim por telefone sobre algumas das coisas milagrosas que haviam acontecido nos últimos dias -incluindo uma visão que Deus me dera.

"Conte para Alex o que aconteceu," Jim insistiu. "Conte para ele sobre sua visão."

Ao olharem para mim, estou certo de que os Parachins se perguntaram: *Como o Senhor poderia usar alguém como Benny?* Meus cabelos longos estavam bem presos debaixo de um gorro que descia apertado até as orelhas. Eles também sabiam que eu mal podia terminar uma sentença sem gaguejar.

Naquela tarde, na sala de jantar deles, compartilhei com eles uma visão muito incomum. "Eu estava viajando por uma estrada de ferro em um vagão que não tinha paredes," eu lhes disse. "Era simplesmente um vagão-reboque."

Expliquei que eu estava sentado no meio do vagão, que estava sendo puxado por uma potente locomotiva. "Sentado a minha volta estava um grande número de pessoas", eu disse. "De repente, o trem começou a pegar velocidade, andando cada vez mais rápido."

O passeio se transformou em um caos quando o trem começou a se partir nos cantos. "As pessoas começaram a cair do vagão," expliquei. "Contudo, permaneci no centro. E a única razão por que não tive o mesmo destino daquelas pessoas foi por causa de um poder que descia sobre a minha cabeça. Ele me mantinha em segurança no lugar enquanto a locomotiva ganhava velocidade."

A medida que continuei a explicar a visão, o Espírito Santo encheu de tal maneira aquela sala de jantar que Alex caiu no chão sob o poder de Deus.

Mais tarde, Jim conversou comigo acerca do que o Senhor lhe

havia revelado. Desde aquela primeira semana em que o Espírito envolveu a minha vida, Jim sentiu que eu me envolveria em um ministério muito singular. Ele disse: "Benny, Deus vai iniciá-lo no ministério com uma rapidez incrível. E haverá muitas pessoas que tentarão seguir este caminho, mas elas cairão na beira da estrada. Deus está me dizendo que, se permanecer junto dele, você ficará no centro - exatamente onde Ele quer que você esteja."

## ALGO QUE NÃO SE PODIA CONTER

Alguns dias depois, Jim Poynter perguntou se eu iria com ele a um culto que o Rev. Weldon Johnson - que estava começando uma nova igreja em uma escola - havia lhe pedido para realizar. O culto foi anunciado como de cura.

Muitos daqueles que estavam na congregação eram pessoas que haviam ido a Pittsburgh em um dos ônibus fretados que Jim havia ajudado a organizar. Um grande número deles era formado por letões.

Naquela noite, Jim conduziu os louvores com seu acordeão. Depois de um testemunho, ele chamou a frente aqueles que queriam receber um toque especial de Deus. Ele também pediu que eu me juntasse a ele no púlpito para ajudá-lo a impor as mãos sobre as pessoas.

Aleluia! Deus foi fiel. O Espírito que me ungira em meu quarto transbordou para aqueles que estavam por perto.

Agradeço a Deus por aqueles letões. Eles não só sentiram o poder de Deus, como também começaram a orar por mim como se eu fosse um de seus filhos. Mesmo antes de eu pregar, eles foram alguns de meus primeiros guerreiros de oração.

Lembro-me da tarde em que Jim e sua esposa convidaram-me para ir a uma igreja metodista onde eles realizavam uma reunião. Tendo passado o dia inteiro buscando a Palavra e me deleitando na unção do Espírito, pensei que aquela reunião seria um modo perfeito para encerrar o meu dia. Fiquei ansioso para ir.

Quando ouvi a buzina do carro de Jim, desci correndo as escadas, ainda sentindo a presença do Senhor sobre mim.

No momento em que saltei no banco da frente e fechei a porta do carro, Jim começou a chorar e a cantar o coro: "Aleluia! Aleluia!". Ele se virou para mim e perguntou: "Benny, você consegue sentir a presença do Espírito Santo neste carro?"

"Sim, consigo," respondi.

Jim mal conseguia dirigir. Ele continuou a chorar diante do Senhor.

## COMPLETAMENTE SURPRESO

"Você se importaria se eu prosseguisse?", perguntei para Alex Parachin, quando ele me disse que daria seu testemunho sobre como

fora liberto das drogas.

O culto estava acontecendo no Faith Temple (Templo da Fé), uma igreja pastoreada por Winston I. Nunes, um dos mais extraordinários ministros controlados pelo Espírito que já existiu. Ao final da reunião, o Dr. Nunes levantou-se e anunciou: "Sinto que Deus quer que estes jovens ministrem no púlpito esta noite, e não eu."

Mesmo eu não tendo participado do culto, Alex fez um sinal para que eu fosse à frente. Quando comecei a impor as mãos sobre as pessoas, o poder de Deus começou a cair. Fiquei espantado - completamente surpreso com o que Deus estava fazendo.

Enquanto isso, continuei a acompanhar Jim Poynter aos cultos de cura que realizava para Weldon Johnson - onde os letões freqüentavam. As multidões não só estavam crescendo, mas, certa noite, passamos de carro por lá e vimos uma enorme fila de pessoas do lado de fora da porta, esperando para entrar. Fiquei surpreso.

"O que está acontecendo?", perguntei para Jim.

"Posso lhe dizer uma coisa," Jim respondeu calmamente. "Corre a notícia por aí de que há um jovem chamado Benny que tem a unção do Espírito Santo sobre sua vida. Estas pessoas queridas só querem estar perto desta unção."

Aqueles preciosos letões foram os primeiros a sustentar o meu "ministério" - um ministério que de fato não havia começado.

Naquela noite, novamente, depois que Jim falou, a presença do Senhor se fez poderosamente em nosso meio. Oramos pelas pessoas e muitas foram grandemente abençoadas pelo poder de Deus.

O trem estava começando a se mover - e estava ganhando velocidade.

## **CAPÍTULO 9**

### **EU SERIA DEIXADO PARA TRÁS?**

Quando eu me lembro do que o Senhor fez, até meu trabalho como vendedor de sorvete foi parte de seu plano que me trouxe ao lugar onde estou neste momento. Veja, foi naquele pequeno estabelecimento que conheci Jim Poynter, que me falou sobre a evangelista cujo nome é Kathryn Kuhlman. Viajei com ele para um culto em Pittsburgh, na Pensilvânia, que transformou drasticamente todo o meu futuro.

Depois de meu trabalho na Fairview Mall, aceitei o cargo de arquivista da Diretoria da Escola Católica, em Toronto, onde o Senhor continuou a sua intensa obra em meu coração.

Quando eu saía de casa de manhã, o Espírito Santo ia comigo. As vezes, eu realmente sentia alguém ao meu lado. A caminho do trabalho, dentro do ônibus, muitas vezes sentia o desejo de começar a conversar com Ele. E eu começava a orar pela salvação daqueles que estavam no ônibus - o Espírito Santo me incomodava para orar pela alma deles.

No minuto em que meu dia de trabalho chegava ao fim, eu corria para casa para continuar minha comunhão com o Senhor. Meu quarto passou a ser um refúgio sagrado e, quando não estava trabalhando, muitas vezes ficava em casa só para ter comunhão com Ele.

O que quero é o que tenho neste momento," eu dizia para o "n"or naqueles dias. "Seja o que for, não deixes que se acabe."

Comecei a entender melhor o desejo do apóstolo Paulo de ter a "comunhão do Espírito Santo."

## UM TERRÍVEL INFERNO

Um dia de abril de 1974, perguntei ao Senhor: "Por que tu estás me abençoando assim?" e "Por que todas estas coisas estão acontecendo comigo?" Pois eu sabia que Deus certamente não manifestava Sua presença para promover piqueniques espirituais.

Então, de repente, com meus olhos bem abertos quando comecei a orar, vi alguém em pé na minha frente. Aquela pessoa estava sendo totalmente tragada por chamas e eu não podia dizer se era um homem ou uma mulher. Seus pés não estavam tocando o chão. A boca dessa pessoa abria e fechava - semelhante ao que a Palavra descreve como "ranger de dentes."

Quando vi essa pessoa em meio às chamas do tormento, clamei: "Não! Não! Não!" - sem saber por que dizia aquilo.

Naquele momento, o Senhor falou comigo com uma voz audível. Ele disse: "Pregue o evangelho."

Minha resposta foi: "Mas, Senhor, não posso falar".

Mais tarde, naquela noite, o Senhor me deu um sonho em que vi um anjo. Ele trazia uma corrente em sua mão, presa a uma porta que parecia preencher os céus. Ele abriu a porta e ali havia pessoas até onde os olhos podiam alcançar. Então, ele me levou a um lugar mais alto.

Olhando para aquela mesma multidão, vi que todas as pessoas estavam seguindo para um grande e profundo vale, que era um terrível



inferno de fogo. Era assustador. Aquelas que eram as primeiras da fila estavam tentando resistir, mas a multidão de gente as empurrava para as chamas.

Novamente, o Senhor falou de um modo muito claro e disse: "Se você não pregar, cada alma que cair será responsabilidade sua."

Esta foi a segunda vez que o Senhor havia deixado claro que eu deveria ministrar a sua Palavra - uma vez foi na época de minha conversão e agora por meio desta visão. Eu sabia que tudo o que estava acontecendo em minha vida tinha um único propósito: proclamar o Evangelho.

Alguém recentemente perguntou: "Benny, se você não tivesse conhecido Jesus, como você acha que teria sido a sua vida?"

Quando eu tinha 17 ou 18 anos, eu acreditava que, algum dia, entraria para a política, ou talvez encontraria um emprego no ramo de viagens. Graças a Deus, tudo isso foi reorganizado quando Cristo se fez real - e me mostrou o meu futuro.

## "QUERIDO DIÁRIO"

Durante estes momentos importantes, eu escrevia diariamente em meus diários - que agora são parte de meus bens mais preciosos. Não se tratava de um diário cujas anotações normalmente começavam assim: "Hoje à noite fui às Catacumbas", ou "Estou tendo dificuldades com meu pai hoje." Em vez disso, esta era uma história pessoal de minha jornada espiritual. Dia após dia, eu fielmente registrava o que havia aprendido com a Palavra e o que Deus estava me ensinando.

No começo de 1974, escrevi:

Senhor, faze com que minha vida seja cheia de ti.  
Que cada dia pertença a ti.  
Que cada momento seja Contigo.  
Que a minha vida seja para a tua glória.  
Que os meus dias lhe rendam louvor  
e que o meu coração lhe dê amor  
e adoração. Que Jesus seja tudo para mim,  
a cada momento de cada dia.

O Espírito do Senhor não só estava sobre mim, mas Ele também começou a encher a nossa casa - tanto que meus irmãos e irmãs começaram a ter uma fome espiritual. Um a um, eles se aproximaram de mim e começaram a fazer perguntas. Eles diziam: "Benny, eu estava observando você. Este Jesus é real, não é?"

Mary, minha irmã, foi a primeira a entregar o seu coração para o Senhor e, nos próximos meses, meus irmãos menores, Sammy e Willie, foram salvos. Tudo o que eu podia fazer era me alegrar! Um milagre estava acontecendo em nossa casa - e eu nem havia começado a pregar.

Como você pode imaginar, meu pai ficou com muita raiva. Ele estava perdendo toda a família para este Jesus? Ele não sabia lidar com a situação. Meus pais já haviam visto a reviravolta que isso havia

causado em mim - e agora estavam testemunhando o mesmo fenômeno em outros de seus filhos.

## "ALTOS LOUVORES"

Toda vez que havia um ônibus fretado com destino a uma reunião de Kathryn Kuhlman em Pittsburgh, eu fazia o possível para estar nele. Eu estava fascinado por seu ministério - e a ouvia quase todas as noites pela WWVA, uma estação de rádio de 50.000 watts, em Wheeling, na Virgínia Ocidental.

Eu não só estava sendo alimentado pelo próprio Espírito, mas por inúmeros servos escolhidos de Deus. Além das reuniões às quintas-feiras à noite nas Catacumbas, você muitas vezes podia encontrar-me em um lugar chamado Bezeque - uma reunião de carismáticos que acontecia às sextas-feiras à noite em Campbellville, cerca de cinquenta quilômetros ao sudoeste de Toronto.

Os cultos eram realizados em um centro de retiros, fruto da visão de Bernie Warren, um pastor da Igreja Unida do Canadá que iniciou o ministério depois de receber o batismo com o Espírito Santo. Ele chamou o centro de Bezeque em homenagem ao lugar onde os israelitas se reuniram para ser renovados e encorajados quando estavam diante de uma importante batalha (1 Sm 11).

Durante a semana, o local era um oásis para o aconselhamento de alcoólatras, daqueles que queriam se libertar das drogas e de pessoas que tinham outras necessidades. Toda sexta-feira à noite, no entanto, abrigava uma reunião de carismáticos - algo muito novo para as principais igrejas da região.

Havia uma liberdade incomum de adoração naqueles cultos. As pessoas levantavam as mãos e muitas vezes "cantavam em línguas." Algumas noites, éramos levados pelo Espírito a "Altos Louvores." Como declara o Salmo 149.6: "Estejam na sua garganta os altos louvores de Deus."

Muitos levavam seus instrumentos musicais - trompetes, pandeiros, baterias, guitarras, banjos, flautas e violinos. Membros de uma comunidade chamada a Casa da Filadélfia se juntavam à "adoração davídica," conhecida por muitos como "dançar na presença do Senhor."

Naquelas reuniões, eu me perdia em meio à impressionante presença de Deus e crescia com a Palavra que recebia de Bernie Warren.

Em 10 de junho de 1974, lê-se em meu diário:

Depois que cheguei de Bezeque, tive uma experiência maravilhosa em meu quarto. Enquanto estava orando, meu coração se encheu de alegria - e a paz estava por toda a parte em meu quarto. Oh, foi tão lindo. Eu estava orando por volta das 1h30 ou 2 horas (e), de repente, senti uma mão me tocar. Ela era macia e pousou em meu coração. Meu coração subitamente começou a palpitar e a mão ficou ali por quase trinta segundos. Enquanto eu sentia a mão, uma forte sensação de

calor veio sobre mim. Todo o meu corpo estava cheio daquela forte sensação de calor. Eu sabia que o Senhor havia me tocado. Jesus veio e me tocou. Oh, Seu amor. É maior do que todos os céus. Oh, o profundo, profundo amor de Jesus.

## FAZENDO AS MALAS

Começando com um seminário de verão, em 1973, Merv e Merla Watson organizaram o que chamaram de "Shekinah" - a maior produção de adoração e louvor, diferente de qualquer coisa que já foi apresentada. E eles me pediram para fazer parte da equipe.

A música era excelente, com cantores, dançarinos para animar o evento e bandeiras. Não estávamos simplesmente fazendo algo por fazer, pois esta era uma apresentação dramática com grandes hinos, como "Preparai, Vós, o Caminho do Senhor" e "Desperta, ó Israel."

Grande parte das músicas foi escrita e arranjada pelos Watsons, que tinham formação clássica. Mais de noventa jovens participaram do primeiro concerto em Toronto.

Tão grande foi a resposta que tomaram a decisão de levar a produção para a Europa em uma turnê de dois meses e meio no verão de 1974. Oh, como eu desejava fazer parte daquela experiência.

Iniciando nos primeiros dias daquela primavera, os ensaios nas segundas-feiras à noite foram marcados para a preparação para a turnê anunciada. Como o verão estava se aproximando, sessenta e três pessoas faziam planos de ir para a Europa - inclusive eu.

Havia apenas dois pequenos problemas. Primeiro, meu pai havia me proibido de ir. Segundo, eu não tinha fundos para bancar tal viagem - e nem fazia idéia de como consegui-los.

Em oração, no entanto, minha fé se fez viva e eu estava convencido de que Deus daria um jeito. Na verdade, eu estava tão confiante que comecei a fazer os preparativos, e fiz minhas malas. Todavia, eu não tinha o dinheiro nem a passagem! Na noite da segunda-feira que antecedia a partida da equipe para a Inglaterra, lá estava eu para o último ensaio. "Senhor," orei, "Tu não disseste que eu passaria este verão com o 'Shekinah'?"

## SHEKINAH!

"Como tu vais fazer isso, Senhor?", orei quando o último ensaio de segunda-feira à noite para o "Shekinah" começou. Eu sabia que iria para a Europa assim como sabia o meu nome.

Quase na metade da reunião, Merv Watson chamou-me de lado e disse: "Benny, Merla e eu estávamos orando e o Senhor falou-nos que devíamos pagar sua passagem de avião" - e ele me entregou a passagem da Air Canadá.

"Oh, isto é maravilhoso," exclamei. "Isto é sensacional!"

Fiquei completamente impressionado com a generosidade do casal. Mais tarde, descobri que os Watsons haviam hipotecado a casa deles para fazer com que a viagem de verão fosse possível.

No término do ensaio, corri para casa para contar aos meus pais que estaria viajando para a Europa naquela semana. "Vejam, aqui está a passagem!", eu disse, abrindo o envelope.

"Quem lhe deu isso?", perguntou meu pai, irritado. "Você subornou alguém? "

"Não", eu lhe disse. "Foi um presente de algumas pessoas que realmente querem que eu esteja nesta viagem."

"Muito bem", ele disse asperamente. "Então vá." E ele colocou a mão no bolso e me deu vinte e cinco dólares. Para mim, aquele gesto foi incrível - era como se ele me tivesse dado vinte e cinco mil dólares:

Em 18 de junho de 1974, assim que eu estava saindo para ir para o aeroporto, meu pai disse: "Quando chegar lá, ligue a cobrar e pergunte por você mesmo." Assim, ele sabia que eu havia chegado e não precisaria pagar a ligação.

"Não posso fazer isso, pai," respondi. "Eu estaria mentindo. Não se preocupe, vou ligar para você."

"É melhor não ligar para mim se não for a cobrar," ele continuou a insistir.

No dia seguinte, fui para o aeroporto de Toronto com minha passagem, minha mala e vinte e cinco dólares.

Que aventura!

Na primeira tarde, cheguei à casa de uma linda família, perto de Londres, que estava envolvida no projeto Youth with a Mission (Jovens com uma Missão). Imediatamente, perguntei: "Posso usar o telefone? Preciso telefonar para meus pais para avisá-los que cheguei em segurança". E acrescentei: "Vou pagar a ligação." Eu ia dar-lhes parte dos vinte e cinco dólares que estavam em meu bolso.

"Naturalmente. Fique à vontade," o homem da casa insistiu.

Peguei o telefone e disquei "0" para ligar para a telefonista e, então, uma mulher respondeu ao telefone: "Desculpe-me, senhor," ela disse. "Sei que esta pergunta pode parecer estranha, mas o senhor é cristão?"

Fiquei chocado e curioso por saber: Para quem liguei? E como ela sabia?

"Sim, eu sou," respondi logo. "Sou cristão."

Assim como Deus é minha testemunha, a telefonista disse: "O Senhor me falou que o senhor faria uma ligação e Ele me disse que eu deveria pagá-la."

Naquele momento, eu não sabia se a pessoa estava falando da Inglaterra, do Canadá ou do céu!

Com sua voz profissional, ela perguntou: "Por favor, o número que o senhor gostaria que eu discasse? "

Já era tarde da noite, hora de Toronto, e meu pai respondeu ao telefone. "Aqui é Benny", eu lhe disse. "Eu só queria que o senhor soubesse que cheguei à Inglaterra. Está tudo bem. Estou com pessoas muito legais."

"Pensei ter dito para você ligar a cobrar!", ele falou irritado.

"Não se preocupe. Não estou pagando esta ligação," respondi logo.

Depois de soltar algumas pragas, ele disse: "Estes pobres ingleses - você está fazendo isso com eles?"

"Não, pai, eles também não estão pagando a ligação," respondi.

Claramente irritado, ele replicou: "Que tipo de cristão você é, mentindo assim?"

"Oh, o senhor não entenderia," eu lhe disse. E ele desligou o telefone.

## UM ÔNIBUS DE DOIS ANDARES

O termo *Shekinah* fala da habitação, da presença e da glória de Deus. Era para que isso acontecesse a cada pessoa que participasse dos concertos noturnos que oraríamos com fervor - para que a glória de Deus tocasse a vida delas.

Nosso transporte era um ônibus de dois andares que um cristão na Inglaterra arrumou para os Watsons por apenas uma libra esterlina. Atrás do ônibus estavam dois caminhões cheios de equipamentos para a produção e nossas malas.

Na maioria das noites fomos hospedados por diferentes famílias e eu comecei a conhecer cristãos Maravilhosos.

Os concertos, realizados em catedrais góticas, salas de concertos e igrejas grandes, foram espetaculares. Quando sessenta e três jovens cheios do Espírito começavam a adorar ao Senhor por meio de músicas que emocionavam a alma, peças teatrais e danças, os públicos imediatamente se juntavam em louvor. Muitas das canções foram escritas por Merla Watson - incluindo uma que se tornou um clássico em todas as partes do mundo: "Jeová Jireh, Meu Provedor, Sua Graça é Suficiente para Mim."

Até realizamos um concerto ao ar livre na Trafalgar Square, no centro de Londres.

Quase todas as manhãs tínhamos um culto na capela e éramos abençoados pelo ministério de excelentes pregadores locais e mestres na Bíblia.

Quando releio meu diário, percebo que não foram os belos edifícios ou atrações turísticas que chamaram minha atenção. Meu

maior desejo era estar perto do Salvador.

Na Inglaterra, em 26 de junho de 1974, escrevi:

Querido Jesus. Toma este dia e faz com que ele seja teu. Por favor, coloca em meu coração aquele fogo e amor por ti. Senhor Jesus, toma os meus pensamentos e faz com que sejam teus. Que eu pense somente em ti hoje, Senhor. Por favor, ajuda-me, Espírito Santo, e me usa por amor a Jesus. Amém.

## LIÇÕES DE FÉ

A turnê seguiu seu caminho pela Bélgica, Alemanha e Suíça. E, na manhã de domingo, 18 de agosto de 1974, na Holanda, tivemos a memorável experiência de ir à igreja de Corrie ten Boom. Corrie, autora de *The Hiding Place* (O Esconderijo), falou naquela manhã sobre a importância da entrega total. Sua inesquecível mensagem foi intitulada "A Luva" - e o que significa colocarmos a nossa vida na mão do Mestre.

Corrie ilustrou a mensagem com uma luva na mão, dizendo-nos que "somos a luva, e o Senhor, a mão - e, à medida que nos entregamos, uma parte de cada vez, o Senhor ajusta a luva." Foi uma mensagem que comecei a colocar em prática.

Depois do último concerto na Holanda, fomos para casa, no dia 5 de setembro. Eu estava inquieto - sabendo que Deus estava me chamando para fazer mais do que simplesmente participar de um grupo de louvor. Financeiramente, Deus usou aquela viagem para ensinar-me o que significa andar pela fé.

Meu dinheiro aumentou e se multiplicou. Sem serem, de forma alguma, induzidas, pessoas totalmente estranhas se aproximavam de mim e diziam: "Aqui está. O Senhor me disse para dar-lhe isto."

Voltei para Toronto com roupas e malas novas. E eu disse para meu pai: "Pai, quero lhe agradecer pelos vinte e cinco dólares," devolvendo-lhe o dinheiro.

Ele simplesmente balançou a cabeça.

## ACONTECEU EM SILÓ

Durante todo o outono de 1974, minha comunhão com o Espírito Santo se intensificou. Contudo, havia um encargo em meu coração que ficava cada vez mais pesado.

Por fim, em novembro, não pude mais evitar o assunto. Eu disse para o Senhor: "Pregarei o Evangelho com uma condição: que tu estejas comigo em todos os cultos." E, então, eu o lembrei: "Senhor, tu sabes que não posso falar." Eu sempre me preocupava com meu problema de dicção e o fato que me causaria embaraço.

Ainda estava incutida em minha mente a cena do homem se queimando - e a voz do Senhor dizendo: "Se você não pregar, todos que caírem serão responsabilidade sua."

Pensei: *Eu tenho de começar a pregar.* Mas já não estava bom

entregar folhetos?

Certa tarde, na primeira semana de dezembro, eu estava sentado na casa de Stan e Shirley Phillips, em Oshawa, cerca de cinqüenta quilômetros a leste de Toronto.

"Posso lhes contar uma coisa?", perguntei. Eu nunca fora levado a compartilhar com alguém toda a história de minhas experiências, sonhos e visões. Por quase três horas, abri meu coração, incluindo detalhes que somente o Senhor e eu sabíamos. Falei para eles sobre meu encargo cada vez mais pesado pelas almas perdidas.

Antes de terminar, Stanley interrompeu-me e disse: "Benny, esta noite você deve ir a nossa igreja e compartilhar o seu coração." Eles tinham uma comunidade chamada Silo - com cerca de cem pessoas na Trinity Assembly of God, em Oshawa. A igreja era pastoreada pelo Reverendo Kenneth Beesley, cujo filho, Gary, um dia, se juntaria à equipe ministerial da World Outreach Church, em Orlando.

Telefonei para Marilyn Stroud e pedi a ela que ajudasse na música. Eu a conhecia havia quase dois anos - ela fazia parte da equipe de louvor e adoração das Catacumbas e havia participado da viagem do "Shekinah."

Eu gostaria que você tivesse me visto. Meu cabelo batia nos ombros, e eu não estava vestido para ir à igreja porque o convite foi totalmente inesperado.

Naquela noite, 7 de dezembro de 1974, Stan Phillips apresentou-me para o grupo e, pela primeira vez em minha vida, fiquei em pé, atrás de um púlpito, para pregar.

No instante em que abri minha boca, senti algo tocar minha língua e ela se soltou. Houve alguns segundos de dormência, depois comecei a proclamar a Palavra de Deus com perfeita fluência.

Eis o que era maravilhoso. Deus não me curou quando eu estava sentado no público. Ele não me curou quando eu estava subindo ao púlpito. Ele não me curou quando eu estava em pé, atrás do púlpito. Deus realizou o milagre quando abri minha boca.

No momento em que minha língua se soltou, eu disse para mim mesmo: "É isso!" A gagueira se foi, por completo - e nunca mais voltou. Obrigado, Jesus!

Depois de minha mensagem, convidei as pessoas para virem à frente para que recebessem oração. Cerca de dez pessoas atenderam ao convite. Ninguém sabia o que era ser arrebatado pelo Espírito, mas, enquanto eu orava por aquelas preciosas pessoas, elas começaram a cair sob a unção de Deus. Quando ergui os olhos, quase todos que estavam na congregação estavam vindo à frente para receberem oração. Que obra poderosa o Senhor fez naquela noite!

"Benny, quando você começou a falar, meu queixo caiu," Marilyn Stroud disse para mim depois do culto. "O que vi esta noite foi um milagre."

## SEIS HOLANDESES ROBUSTOS

No dia seguinte, Marilyn telefonou para Bernie Warren, do centro Bezeque, em Campbellville, e perguntou: "Você se lembra de Benny

Hinn?"

"É claro que sim," respondeu Bernie. Ele me achava "mais um dos jovens" das Catacumbas que vinham para as reuniões.

"Bem, você precisa vê-lo," disse Marilyn, "porque algo especial está acontecendo na vida dele. Seria maravilhoso se você pudesse trazê-lo para ministrar para a sua congregação."

Fui ver Bernie Warren no Bezeque na sexta-feira seguinte e compartilhei com ele o que havia acontecido comigo em Oshawa. Conversamos sobre as manifestações e as pessoas sendo poderosamente tocadas pelo Espírito Santo. Nossa conversa continuou até o final da tarde. Eu me senti honrado por este ministro extremamente respeitado ter passado este tempo comigo.

"Benny, sinto-me compelido a pedir que você participe do culto esta noite," disse Bernie. "Fale sobre o que você está contando para mim."

É claro que concordei, com entusiasmo.

Centenas de pessoas se amontoaram no centro naquela noite. Depois de uma breve mensagem, o Espírito levou-me a chamar as pessoas a frente. Os primeiros a aceitar o apelo foram seis holandeses grandes e robustos; eles eram bem mais altos do que eu.

Orei. E *bum*, Lá foram eles para o chão - todos eles! Os altares logo ficaram cheios e muitas pessoas foram abençoadas e curadas naquela noite pelo poder de Deus.

No encerramento da reunião, Bernie Warren foi até o microfone e anunciou:

"Senhoras e senhores, sei que alguns de vocês talvez tenham dúvidas sobre o que testemunharam aqui hoje à noite. Mas quero que saibam que confirmo o ministério que o Senhor tem dado a Benny Hinn."

## "ALGO QUE EU NÃO ESTAVA ESPERANDO"

No último dia de 1974, sentei-me com meu diário e escrevi um resumo dos eventos maravilhosos que haviam acontecido:

O ano de 1974 foi o melhor ano que já tive. E sei que o ano de 1975 será um ano ainda melhor, cheio de serviço para o Senhor Jesus. Oro apenas para que eu possa amá-lo mais do que nunca. Todo o último ano... experimentei uma tremenda comunhão com o Senhor. Jesus nunca esteve tão perto, o Espírito Santo nunca foi tão real. Muitas vezes, em oração, experimentei sua presença, o que me trouxe uma grande alegria, amor e paz. Houve momentos em que eu não conseguia ficar em pé porque a sua presença estava comigo. Meu amor por Jesus aumentou consideravelmente e o Espírito Santo tem trabalhado para fazer com que Jesus seja o centro de minha vida. Tive muitas provações e testes difíceis, mas era como se cada provação me levasse para mais perto de Jesus.

Quando olho para trás, eu simplesmente me surpreendo com a mudança que aconteceu e as coisas que aprendi que, a meu ver, jamais esquecerei. O Espírito Santo verdadeiramente fez algumas coisas grandes. Ele me levou para a cruz quando meus pecados estavam



diante de mim.

Ele me deu um grande desejo de servir ao Senhor e uma fome para ser totalmente dele. Ele trouxe morte sobre a áreas do meu ser, e ainda crucificará outras coisas. Ele colocou um encargo em mim pelas almas e um amor que nunca conheci. Verdadeiramente, tenho mudado de Glória em Glória.

Cheguei em casa (da viagem do Shekinah para a Europa) faminto e sedento por sua proximidade e comunhão, e, por quase dois meses, tudo o que fiz foi orar e abrir meu coração. Estes foram meses muito difíceis para mim, porque o Espírito Santo estava fazendo uma obra profunda, que machuca. Mas, como sou grato, pois Ele me fez um homem melhor, tendo mais de Jesus e de seu amor.

Por esses dois meses, tive uma grande fome e desejo de servir ao Senhor, por isso, comecei a orar para que Deus me mostrasse a sua vontade, e assim Ele o fez, colocando em meu coração este encargo pelas almas. Eu sempre soube que, um dia, pregaria o Evangelho, mas, agora, isso era mais forte do que nunca. Eu sabia que tinha de fazer alguma coisa, mas não sabia o que nem como. Ao mesmo tempo, o Espírito Santo estava preparando algo que eu não estava esperando.

Em meu diário, escrevi sobre o convite que Stan e Shirley Phillips me fizeram para que eu desse meu testemunho em sua igreja, em Oshawa - e sobre o maravilhoso poder de Deus que desceu. E aqui estão as últimas palavras que escrevi no último dia de 1974:

Foi isto que iniciou este ministério, que é o ministério do Espírito Santo... e o Senhor está se movendo de um modo poderoso. Sei que não tenho nada a ver com qualquer coisa que acontece e oro a Deus para que eu nunca tenha, pois meu desejo é apenas pregar o Evangelho e ver almas salvas. Jesus, usa-me somente para a tua glória. Por teu amor, amém.

Naquele Natal, eu tinha muito que celebrar. Aos 22 anos, ministrara meu primeiro sermão e vira Deus confirmar a sua Palavra com sinais que se seguiram. E o problema de fala que me havia incomodado desde a infância foi totalmente curado.

Louvado seja Deus, pois minha gagueira se foi!

Ele me tocou! Oh, Ele me tocou!

## CAPÍTULO 11

### DUAS HORAS DA MANHÃ

"Benny, cremos que Deus quer usá-lo de um modo poderoso", Jim Poynter, meu amigo, disse para mim - falando para um grupo de pastores que haviam me pedido para realizar algumas reuniões em Willowdale, um subúrbio de Toronto. "Vamos alugar a cantina de uma escola pública e deixar o resto com o Senhor."

Era fevereiro de 1975, dois meses depois de eu ter compartilhado pela primeira vez meu testemunho na igreja em Oshawa.

Isto confirmou a inconfundível voz do Espírito Santo que me despertava dizendo que era tempo de começar a realizar reuniões semanais em Toronto. O Senhor disse: "Siga-me. Ouça a minha voz e muitos serão levados a Cristo."

Os pastores em Willowdale estavam se arriscando. Eu naturalmente não tinha currículo de evangelista. Era simplesmente um jovem que havia entregado totalmente a sua vida ao Senhor. Aqueles que se reuniram na cantina naquela noite não sabiam o que esperar, e nem eu!

Por causa das relações de Poynter como metodista livre, as pessoas daquela denominação vieram em massa. Na realidade, alguns de seus pastores queriam que eu fosse ordenado por aquela igreja.

Em Willowdale, realizamos vários cultos antes de eu ser levado a convidar à frente aqueles que precisavam de um toque de cura de Deus para que recebessem oração. Naqueles dias, eu formava uma "fila" e, pessoalmente, orava por aqueles indivíduos que pediam oração. O Senhor começou a fazer algumas coisas maravilhosas. As pessoas eram libertadas de sérios vícios, famílias se reconciliavam e havia testemunhos de milagres. A ênfase, no entanto, estava na salvação, e cada culto sempre incluía um convite para que as pessoas aceitassem Cristo.

Durante estes primeiros dias de ministério, eu era extremamente ingênuo. E, à medida que as multidões aumentavam, havia todos os tipos de pessoas com o desejo de fazer parte dos cultos. Por exemplo, se alguém me dissesse: "O Senhor me deu uma música para a reunião de hoje à noite," eu o deixava cantar. Ou, se alguém tivesse "uma palavra de Deus," eu o deixava compartilhá-la.

Não demorou muito, no entanto, para que eu percebesse que alguns estavam ouvindo sua própria voz e pedi ao Senhor que me desse discernimento.

A despeito de minha imaturidade, as multidões aumentaram.

"Acho que precisamos encontrar um auditório maior e continuar estes cultos," disse um dos pastores do grupo de apoio. Para minha alegria, nós nos mudamos para a Escola de Segundo Grau Georges

Vanier, onde estudei antes - o mesmo prédio em que eu havia pedido ao Senhor para entrar em meu coração em uma reunião de oração liderada por alunos logo de manhã cedo.

Muitas pessoas de diferentes origens étnicas participavam daqueles cultos de segunda-feira à noite em 1975, principalmente os letões.

Sou o primeiro a admitir que meus primeiros sermões tinham pouco conteúdo. Basicamente, eram meu testemunho da obra do Espírito - de como Ele se fez real para mim. Naquela época, eu realmente não sabia muito sobre como organizar meus pensamentos e preparar uma mensagem. Eu simplesmente comunicava coisas que vinham do fundo do meu coração.

O ministério começou a espalhar-se rapidamente. Parecia que quase todos os dias eu era convidado para ir a uma igreja ou comunidade para ministrar. Os cultos eram totalmente liderados pelo Espírito, e eu ouvia com atenção a Sua voz. Eu me sentia no centro perfeito da vontade de Deus.

## "ORE JIM, ORE!"

Em casa, ainda havia a terrível tensão de eu não ter coragem para contar aos meus pais que estava de fato pregando. Eles não faziam a menor idéia. Manter isso em segredo por tanto tempo já era em si mesmo um milagre. Meus irmãos e irmãs sabem, mas não contavam para papai porque certamente seria o fim!

Além disso, uma vez que havia tão pouca comunicação na casa, minha mãe e meu pai não sabiam que eu havia sido curado de meu problema de fala. Sempre houve momentos em que eu conseguia falar por pouco tempo sem que um problema fosse notado - antes que alguma coisa fizesse a gagueira começar novamente.

Em abril de 1975, um anúncio de jornal com minha foto apareceu no *Toronto Star*. Eu estava pregando em uma igreja pentecostal na parte ocidental de Toronto, e o pastorais atrair alguns visitantes.

Funcionou. Sem que eu soubesse, meus pais, Costandi e Clemence, folhearam o jornal e reconheceram o anúncio-

Naquele domingo à noite, enquanto eu estava sentado no púlpito, levantei os olhos durante o momento de louvor e não pude acreditar no que vi. Passando pela porta, lá estavam minha mãe e meu pai - sendo conduzidos aos assentos dotando do auditório.

*Meu Deus!, pensei. O que vai acontecer comigo?*

Não me lembro de ter ficado mais apavorado em minha vida. Meu coração quase parou, e pude sentir o suor em minha testa. Meu pior pesadelo não podia se comparar a isso. Fiquei paralisado - assustado demais para rir e chocado demais para chorar.

Sentado ao meu lado no púlpito estava meu fiel amigo, Jim Poynter. Inclinei-me em sua direção e sussurrei: "Ore, Jim. Ore!"

Ele ficou chocado quando eu lhe disse que minha mãe e meu pai estavam ali.

Imediatamente, mil pensamentos passaram por minha cabeça, principalmente este: *Senhor, saberei que realmente estou curado se eu*

*não gaguejar esta noite.* Durante os últimos quatro meses nunca houve um momento em que fiquei tão nervoso durante um culto - e a ansiedade sempre me fez gaguejar.

"Senhor, tu tens de me ajudar," orei ao me levantar no púlpito para pregar. Então, quando abri a minha boca, as palavras começaram a fluir como um rio. Eu me vi de fato "ouvindo" o que o Espírito me levava a dizer.

Devo dizer-lhe, no entanto, que não consegui olhar na direção de meus pais, nem que de relance.

Enquanto pregava, sabia que minha preocupação com a gagueira era inútil. Deus havia me curado, e a cura era permanente.

Quando concluí minha mensagem, pude sentir o poder de Deus por todo aquele auditório. Pedi àqueles que precisavam de uma cura que viessem à frente para receber oração. Continuei a perguntar para mim mesmo: *O que será que minha mãe e meu pai estão pensando de tudo isto?*

Enquanto as pessoas vinham para o altar, notei meus pais se levantarem discretamente do banco e saírem pela porta dos fundos.

Terminado o culto, afundi em uma das cadeiras do púlpito e disse: "Jim, você realmente precisa orar. Você percebe que, nas próximas horas, meu destino será decidido?" Temendo o inevitável confronto, eu lhe disse: "Talvez eu tenha de dormir em sua casa hoje."

## OUVINDO, DESCRENTE

Fui para o estacionamento e entrei em meu Pontiac de duas portas - o primeiro carro que tive. Ele era branco e tinha um teto de vinil vermelho. Eu o havia comprado de meu irmão Willie.

Nas próximas horas, dirigi sem rumo por Toronto, determinado a esperar até, pelo menos, 2 horas da manhã para ir para casa. Eu não suportava a idéia de encarar meus pais e sabia que, por volta daquela hora, eles provavelmente estariam dormindo.

Tranqüilamente, pouco depois das 2 horas, estacionei o carro em frente de casa e desliguei o motor. Então, subi as escadas na ponta dos dedos e, lentamente, virei a chave na fechadura.

Quando abri a porta da frente, surpreendi-me com o que vi. Ali, na minha frente, sentados no sofá, estavam minha mãe e meu pai. Entrei em pânico quando os vi entrar naquela igreja, mas esta cena foi muito pior. Meus joelhos começaram a tremer e, com isso, procurei um lugar para me sentar.

Meu pai foi o primeiro a falar, e ouvi, descrente.

"Filho," ele disse delicadamente, "como podemos ser como você?"

Eu estava ouvindo o que pensei que estava ouvindo? Este era o mesmo homem que ficou tão injuriado com a minha conversão? O pai que havia terminantemente proibido que o nome de Jesus fosse mencionado em nossa casa?

"Nós realmente queremos saber," ele disse. "Fale-nos como podemos ter o que você tem."

Olhei para minha querida mãe e vi lágrimas começarem a rolar

por seu lindo rosto. Não pude conter minha alegria naquele momento. Comecei a chorar. E, durante a hora seguinte daquela inesquecível noite, abri as Escrituras e levei meus pais a conhecerem a salvação do Senhor Jesus Cristo.

Em um determinado momento, meu pai disse: "Benny, você sabe o que me convenceu?" Ele me disse que, quando comecei a pregar, ele se virou para minha mãe e disse: "Aquele não é o seu filho. O seu filho não fala! O Deus dele deve ser real."

A maravilhosa conversão de meus pais permitiu ao Senhor arrastar literalmente o restante da família. Mary, Sammy e Willie já haviam entregado o coração para Cristo, e agora isso acontecia com Henry, Rose e meu irmãozinho, Mike. O último a vir para o aprisco foi Chris. Se você já ouviu falar em "salvação da família," aqui está!

Pela primeira vez, a casa dos Hinns se transformou em um "céu na terra"! E a mudança não foi passageira. Foi uma obra permanente do Espírito.

## "Sou Eu!"

Em maio de 1975, o Senhor me convenceu a fazer algo que eu nunca havia feito antes. Naquela época, os nossos cultos estavam sendo realizados no belo salão da comunidade da Igreja Anglicana de São Paulo, no centro de Toronto. Durante uma reunião com várias centenas de pessoas presentes, passei os olhos pelo público e obedeci ao que o Senhor estava me dizendo. "Alguém que tem um problema na perna está sendo curado," declarei.

Ninguém se levantou, por isso, repeti as palavras. "Alguém que tem um problema na perna está sendo curado neste exato momento! Por favor, fique em pé."

Cerca de um minuto depois, uma jovem ruiva de cabelos longos pôs-se em pé e começou a andar em direção ao púlpito. "Sou eu!", ela exclamou. "Fui curada."

A partir daquele momento, Deus mudou a direção do ministério. Culto após culto, pessoas estavam sendo curadas e libertadas enquanto a reunião acontecia. Não havia mais filas de pessoas em busca de cura, esperando a imposição de mãos. O Senhor começou a fazer a sua obra de um lado a outro do auditório - e tantos eram tocados que já não havia mais tempo para todos os testemunhos.

As multidões aumentaram cada vez mais até que tivemos de passar as reuniões de segunda à noite do salão da comunidade para o grande santuário da Igreja Anglicana de São Paulo - o mesmo local que as Catacumbas usavam às quintas-feiras.

## SEGUINDO PARA O NORTE

"Benny, estamos comprando uma passagem de avião para você ir conosco para Sault Sainte Marie" - uma cidade ao noroeste de Ontário, ao longo da fronteira da Península Superior de Michigan.

"O que está acontecendo lá?" perguntei.

"Uma convenção da ADHONEP (Associação dos Homens de

Negócio do Evangelho Pleno), e nós falamos tudo sobre você para os diretores," disse meu amigo John Arnott.

No início daquele ano John havia sido convidado para a segunda reunião que realizei na Escola de Segundo Grau Georges Vanier e havia se tornado um maravilhoso amigo e um grande mantenedor de meu ministério. Como John, mais tarde, disse para mim: "Sabíamos que esta era a unção de Deus - era algo que desejávamos."

Quando Kathryn Kuhlman veio para o Canadá naquele ano, John, sua amiga Sandy Fleming e eu nos oferecemos para cantar no coral. Ficamos sentados até o fim da reunião e choramos feito crianças - orando para que o Espírito fosse derramado sobre a nossa vida.

John e sua esposa tinham o coração de servos. Eles me levaram às reuniões, ajudaram a arrumar as cadeiras e ele até levou minha bagagem. Costumávamos orar juntos quando viajávamos pelas estradas de Ontário: "Oh, Jesus, não nos deixes descansar até que verdadeiramente te conheçamos em toda a tua glória e poder."

Muitos anos depois, John Arnott realizou um avivamento mundial que ficou famoso como a "Bênção de Toronto", e ele se tornou pastor da Toronto Airport Christian Fellowship.

Naquela época, John era um empresário bem-sucedido que tinha várias fazendas e negócios no sul de Ontário.

Enquanto seguíamos para o aeroporto para pegarmos o avião para Sault Sainte Marie, em setembro de 1975, John disse: "Benny, você precisa saber que esta viagem tem por objetivo apenas apresentá-lo à liderança da ADHONEP"

"Você quer dizer que não vou ministrar? ", perguntei.

Eles confessaram que houve uma grande resistência por parte de alguns da liderança. Na realidade, um diretor disse para John: "Não, não queremos um novato no púlpito."

Quando chegamos ao Holiday Inn, John convenceu o presidente da conferência a deixar que eu desse um pequeno testemunho.

"Amigos," o líder do culto anunciou, "estamos felizes por termos um jovem de Toronto conosco hoje, e nós lhe pedimos que compartilhasse algo com vocês nos próximos minutos."

Nervoso, fui para o púlpito, sem conhecer ninguém no local - eles naturalmente não me conheciam. Então, assim que comecei, *bum!* O poder de Deus atingiu aquele lugar como um furacão de nível cinco. Durante uma hora e meia, as pessoas choraram, corpos ficaram prostrados diante do Senhor e milagres aconteceram por toda a sala.

Eu soube no mesmo instante que esta não seria minha última visita no norte do Canadá.

## PORCAS E PARAFUSOS

Na tarde seguinte, quando o furgão de cortesia do hotel estava para deixar o Holiday Inn para seguir para o aeroporto, o gerente do hotel parou-me e disse: "Sr. Hinn, eu gostaria que o senhor conhecesse um de nossos ministros locais. Este é o Reverendo Fred Spring."

Fred não estava ali para a reunião dos homens de negócios; ele estava participando da recepção de um casamento no mesmo local.

"Sou o pastor do Elim Pentecostal Tabernacle, um templo das Assembléias de Deus aqui," ele disse para mim. Então, esse homem - que tinha as costeletas mais diferentes que já vi - disse algo com que até ele se surpreendeu. "Eu gostaria que você viesse ministrar em minha igreja," ele me convidou.

Como Fred Spring me contou mais tarde: "Aquilo foi totalmente atípico de minha parte. Eu era muito exigente acerca de quem deixaria pregar em meu púlpito. Seu nome era vagamente familiar, e eu já havia ouvido falar, em algum lugar, que você era um evangelista novo, envolvido em um ministério de cura; eu simplesmente fui levado a convidá-lo."

Minha resposta ao convite do Pr. Spring foi: "Estarei lá!"

Naquele outono, voltei a Sault Sainte Marie para realizar uma cruzada de três noites com Fred Spring. No domingo à noite, as pessoas fizeram fila do lado de fora do Elim Pentecostal Tabernacle, esperando um assento.

"Benny, meu conselho está um pouco preocupado, mas quero que você me prometa que voltará logo." É claro que o que estava acontecendo nos cultos era extremamente atípico. Deixou alguns veteranos balançando a cabeça.

Fred também me contou que o homem que mantinha sua igreja estava preocupado. "Você não pode impedir aquele rapaz de fazer aquilo?"

"Fazer o quê?", o pastor Spring quis saber.

"Bem, fazer com que todas aquelas pessoas caiam no Espírito nos bancos," ele respondeu.

"Qual é o problema?", indagou Fred.

"Alguns bancos estão se soltando do chão e teremos de arrancar os parafusos e trocá-los."

Fred apenas sorriu. A obra que Deus estava por fazer em Sault Sainte Marie era mais importante do que algumas porcas e parafusos.

## CAPÍTULO 12

### UMA JORNADA DE MILAGRES

"Benny, acho que você precisa voltar ao norte de Ontário, pelo menos, três ou quatro vezes por ano", Fred Spring disse para mim.

"É um convite?", eu disse rindo.

Toda vez que eu visitava Sault Sainte Marie para realizar cultos, as multidões aumentavam - tínhamos de sair da igreja e ir para o auditório do White Pines Collegiate School.

Eu adorava estar no que chamávamos de "o país do norte" com Fred e sua esposa, Bette. Fred tomava emprestado um carro e nós viajavamos o máximo possível para o norte até quase acabarem as estradas, muitas vezes pregando em igrejinhas.

Ainda rio quando me lembro do culto que realizamos em um lugar chamado Wawa. O maravilhoso pastor dali havia sido piloto de avião nas Northland Missions, um projeto das Assembléias de Deus ao norte do Canadá. Infelizmente, o homem havia perdido o braço em um acidente. Ele caiu de um pontão e seu braço foi decepado pela lâmina da hélice do avião. Agora, ele usava prótese de um braço e de uma mão.

Tivemos uma reunião maravilhosa em uma igreja que estava superlotada. E quando o culto terminou, eu queria agradecer a todos que haviam participado. "Acho que deveríamos dar uma grande *sálvia* de palmas para o pastor", eu disse.

As pessoas começaram a rir - inclusive o ministro - e eu não sabia por quê. Virei-me para Fred e perguntei: "O que eu disse?"

"Você pediu a eles que dessem ao pastor uma grande *sálvia* de palmas", ele explicou, rindo.

Foi uma das poucas vezes em que fiquei constrangido no púlpito.

### O CACIQUE

Durante uma de nossas viagens até o norte, realizamos uma reunião na vila dos espanhóis, em Ontário, cerca de quinhentos e setenta quilômetros de Toronto. Era uma colônia indígena.

Os índios eram um povo generoso, mas bastante austero, com rostos carrancudos e queixos proeminentes. Enquanto eu pregava sobre o poder de Deus de operar milagres, a maioria deles ficou sentada ali, de braços cruzados.

Quando eu estava para concluir, um índio enorme se pôs em pé e começou a atravessar lentamente o corredor com sua esposa e família. Ele andava de muletas. Seu rosto não tinha expressão enquanto ele vinha a frente. A medida que ele se aproximava cada vez mais, eu



esperava que alguém o detivesse, mas ninguém se moveu.

Assim que ele chegou à frente do auditório, todos os olhos se voltaram para ele.

"Senhor, como posso ajudá-lo?", perguntei, relutante, enquanto ele subia ao púlpito.

O homem olhou bem nos meus olhos e disse: "Você diz que Deus cura."

"Sim, Ele cura", respondi.

O índio então continuou e contou para mim o que havia de errado com ele - e a lista de doenças era, de fato, longa. Ele continuou a explicar que estava aleijado havia vinte e oito anos, e que sua esposa estava com câncer. Ele também nos disse que sua filhinha sofria de uma doença de pele que fazia a superfície sangrar terrivelmente - e que o bebezinho que sua esposa estava carregando nos braços também estava doente.

"Você diz que Deus cura", ele repetiu. "Então, prove!"

Enquanto olhava para o homem e sua família em pé na minha frente, eu sabia que não havia nada que eu podia fazer por eles. Desesperado, caí de joelhos - e pedi que todos os pregadores e um sacerdote católico que estavam no púlpito fizessem o mesmo. Levantei as mãos e disse: "Querido Jesus! Não estou pregando o *meu* Evangelho. Estou pregando o *teu* Evangelho! Este homem está me pedindo para prová-lo. Este é o teu Evangelho - *Tu o provas*, querido Jesus!"

As palavras mal saíam de meus lábios quando ouvi uma grande agitação. Abri os olhos e vi toda a família no chão ao meu lado - um em cima do outro. Todos eles caíram debaixo do poder do Espírito Santo.

Fiquei surpreso com o que vi.

"Fui curado!", gritava o pai enquanto saltava. "Fui curado!" Ele estava saltando de alegria e com lágrimas. Então, ele levantou a manga da blusa de sua filhinha, que revelou uma pele tão perfeita como a de um bebê. A doença de pele havia desaparecido e ela também estava curada! - e o mesmo aconteceu com sua esposa e a criancinha.

Como você pode imaginar, o público ficou animado. Reprimidos e calados poucos minutos antes, eles agora estavam louvando a Deus pelos milagres que aconteceram.

O avivamento veio àquela pequena comunidade - e Jesus recebeu todo o louvor.

Até hoje fico profundamente emocionado toda vez que me lembro do que Deus fez na vila dos espanhóis, em Ontário.

## A BORDO

É claro que Deus tinha um propósito ao permitir que eu conhecesse Fred Spring no norte do Canadá. Foi o começo de um relacionamento com um homem que estava para desempenhar um papel vital no futuro de nosso ministério.

Naquele mesmo ano, quando organizamos a Associação Evangélica Benny Hinn, Fred não só era membro do conselho, mas também se tornou diretor-executivo do ministério. Ele viajava de avião para Toronto quase toda segunda-feira - em seu dia de folga - para

cuidar de detalhes administrativos e coordenar minha agenda de ministrações.

O Senhor cercou-me de alguns maravilhosos homens de Deus. Nosso conselho incluía David Sturrie, Keith Elford, Frederick Browne - e Richard Green, diretor de uma importante firma de contabilidade de Toronto, cuidava das finanças.

Durante esta época, eu realizava, pelo menos, cinco cultos por semana, não só no Canadá; um número crescente de convites também chegava dos Estados Unidos.

John Arnott, que passava um tempo considerável na Flórida, organizou minha primeira viagem para ministrar no Sunshine State, incluindo reuniões no Tabernacle Church, em Melbourne, onde Jamie Buckingham era pastor. Também preguei em uma igreja episcopal carismática em Maitland e na Igreja Católica de São João, em Orlando. Aquelas reuniões ungidas abriram muitas portas.

Em Toronto, nossos cultos de milagres nas noites de segunda-feira haviam passado para o espaçoso Centro Evangelístico em York Mills Road. Todo culto ficava lotado, restando apenas lugar para ficar em pé. Do lado de fora, a situação do estacionamento era descrita como "um verdadeiro caos." Em qualquer segunda-feira, era possível encontrar um ônibus cheio de católicos de Quebec, um grupo de árabes do Egito ou pessoas que vinham de Michigan, Nova York ou Manitoba.

Em nossas reuniões, eu sempre dizia à multidão para que voltasse os olhos para o nosso maravilhoso Jesus. Eu lhes dizia que Deus não diz: "Eu tenho a cura". Ele sempre diz: "Eu sou o Senhor que cura". A cura é uma pessoa. Eu pregava que "o grande segredo para a cura é o Senhor Jesus"

Descobri que os novos convertidos - prontos para aceitar tudo o que Deus tinha para eles, também estavam abertos e mais preparados para receber a cura. E eles viram o poder da igreja do Novo Testamento em ação.

## "SR. PENTECOSTES"

A toda hora, Deus estava me instruindo e moldando meu ministério.

Eu vinha pregando há quase um ano quando fui convidado para ser um dos ministrantes em uma conferência em Brockville, uma cidade ao leste de Ontário, no St. Lawrence River. Foi ali que conheci um senhor a quem cheguei a respeitar como um gigante na fé - David DuPlessis.

Milhões de pessoas de todas as partes do mundo conheciam e amavam este homem a quem chamavam de "Sr. Pentecostes". Foi ele quem introduziu o movimento carismático na igreja católica. Seus ensinamentos sobre o batismo no Espírito Santo foram usados poderosamente por Deus e influenciaram incontáveis vidas.

A conferência, realizada em um hotel, foi organizada por Maudie Phillips, uma mulher que trabalhava com Kathryn Kuhlman.

Depois de uma reunião com David DuPlessis, enquanto eu passava por um corredor, Maudie me chamou e perguntou: "Você

gostaria de acompanhar David até o quarto dele?"

Eu me enchi de alegria e pensei: *Que privilégio ser chamado para acompanhar este servo de Deus até seu quarto de hotel.*

Maudie apresentou-me ao Dr. DuPlessis e saiu. Sorri para o "Sr. Pentecostes" enquanto íamos andando. Ainda me lembro da elegância com que este homem extremamente baixo e grisalho estava vestido, carregando uma pasta impressiva. Eu estava emocionado com a chance de estar perto desse homem de Deus. Passando pelo corredor, minha mente estava confusa com as coisas que eu queria perguntar - mas eu não sabia como.

Por fim, ao decidir que não desperdiçaria esta oportunidade perfeita, criei coragem, respirei fundo e perguntei: "Sr. DuPlessis, como posso agradar a Deus?"

No instante em que aquelas palavras saíram de meus lábios, ele parou de andar pelo corredor, pôs sua pasta no chão e se virou para mim. Colocando seu dedinho grosso em meu peito, ele me empurrou contra a parede. Então, me examinou através de seus óculos e, com uma voz séria, disse: "Nem tente". E acrescentou: "A capacidade não é sua; é a capacidade de Deus em você."

Com isso, ele prontamente disse: "Boa noite", deu um passo para trás, pegou sua pasta e desapareceu, entrando em seu quarto.

Fiquei ali, com as costas ainda prensadas contra aquela parede - sem palavras.

*O que ele quis dizer?*, perguntei para mim mesmo. Eu esperava uma resposta profunda e comprida deste gigante espiritual, e tudo o que ele disse foi: "Nem tente. A capacidade não é sua; é a capacidade de Deus em você."

Levei vários anos para compreender plenamente a grande lição encontrada naquelas palavras. Agora sei que não é necessário tentar agradar a Deus com minhas próprias forças. Isso seria inútil; pois Ele completou a obra na cruz quando disse: "Está consumado!"

Apreendi que tudo o que tenho de fazer é entregar-me ao Espírito Santo - e Ele fará o restante. Era isso que David DuPlessis queria dizer.

Mais tarde, o Dr. DuPlessis e eu nos tornamos amigos íntimos e, por isso, tive a oportunidade de conversar com ele sobre as coisas do Espírito. Na verdade, pouco antes de sua morte, tive o privilégio de trabalhar com ele por pouco tempo juntamente com meus bons amigos Ronn Haus e Tommy Reid. Ele tinha um ministério que se chamava "João 17.21", voltado para o perdão.

## UMA REUNIÃO CANCELADA

No final de novembro de 1975, recebi um telefonema de Maudie Phillips. "Benny", ela disse, "sei que você queria conhecer Kathryn há algum tempo e já preparei tudo. Na verdade, conversei com ela sobre seu ministério. Você pode estar em Pittsburgh na próxima sexta-feira de manhã? Ela poderá encontrar-se com você logo depois do culto."

"É claro que estarei aí", respondi com grande entusiasmo. A idéia de que eu, finalmente, teria a oportunidade de conhecer a senhorita

Kuhlman era emocionante. Eu estava ansioso para expressar minha gratidão pelo importante papel que ela havia desempenhado em minha vida.

Cheguei cedo na Primeira Igreja Presbiteriana. Como sempre, as pessoas, às centenas, faziam fila, esperando as portas se abrirem. Alguns minutos depois, um membro da equipe veio até mim e disse: "Sei que o senhor está aqui para se encontrar com a senhorita Kuhlman depois do culto. No entanto, ela não estará aqui hoje. Ela está doente e foi levada para o hospital."

Ninguém se lembrava de nada parecido ter acontecido antes. Kathryn *nunca* cancelou um culto. Pouco depois, a mesma notícia foi dada a toda a multidão que estava à espera. A notícia foi motivo de grande preocupação. As pessoas ficaram espantadas. Aos cochichos, elas perguntavam umas para as outras: "Eu gostaria de saber se é realmente sério?", "Você acha que eles vão dizer mais coisas para nós?"

Não havia por que eu ficar ali. Deixei Pittsburgh e voltei para o Canadá.

Três meses depois, no dia 20 de fevereiro de 1976, Kathryn Kuhlman morreu por causa de um problema cardíaco.

Quando a notícia de sua morte chegou aos meus ouvidos, enterrei a cabeça em minhas mãos e comecei a chorar. Embora eu nunca a tivesse conhecido, Kathryn era como um membro de minha família. Ela havia me apresentado um banquete espiritual e suas palavras haviam me inspirado imensamente. Inúmeras lembranças passaram por minha mente e tudo o que pude fazer foi cair de joelhos e orar: "Senhor, obrigado pela senhorita Kuhlman. Obrigado por usá-la para tocar a minha vida."

Muitas vezes, perguntam-me: "Benny, fale-me sobre a senhorita Kuhlman. Como ela era?"

Eles se surpreendem quando digo: "Oh, nunca tive a oportunidade de conhecer Kathryn pessoalmente." Relembrando minha viagem para Pittsburgh, creio que o que aconteceu naquele dia foi providência de Deus.

Como eu disse para os membros de minha equipe recentemente, se eu tivesse conhecido Kathryn, é possível que teria acreditado que ela passou a unção para mim, ou que Deus poderia tê-la usado, de algum modo, para passá-la para mim. Não, o Senhor queria que eu entendesse claramente que a unção vem dele, e não de alguma pessoa.

Creio piamente que Deus usa Seus servos para influenciar-nos a fim de que andemos em seus caminhos - até para levar-nos a uma atmosfera onde aconteçam milagres. O Senhor não me deu nenhum poder ou dom especial por meio de Kathryn Kuhlman; pelo contrário, Ele a usou para ajudar-me a *encontrar* a unção.

## OS MILAGRES E A MÍDIA

A partir de 1976, a imprensa no Canadá começou a prestar atenção em nossas reuniões. Havia histórias sobre as "Reuniões de Milagres" que estávamos realizando na primeira página dos jornais.

O *Toronto Globe and Mail* enviou os repórteres Peter Whelan e

Aubrey Wice ao culto na Sala de Reuniões da Universidade de Toronto. Sob uma manchete que dizia: "Cura pela Fé: O Poder da Fé", eles descreveram os testemunhos de cura. E concluíram o artigo com uma citação minha: "Não estou interessado em engrandecer Benny Hinn. Não estou e nunca estarei. Jesus é : Aquele... que deve ser engrandecido e exaltado. Queremos alcançar almas para o Senhor Jesus. Quero ver almas, almas, almas, almas, almas. Vocês entendem?"

O *Toronto Star*, em um artigo maior, trazia na manchete: "A Cura Pela Fé Realmente Funciona?" Um repórter apresentou quatro estudos de caso de pessoas que haviam sido curadas em nossos cultos. Ele falou sobre um funcionário da fábrica da GM, em Oshawa, que tinha câncer de garganta. "Nesta semana, depois de um exame minucioso na clínica de tratamento de câncer, disseram para ele que não havia nenhum sinal da malignidade."

Ele também detalhou a história de um caminhoneiro de Beaverton: "Não freqüentador da igreja, o homem que sofria de insuficiência cardíaca congestiva e de um pequeno enfisema (pulmonar) havia sete anos, foi convencido pelos amigos a participar de uma cruzada de cura. 'Fui ao médico três dias depois, e ele me disse que não conseguiu encontrar nada de errado', ele diz. 'Deve ter sido Deus que fez isso'."

E os médicos dessas pessoas ? O repórter citou um deles dizendo: o seguinte: "Veja, há mais coisas acontecendo neste mundo do que imaginamos."

As emissoras de televisão começaram a filmar documentários; do que Deus estava fazendo. A CCT (*Canadian Broadcasting Corporation* ou Corporação Canadense de Transmissão), A Global; TV e a enorme emissora independente de Toronto, o Canal 9, fizeram novas reportagens. As histórias na mídia não eram relatos críticos, mas descrições factuais do que estava acontecendo.

## PARALISADO EM PITTSBURGH

H. Em 20 de fevereiro de 1977, fui convidado para ir a Pittsburgh H' para falar em uma cerimônia memorial em homenagem à senhorita B Kuhlman. O Carnegie Music Hall estava cheio.

Eu já estava pregando havia mais de dois anos, mas me senti um novato naquela noite. Enquanto o filme sobre seu ministério estava sendo apresentado, espiei por detrás da cortina do palco e meus joelhos começaram a amolecer - meu estômago estava embrulhando. A maioria destas pessoas não me conhecia e nunca havia estado antes em minhas reuniões.

Jimmie McDonald, há muito tempo solista de Kathryn Kuhlman nas cruzadas, apresentou-me e eu estava tão nervoso que não conseguia falar. Simplesmente levei o público a cantar: "Jesus, Jesus, There's just Something About That Name" Jesus, Jesus, Há Algo Neste Nome). Eles cantaram isso várias vezes.

Depois do que parecia ser uma eternidade, finalmente lancei os braços para o alto e clamei em voz alta: "Não posso fazê-lo! Senhor, não

posso fazê-lo!"

Naquele exato momento, ouvi uma voz lá no meu íntimo que dizia: *Eu me alegro por você não poder. Agora, eu posso.*

No mesmo instante, a apreensão e o medo desapareceram. Meu corpo físico relaxou. Comecei a falar coisas que eu não havia preparado, e o poder de Deus começou a tocar as pessoas de um lado a outro do auditório. Foi uma noite memorável e emocionante.

Durante os três anos seguintes, realizei cultos de milagres várias vezes em Pittsburgh todos os anos, no Carnegie Music Hall e no Soldiers and Sailors Memorial Hall, subsidiados pela Fundação Kathryn Kuhlman.

No ano seguinte à morte de Kathryn Kuhlman, fui convidado por sua fundação para viajar a cidades por todo o Canadá e Estados Unidos para realizar cultos de milagres especiais. Jimmie McDonald cantava, o filme sobre a reunião de Kathryn Kuhlman em Las Vegas era apresentado e eu ministrava. Na Catedral de Queensway, em Toronto, no McCormick Place, em Chicago, e em Vancouver, as pessoas estavam sendo curadas durante o *filme*, mesmo antes de eu subir ao púlpito. A poderosa unção que Deus havia colocado sobre a vida dela ainda estava presente naquelas reuniões.

## A CONVERSA EM UM TÁXI AMARELO

Em 1976 e 1977, fui convidado para falar na Conferência sobre o Espírito Santo em Jerusalém, patrocinada pela Logos International. Foi a primeira vez que voltei para minha terra natal desde que emigramos oito anos antes. O encargo que eu sentia pelo Oriente Médio era forte. "Senhor", orei, "de algum modo, abre a porta para que eu possa, um dia, voltar e pregar a tua mensagem para o povo da Terra Santa."

Tanto no Canadá como nos Estados Unidos, nosso ministério estava se expandindo. Em 7 de dezembro de 1977, realizamos uma festa de aniversário de três anos no Sheraton Center, em Toronto. Mais de mil pessoas estavam presentes.

O Senhor estava abençoando grandemente o ministério e algumas pessoas me encorajavam a começar um programa de televisão. Fechamos contrato para um programa em horário nobre em uma grande emissora - aos domingos, às 22h, depois de 60 *Minutes*. O programa chamava-se *Its a Miracle* (É um Milagre).

Foi em Toronto que fui salvo, curado e tocado pelo poderoso Espírito de Deus. A imprensa não tinha outra coisa senão boas notícias para dar sobre o ministério, mas, em meu coração, eu sentia que logo estaria deixando a cidade. Orei pela direção do Espírito Santo.

Eu sabia que o Senhor estava me levando a estabelecer um ministério internacional, mas não sabia onde. Dois anos antes, enquanto eu estava em um táxi amarelo em Pittsburgh, tive uma conversa com o Espírito Santo neste sentido. Ele claramente me mostrou que o ministério "afetaria o mundo."

Eu me perguntei: *Onde será? Nova York? Los Angeles?* Mais de 90% de nosso ministério estavam acontecendo nos Estados Unidos. Eu sentia que era para lá que Ele estava conduzindo, mas a localização

exata não estava clara.

Por meio de alguns eventos, Deus revelaria o Seu plano.

## CAPÍTULO 13

### "ELA VAI SER SUA ESPOSA!"

Fiquei mais do que frustrado quando cheguei para fazer o *check-in* no aeroporto e me informaram: "Sr. Hinn, o seu voo para Manila foi cancelado."

Era verão de 1978 e eu estava a caminho de uma Conferência do Ministério João 17.21, em Cingapura, liderada por David DuPlessis. Havia diversos amigos pastores que eu estava ansioso para ver - incluindo Ronn Haus, que, naquela época, estava trabalhando com David.

Reservei um outro voo que pararia em Hong Kong, na Tailândia, e depois seguiria para Cingapura - fazendo com que a viagem ficasse muito mais longa. Mal cheguei para a última reunião da conferência. Para piorar as coisas, minha agenda de ministração estava tão apertada que tive de voltar para Toronto quase que de imediato.

Havia uma surpresa à minha espera no voo de volta. Roy Harthern estava a bordo. Era um inglês que havia sido transferido, pastor de uma das maiores Assembléias de Deus dos Estados Unidos na época - a Calvary Assembly, em Orlando, na Flórida. Eu já havia sido um dos pastores convidados em seu púlpito (pregando cinco vezes em um domingo) e foi uma grande alegria vê-lo. "Vamos pedir à aeromoça que troque nossos lugares para que possamos passar estes momentos juntos," Roy sugeriu.

Não fazia muito tempo que estávamos no ar quando ele puxou sua carteira e, com orgulho, disse: "Deixe-me mostrar para você minhas filhas". Não conheci toda a sua família, pois, quando estive em Orlando, suas filhas gêmeas estavam estudando fora. Elas estavam cursando a Faculdade Evangélica, uma escola de ciências humanas das Assembléias de Deus em Springfield, Missouri.

Ele me mostrou as fotos de suas três filhas, uma a uma, dizendo seus nomes e contando um pouco sobre elas. Segurou uma foto e disse: "Agora esta é Suzanne" - e eu me inclinei para ver melhor a foto.

No mesmo instante, algo dentro de mim estava dizendo: *Ela vai ser sua esposa*. Não foi uma voz audível, mas foi inconfundível. *Ela vai ser sua esposa*.

"Posso ver esta foto de novo?", perguntei para Roy. E disse para

mim mesmo: "Que bela jovem."

Ao mesmo tempo, pensei: *Senhor, agora não é hora para me falar de uma esposa.*

## ELE ME PASSOU O TELEFONE

Durante aquele verão, eu estava enfrentando a primeira crise real desde o início de nosso ministério. Por causa das grandes despesas com os programas de televisão no Canadá, estávamos sob o peso de uma grande dívida - algo que nunca pensei que aconteceria. Embora tivéssemos encerrado os programas de televisão, as contas que ainda tínhamos eram espantosas.

No avião, Roy Harthern pegou sua agenda e disse: "Benny, vamos fechar uma data para você voltar a Orlando neste outono." Definimos a data e eu voltei à sua igreja em setembro.

Uma tarde, durante a cruzada, eu estava no escritório de Roy quando ele discou o número do telefone do dormitório de sua filha na Faculdade Evangélica. No meio da conversa, ele disse: "Suzanne, há alguém aqui que gostaria de dizer olá" - e me passou o telefone.

"Suzanne, aqui é Benny Hinn," eu disse com a minha voz mais afetuosa e amável. "Ouvi algumas coisas maravilhosas a seu respeito. Na verdade, seu pai me mostrou sua foto enquanto estávamos voltando de avião de Cingapura juntos. Espero poder conhecê-la um dia desses."

Ela respondeu, dizendo: "Ouvi coisas maravilhosas a seu respeito também."

Eu não sabia na época, mas seu pai já havia lhe mostrado minha foto durante o verão e dito: "O que você acha dele? Talvez ele seja seu tipo."

A resposta de Suzanne foi: "Seja o que Deus quiser!" E ela não pensou mais no assunto.

Em outubro, enquanto eu estava no Canadá, Suzanne foi passar as férias do meio do semestre em casa, na Flórida. Certa tarde, enquanto estava andando de carro, sua mãe, Pauline, contou uma conversa que havia tido com a avó de Suzanne, uma mulher de oração de Cardiff, em Wales. "Sua avó perguntou para o Senhor: 'Com quem Suzanne se casará?' E o Senhor lhe disse: 'Benny Hinn' " - e aquela querida mulher nunca me conheceu!

Aos 19 anos, Suzanne reagiu a isso como um comentário de alguém que estava ficando muito velha e que poderia facilmente estar confusa. Além disso, ela estava interessada em seus estudos, e não a fim de ter um relacionamento sério.

## MEUS JOELHOS AMOLECERAM

A medida que o Natal se aproximava, telefonei para Roy Harthern e perguntei: "O que você acha de eu ir até aí para passar alguns dias com vocês durante as festas?"

"Maravilhoso," ele respondeu. "Você pode passar o Natal aqui?"

Eu nunca havia passado o Natal longe de minha família, mas algo estava me arrastando para o sul, e não era o sol da Flórida. Eu ainda



me lembrava da foto que havia visto no avião e da reação que senti em meu coração.

Suzanne deixou a faculdade para passar as festas em casa e foi informada que um evangelista - o mesmo com quem havia falado ao telefone - passaria as festas na casa deles. "Tratem-no como se fosse da família," Pauline disse para as filhas.

Quando cheguei à casa dos Hartherns no sábado, Suzanne não estava em casa. Havia ido direto para a casa de algumas pessoas da igreja, onde todos havíamos sido convidados para jantar. Ela me disse, muito mais tarde: "Eu não queria dar a impressão de que estava ansiosa para conhecê-lo."

Logo depois que entrei naquela casa, Suzanne saiu da cozinha e entrou na sala de estar. Olhei para seus lindos olhos verde-azulados e meus joelhos amoleceram!

## UMA CONFIRMAÇÃO EM COCOA BEACH

O Natal foi na segunda-feira, e os Hartherns se abriram para mim - e colocaram meu nome em presentes que estavam debaixo da árvore. Após o jantar, eu disse para Suzanne: "Tenho alguns amigos em Cocoa Beach que gostaria de visitar nesta tarde. Você gostaria de ir comigo?"

"É claro. Por que não?", ela respondeu com um tom que dizia: "Só estou sendo educada."

Fui para a casa de Maxine e Harry LaDuke, um maravilhoso casal de cristãos que conheci na primeira vez em que estive na Flórida ministrando na igreja de Jamie Buckingham. Maxine era uma mulher muito religiosa - uma intercessora.

Não fazia nem dois minutos que estávamos na casa deles quando Maxine me puxou para o lado e disse: "Benny, esta será sua esposa! Quando vocês entraram, havia uma unção em vocês dois!" Para mim, foi outra confirmação do que eu já sentia.

## "Vou SURPREENDÊ-LO"

Durante estes dias, Suzanne e eu tivemos algumas conversas maravilhosas sobre o que significa viver de maneira cristã. Cada vez mais, eu estava impressionado com sua simplicidade e pureza.

Você precisa entender que eu havia estipulado padrões extremamente altos para a mulher com quem me casaria - orei por alguém que nunca tivesse rumado, nunca tivesse beijado um rapaz e ainda fosse virgem. Suzanne estava correspondendo a todas as expectativas. O mais importante ainda era que eu estava apaixonado.

Na quinta-feira, viajei de avião para San José, na Califórnia, para participar dos cultos de final de ano em uma grande igreja pastoreada por Kenny Forman. E, antes de partir, perguntei a Suzanne se havia uma foto dela que eu pudesse levar. Ela encontrou uma da escola.

Ronn Haus encontrou-me no aeroporto e me perguntou algo que estava passando a ser uma brincadeira normal: "Bom, Benny, você já achou uma namorada?"

"Vou surpreendê-lo, Ronn", respondi. "Na verdade, gosto da filha

de Roy Harthern." Orgulhosamente, mostrei-lhe a foto.

De volta a Orlando, Suzanne, suas irmãs e a mãe começaram algo que se tornou uma tradição anual. Elas entraram em um período de jejum e oração para buscar a vontade de Deus para o ano que começava.

Suzanne disse para mim, mais tarde, que começou a perceber que algo estava acontecendo entre nós, e orou: "Senhor, se isto for de ti, confirme-o para mim. Que Benny telefone para mim hoje."

Ronn me pregou uma peça naquele dia, ligando para o meu quarto e me pedindo para ligar para Suzanne, dizendo: "Ela telefonou para mim e pediu para você ligar para ela."

Então, liguei - e tivemos uma conversa maravilhosa.

O Senhor usou a pequena travessura de Ronn para confirmar novamente para Suzanne que esta era a vontade dele.

## UM TESTE DIFÍCIL

Eu estava tão encantado com Suzanne que perguntei aos Hartherns se poderia voltar para lá e ficar mais alguns dias.

Durante o tempo que passamos juntos, coloquei "velos" para ver se esta realmente era a garota com quem eu deveria me casar, e cada velo foi respondido. Pensei: *Será que isto é apenas coincidência ou Deus realmente quer que eu me case com esta jovem?*

Então, pedi um último sinal - um sinal muito difícil.

Na segunda-feira, dia de ano-novo, sentado no avião de volta para a Flórida, tive uma conversa com Deus. Eu disse: "Se ela realmente for a minha esposa, que me diga quando eu chegar: 'Fiz uma torta de queijo para você.' " Este foi o teste mais atípico em que pude pensar.

Suzanne encontrou-me no aeroporto de Orlando e as primeiras palavras que saíram de sua boca foram: "Benny, fiz uma torta de queijo para você." Em seguida, acrescentou: "Não espere muita coisa. Nunca fiz uma torta de queijo antes!"

Uma vez que Suzanne estava se preparando para voltar para a Faculdade Evangélica, eu sabia que tinha pouco tempo a perder.

## "NÃO VAI DEMORAR MUITO"

Na sexta-feira, os Hartherns levantaram-se cedo para se prepararem para uma reunião de oração na igreja chamada "Intercessores pela América." Roy já havia saído de casa e Pauline estava se preparando para sair.

Quando perguntei: "Posso conversar com você?", Pauline respondeu: "Tenho certeza de que você quer falar comigo sobre Suzanne," facilitando as coisas para mim. Ela pensou que eu pediria permissão para namorar a filha deles.

Sabendo que ela estava com pressa para sair, eu disse: "Não vai demorar muito."

A sós, naquela sala onde ninguém poderia ouvir-nos, eu devo tê-la atordoado quando disse: "Quero me casar com Suzanne. Estou

apaixonado por ela." Depois, acrescentei: "Fiz uma lista longa de coisas que estou procurando em uma esposa, e a sua filha corresponde a cada uma delas."

"Bem, bem", ela disse, hesitante, com seu nítido sotaque britânico, "você precisa falar com o pai dela, e ele já foi para a reunião de oração. Você terá de conversar com ele quando a reunião acabar."

Suzanne vestiu-se e foi para a igreja comigo - sem saber que esta conversa já havia acontecido.

Quando chegou à igreja, Pauline pediu ao marido para dirigir a reunião de oração. "Minha cabeça não está no culto," ela lhe disse.

"O que foi?", Roy quis saber.

Pauline respondeu: "Se eu lhe disser agora, você também ficará distraído."

Após a reunião de oração, fui para o escritório de Roy Harthern e, depois de uma rápida conversa, fui direto ao ponto. Eu disse: "Roy, eu gostaria de me casar com sua filha."

Eu soube que sua resposta era positiva quando ele sorriu, puxou seu calendário e perguntou: "Quando você acha que deve ser o casamento?" Nós dois tínhamos agendas extremamente apertadas.

Então, ele disse: "Você já conversou a respeito com Suzanne?"

"Bem, ainda não", respondi, envergonhado.

No mesmo instante, Roy encontrou Suzanne no prédio e pediu a ela que fosse ao seu escritório. Na frente dos dois, perguntei: "Você quer se casar comigo?"

Fiquei extremamente feliz ao vê-la aceitar no mesmo instante.

## O SEGREDO DE SUZANNE

Naquela noite, Suzanne disse para mim: "Benny, como fui criada na casa de um pastor, eu soube, desde que era muito jovem, que queria entregar minha vida ao ministério. Eu sentia lá no fundo que, algum dia, me casaria com um pregador." E ela me contou outro segredo: "Desde pequena, eu sabia que o homem com quem eu me casaria tinha cabelos e olhos escuros, e a pele meio esverdeada. Benny, você é esse homem que Deus tem para mim."

No sábado de manhã, fomos a uma joalheria local, comprei um anel de diamante e o coloquei em seu dedo lá na loja.

Algumas noites depois, meu pai e meu irmão Sammy saíram de Toronto para participar do jantar de noivado. O famoso professor de teologia, Derek Prince, que estaria falando no dia seguinte na Calvary Assembly, era um convidado especial.

Quando o anúncio foi feito na congregação no domingo pela manhã, toda a igreja começou a bater palmas - e uma profecia foi entregue, dizendo que nós dois, juntos, teríamos um ministério frutífero.

O casamento entre as famílias Hinn e Harthern estava marcado para 4 de agosto de 1979.

## "VAMOS CONVERSAR"

Antes de eu partir para Orlando, depois de um jantar com os Hartherns, Roy pediu-me para acompanhá-lo à sala da família para termos uma conversa. "Vamos conversar", ele disse.

Uma vez que eu estava para me tornar seu genro, imaginei que ele quisesse saber de algumas coisas. "Fale-me de você", ele começou quando nos sentamos frente a frente.

No mesmo instante, comecei a falar sobre minha família e tudo o que parecia importante. Sem dúvida, eu não queria falar sobre o fato de que, por causa de nosso projeto na televisão, nosso ministério estava com uma grande dívida. Pensei: *Se eu mencionar isso, ele pode duvidar deste homem que está para se casar com a sua filha.*

Alguns minutos de conversa, ele mencionou o assunto do dízimo, e eu comecei a me contorcer. Sim, eu dava o dízimo nos ministérios de acordo com o que sentia, mas não era um dizimista fiel naquela época - e Roy foi rápido para perceber aquele fato.

Ele se inclinou em minha direção e disse: "Nunca se esqueça disso, Benny. A lei do dízimo é uma lei fixa que você não pode mudar."

Naquele momento, compartilhei com ele o peso do encargo financeiro que eu estava carregando. Perguntei-lhe: "O que devo fazer?"

"Comece a pagar as contas de Deus", ele respondeu rapidamente.

Eu disse: "Roy, você não entende. Não tenho dinheiro suficiente para pagar as *minhas* contas."

Ignorando minhas palavras, ele continuou: "Benny, se você pagar as contas de Deus, Ele pagará as suas."

Dois dias depois, Suzanne foi para Springfield, Missouri, para pegar seus pertences no dormitório da Faculdade Evangélica.

Peguei um avião para Toronto - com as palavras de Roy Harthern ainda ecoando em meus ouvidos: "Se você pagar as contas de Deus, Ele pagará as suas." Eu sabia que Deus estava falando comigo.

Fui direto do aeroporto para o escritório de nosso ministério, cerca de dez minutos de distância. Assim que cumprimentei minha secretária, eu disse: "Marian, pegue o talão de cheques."

"Para quê?", ela perguntou.

"Apenas pegue-o", repeti. Ela pegou o talão de cheques do ministério e o abriu sobre sua mesa.

"Quero que você faça um cheque no valor de mil dólares para...", e, com isso, orientei-a para que enviasse quantias específicas para uma série de ministérios e organizações missionárias. Ela estava tão nervosa que sua mão começou a tremer enquanto preenchia os cheques.

Depois de preencher dois ou três cheques, Marian parou e perguntou: "O que você está fazendo?"

"Só estou obedecendo a Deus", eu lhe disse.

"Você tem certeza de que Deus está falando com você?", ela quis saber.

"Absoluta", eu disse enfaticamente. "Absoluta."

Por fim, Marian soltou a caneta e disse: "Você não pode fazer isto. Logo ficará sem dinheiro e o ministério estará falido." Então, ela olhou a lista e disse: "Não entendo. Você não deve dinheiro algum para estas pessoas."

"Eu sei", respondi. "Este é o dinheiro que devo a Deus, por isso, vamos obedecer-lhe."

## UMA DIRETORIA PERPLEXA

Logo cedo, naquele dia, viajando para Toronto, calculei que devia a Deus mais do que devia à emissora de televisão, e estava decidido a obedecer.

Marian ainda estava tremendo quando preencheu o último ' cheque. Então, quando entrei em outro escritório, ela telefonou para todos os membros do conselho - que agora eram nove.

Naquela mesma tarde, eles se reuniram no escritório para uma reunião de emergência. "O que você está fazendo?", eles exigiram saber.

Respondi: "Estou obedecendo a Deus."

"Mas você está endividado. Não pode fazer isso," objetaram. "Temos contas para pagar."

Sem piscar os olhos, eu disse: "Estou obedecendo a Deus. Estou pagando as contas de Deus."

Nosso contador abriu a boca e disse: "Este ministério estará acabado hoje se você fizer isso." Então, ele começou a citar o nome de nossos credores.

Continuei: "Deus falou comigo, por meio de um de seus servos, que tenho de pagá-lo primeiro."

Confusos, alguns dos membros de meu conselho se demitiram.

Então, Fred Browne, um maravilhoso cristão que era dono de uma construtora, perguntou: "Você tem certeza de que Deus falou com você?"

"Sim", eu disse com plena confiança.

"Bom, se Deus falou com você, estou do seu lado."

"Obrigado", respondi.

"Eu também", repetiu Fred Spring.

Naquela mesma semana, começou a fluir dinheiro em nosso ministério. Havia bilhetes escritos à mão presos a muitos dos cheques: "O Senhor me disse para lhe enviar isto."

Dentro de poucos meses, todas as nossas contas estavam pagas - e nunca deixamos de dizimar.

## SMOKINGS BRANCOS

Com os eventos surpreendentes que aconteceram em dezembro e janeiro, eu não tinha mais dúvidas com relação ao novo local para a Associação Evangelística Benny Hinn. Na primavera de 1979, mudei-me para Orlando.

Durante estes meses, ainda mantive uma agenda apertada, mas passava todo momento possível com minha noiva. Viajamos para Toronto e minha família abriu os braços para ela.

O casamento em 4 de agosto foi tudo o que imaginei - e mais.

Pauline Harthern escreveu uma cerimônia especial que era uma mistura dos casamentos inglês e norte-americano tradicionais -com uma bênção do Oriente Médio. Eu me esqueci de algumas das frases de

meus votos, mas Suzanne apenas sorriu.

A irmã gêmea de Suzanne, Leanne, foi a dama que acompanhou a noiva, e minha irmã mais nova, Mary, foi uma das damas de honra junto com Elizabeth, irmã de Suzanne. Os primos de Suzanne vieram da Inglaterra e todos os meus irmãos, além do irmão de Suzanne, fizeram parte da cerimônia - com ar de elegância nos smokings brancos. Minha sobrinha, Tina, filha de Rose, foi a daminha.

No dia seguinte, enquanto sobrevoávamos o Oceano Pacífico, pensei no quão distante o Senhor havia me levado - Jaffa, Toronto, Orlando e, agora, ao Havaí, para nossa lua-de-mel.

## **CAPÍTULO 14**

### **UM DIA DE COROAÇÃO**

Nosso primeiro ano de casados foi como um vendaval. Suzanne e eu participávamos de cultos desde Búfalo até Anaheim - além de Suécia, Canadá, Inglaterra, Alemanha e duas viagens a Israel. E nosso programa de rádio diário estava sendo ouvido nas principais cidades, incluindo Los Angeles, Detroit, Phoenix, Tulsa, Denver, Miami e Orlando.

Como muitos casais, tivemos de fazer alguns ajustes. Embora estivesse decidida a ser uma esposa submissa, Suzanne revelava sua firmeza quando era necessário. Percebi que eu tinha de abrandar algumas atitudes típicas do povo do Oriente Médio; do contrário, teria havido um choque de culturas.

"Tenho uma notícia maravilhosa", ela me disse no outono de 1981. "O médico disse que estou grávida." As palavras não puderam expressar minha emoção.

Nossa primeira filha, Jessica, nasceu em 25 de março de 1982. Que momento emocionante foi aquele. Ela se tornou a princesinha de nossa casa.

### **Foi ASSUSTADOR**

Grande parte das reuniões que realizei naqueles anos acontecia nas igrejas. Não viajávamos com uma equipe - éramos somente eu e Suzanne, viajando de cidade em cidade. Com a responsabilidade de uma filha, no entanto, ela ficava perto de casa.

Nossa família em Orlando ficou ainda maior quando meus pais se mudaram do sul do Canadá -junto com alguns de meus irmãos.

Os planos de meu pai de se aposentar logo foram despedaçados em setembro de 1982. Enquanto levantava uma caixa em sua casa, ele teve uma sensação estranha e desconfortável - como se algo estivesse rasgando seus pulmões. Foi assustador, e ele sabia que algo estava

errado.

Ele marcou uma consulta com um médico e, depois de uma série de exames, o médico deu-lhe uma terrível notícia. "Sr. Hinn", ele disse, "tenho de lhe dizer que o senhor está com câncer de pulmão."

Meu pai nunca ficou gravemente doente nem um dia em sua vida; no entanto, ele fumou muito, e este foi o resultado.

Sem acreditar, ele contou para minha mãe. "Aquele médico está louco. Preciso conversar com outra pessoa."

Quando soube da notícia, fiquei arrasado. Liguei para o médico e perguntei: "Como o senhor pode ter tanta certeza de que meu pai tem câncer de pulmão?"

"Deu no exame de sangue", ele respondeu.

Eu disse: "Papai, você precisa receber um segundo diagnóstico. Vá ao seu médico no Canadá e faça um exame com ele. Ele o conhece há muito tempo." Imediatamente, ele começou a fazer os preparativos para a viagem.

Eu estava pregando em uma cruzada na Primeira Assembléia de Deus, em Pensacola, na Flórida, enquanto mantinha contato com minha mãe por telefone.

"Benny", ela me disse, certa noite, "seu pai não está muito bem. Vamos para Toronto amanhã."

Fiz tudo o que estava ao meu alcance para encontrar um meio de ir para Orlando, mas parecia impossível. O vôo que planejei pegar foi cancelado. Por fim, encontrei o piloto de um avião monomotor particular que concordou em me levar até o aeroporto de Orlando.

Nosso avião pousou no momento em que o avião comercial que levava meu pai decolava. Não consegui alcançá-lo.

Assim que examinou meu pai, o médico de nossa família em Toronto tomou as providências para interná-lo no hospital.

Mais tarde, conversei com meu pai por telefone e percebi, pela sua voz, que ele estava perdendo a força.

Quando cheguei a Toronto, ele já estava na unidade de tratamento intensivo, ligado a um aparelho de respiração artificial e recebendo medicamentos nas veias. Ele não pôde conversar comigo ou me ver por causa dos fortes remédios. No entanto, quando entrei na sala, ele me ouviu e soube que eu estava ali.

Oramos para que Deus restabelecesse o seu corpo, mas olhamos para Deus e dissemos: "Se tu não o curares, por favor, leva-o para o lar, Senhor."

Duas noites depois, enquanto eu estava dormindo na casa de minha irmã, tive um sonho e vi meu pai. Ele estava sorrindo de alegria e seu rosto resplandecia.

Naquele mesmo dia, quando acordei, havia um telefonema do hospital. "Sr. Hinn, lamentamos informar que o seu pai faleceu." Ele morreu com câncer de pulmão aos 58 anos.

Houve paz e certeza em meu coração de que ele agora estava no céu. Lembrei-me, mais uma vez, daquela noite de 1975 quando, às 2 horas da manhã na sala de estar de nossa casa, Costandi Hinn entregou seu coração para Cristo.

## APENAS UMA CASCA

Uma vez que a maioria de nossos parentes ainda freqüentava a Igreja Grega Ortodoxa em Toronto, minha mãe julgou conveniente que o culto do enterro de seu querido marido fosse realizado lá.

Mamãe fez uma visita ao sacerdote e disse: "Quero que o senhor se encarregue da primeira parte do culto, e quero que meu filho Benny fale depois que o senhor tiver terminado."

Quando o sacerdote protestou, minha mãe disse: "Este culto é nosso e é assim que o quero." Relutante, ele concordou.

Trezentos amigos e parentes reuniram-se no santuário decorado da Igreja Ortodoxa Grega, e o caixão de meu pai foi colocado diante do altar.

Após o encerramento das cerimônias religiosas tradicionais, o sacerdote balançou a cabeça para que eu fosse à frente.

Abri minha Bíblia e comecei a pregar uma simples mensagem de salvação. Falei para a multidão reunida: "Meu pai não está neste caixão - isto é apenas uma casca." Li o versículo que diz que "desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor."

Naquele momento, aproximei-me do caixão e comecei a bater nele. "Meu pai não está aqui!", declarei. "Ele não está aqui! Ele se foi para estar com Jesus!"

Todos os presentes naquele santuário estavam com os olhos fixos em mim. Dei uma olhada para o sacerdote e percebi, pela sua expressão, que ele estava muito nervoso. Ele não sabia como reagir.

Em seguida, chamei minha mãe, Suzanne, meus irmãos e minha irmã à frente. Nós nos reunimos em volta do caixão e começamos a adorar ao Senhor. Nossos olhos estavam fechados e nossas mãos estavam estendidas para o alto. Espontaneamente, começamos a cantar: "Então minha alma canta a ti, meu Salvador Deus. Grandioso és Tu! Grandioso és Tu!"

Quando abri os olhos e olhei para a congregação, as pessoas estavam espantadas. Algumas estavam chorando. Naquele momento, senti-me compelido a fazer um apelo. "Se vocês quiserem conhecer este mesmo Jesus de quem estou falando, eu gostaria de orar com vocês neste momento," disse.

Vários amigos de meu pai entregaram o coração para Jesus naquele dia - incluindo dois de meus primos.

Foi um dia de coroação!

## RALPH OROU

Senti profundamente a perda de meu pai. Nos últimos anos de sua vida, ficamos extremamente próximos. Foi um relacionamento amoroso de respeito mútuo, fortalecido pelos laços do Calvário.

Quando ele se foi, meu coração ficou abatido.

Na semana que seguiu o funeral, fiquei em pé atrás do púlpito em Melodyland, em Anaheim, na Califórnia, e, para mim, foi difícil pregar. Após o culto, andando de carro com meu amigo, o Pr. Ralph Wilkerson,



e sua esposa, Aliene, eu disse: "Ralph, preciso que você ore por mim. Estou realmente sentindo a perda de meu pai."

Ali naquele carro, Ralph começou a orar em voz alta - e a presença do Senhor veio sobre mim naquela noite como um nascer do sol radiante. Seguindo pela auto-estrada, estávamos cantando e louvando ao Senhor!

Agradeço a Deus por pessoas como os Wilkersons, a quem Deus enviou para a minha vida em momentos especiais.

## UM VÔO PARA PHOENIX

No dia em que mudamos a sede de nosso ministério para Orlando, Deus começou a tratar comigo no sentido de eu abrir uma igreja - um centro de cura e esperança que seria a base de um projeto mundial.

Pessoalmente, relutei contra a idéia. "Senhor, não posso continuar a passar pelas portas que tu estás abrindo? Será que realmente preciso da responsabilidade de pastorear uma congregação?"

Parecia que toda vez que eu orava, o chamado do Senhor ficava mais forte.

Em um determinado momento, eu disse: "Senhor, se tu queres que eu edifique uma igreja, por que precisa ser em Orlando? Por que não em uma outra cidade?" Eu até pensava seriamente em me mudar para Phoenix, no Arizona.

Decidi que, em minha próxima viagem para West Coast, pararia em Phoenix e examinaria a cidade. Algumas semanas depois, foi para lá que segui.

No avião, eu estava sentado ao lado de um senhor de Orlando - um empresário que, por acaso, era episcopal. Depois de conversarmos por alguns minutos, ele perguntou: "O que você faz na vida?"

Quando eu lhe contei, ele perguntou: "Você tem um cartão?"

"Não", respondi, "mas tenho um de meus boletins." E, no verso dele, estava a minha programação.

Ele o examinou e disse: "Não sei por que estou lhe dizendo isto, mas você precisa ficar em um lugar e deixar que algumas destas pessoas venham em seu lugar."

Eu lhe disse: "Estou viajando para Phoenix hoje porque estou pensando em mudar minha sede para lá."

Usando palavras fortes, ele me disse: "Não há comparação. Orlando vai arrebentar nos próximos anos. É lá que você precisa estar."

## "DEUS O ENVIU"

Depois de uma rápida estadia em Phoenix, continuei a viagem para San José para ministrar para meu amigo Kenny Forman, que recebeu uma palavra do Senhor para mim, dizendo: "Se você não começar uma igreja em Orlando, estará em falta com Deus."

Dali fui para Tampa, na Flórida, e o Senhor me deu uma mensagem quase idêntica por meio de outro homem. Então, conversei

com meu querido amigo Tommy Reid, de Búfalo, em Nova York, que disse: "Você tem de obedecer a Deus e começar uma igreja em Orlando."

Enquanto isso, meu sogro, Roy Harthern, resignou o cargo de pastor da mega igreja Calvary Assembly, em Orlando. As pessoas me diziam: "Benny, isto naturalmente deixa as portas abertas para que você comece uma nova igreja - e você não estará competindo com alguém da família."

Parecia que toda vez que orava, eu podia ver o horizonte de Orlando. Eu via o rosto de pessoas naquela cidade que estavam com mais fome de Deus. "Senhor, o que tu estás dizendo para mim?"

Eu disse para Suzanne: "Não consigo tirar isto da cabeça. O Senhor está realmente tratando comigo no sentido de começarmos uma igreja aqui. Isto não passará."

Certa noite, após orar com fervor, fiquei em pé, olhei para o céu e disse: "Tudo bem, Senhor, vou alugar um grande auditório e fazer um culto em uma noite. Se tu encheres aquele lugar para mim, saberei que isto provém de ti e começarei uma igreja."

## "CENTRO DE MILAGRES"

No final do outono, em 1982, reservamos o Auditório da Tupperware, próximo a Kissimmee, um pouco distante de Orlando. Não só o local encheu, como aquela foi uma das maiores reuniões que já tivemos na cidade.

Nos próximos meses, começamos a fazer planos para iniciar uma igreja que causaria um impacto em toda a região central da Flórida. Alugamos o prédio da Youth for Christ (Juventude para Cristo) na Gore Street, no centro de Orlando, e anunciamos que no domingo, 20 de março de 1983, o "Centro de Milagres" convocaria seu primeiro culto. Mais de quatrocentas pessoas compareceram.

Eu não tinha idéia de quanto tempo seria pastor de uma igreja em Orlando. Poderia ser um ano, cinco anos, dez anos - ou até mais. Esta era a minha oração: "Senhor, só estou lhe obedecendo."

No final da década de 70 e no início da década de 80, preguei muitas vezes em Jacksonville, na Flórida, em uma maravilhosa igreja pastoreada por Paul Zink. Ele estava deixando a igreja quase naquela mesma época e um notável grupo musical de sua igreja decidiu mudar-se para Orlando e fazer parte de nosso ministério. Meu irmão Willie, que estava me auxiliando no Centro de Milagres na época, estava encantado. Ele, mais tarde, se casou com uma das jovens do grupo de louvor.

A igreja começou com os cultos vespertinos de domingo, mas logo estávamos tendo reuniões no domingo de manhã, no domingo à noite e na quarta-feira à noite.

Em meados da década de 70, comecei a aparecer como convidado no programa *Praise the Lord*, que era o carro-chefe da Trinity Broadcasting Network. Paul e Jan Crouch, apresentadores do programa, haviam me feito o convite para participar do programa toda vez que eu estivesse no sul da Califórnia.

Quando Paulo Crouch, presidente da TBN, ficou sabendo que eu

estava abrindo uma igreja, disse: "Benny, por que você não grava em vídeo seus cultos de domingo? Eu os coloco em rede, gratuitamente. Tudo o que você terá de pagar serão as despesas com a produção local e enviar-nos as fitas."

Imediatamente, reunimos uma equipe de televisão e começamos a filmar os cultos matutinos de domingo em nosso prédio na Gore Street. De 1983 a 1990, eles transmitiram o programa todas as semanas - gratuitamente.

Conheço pessoas quase todas as semanas cuja vida foi tocada por aqueles programas de domingo.

Semana após semana, a notícia do que Deus estava fazendo no Centro de Milagres começou a se espalhar. E Satanás deve tê-la ouvido também.

Dois meses depois de começarmos nosso ministério em Orlando, veio a tragédia. Em um momento inesperado, Suzanne e eu fomos impetuosamente lançados diante da face da morte.

## **CAPÍTULO 15**

### **O ACIDENTE**

"Estamos com problemas," disse o piloto.

Aquelas palavras despertaram-me de meu sono. Estávamos voando em um pequeno monomotor particular a cerca de três mil e quatrocentos metros de altura, voltando de Naples para Orlando, na Flórida, em maio de 1983. Havia seis pessoas a bordo. Era uma hora da manhã e o céu estava escuro como breu.

"Acho que estamos sem combustível," disse o piloto, preocupado, enquanto o motor faiscava e parava.

Suzanne estava sentada ao meu lado, fazendo o possível para permanecer calma, mas eu podia dizer que ela estava extremamente nervosa - pela dor que suas unhas estavam causando em meu braço enquanto ela o segurava firme.

Os próximos minutos, intensos, pareceram uma eternidade. Nós dois estávamos apavorados - eu podia sentir o meu coração bater contra o meu tórax.

Pensei: *Deus que estás no céu, eu poderia estar contigo a qualquer minuto.* Então, comecei a perguntar para mim mesmo: Estou preparado?

Nestes momentos, você não faz idéia do quanto esta pergunta é forte. Minha resposta não deu lugar à dúvida. Sim, estou preparado.

De repente, quando o avião estava caindo e o piloto, angustiadamente, procurava um lugar para fazer um pouso de emergência, minha mente relembrou um evento que havia acontecido oito meses antes.

## O ESQUEMA DE SATANÁS

No mês de setembro daquele ano, no velório, pouco antes do culto memorial de meu pai, o administrador do local aproximou-se de mim e disse: "Reverendo Hinn, precisamos de uma gravata para seu pai. O senhor poderia arrumar uma para ele?"

Imediatamente, tirei a gravata que eu estava usando e a entreguei para o agente funerário. Mais tarde, após o culto de enterro, fiquei em pé diante do caixão no cemitério. Enquanto desciam à sepultura o caixão de meu querido pai, aconteceu algo que quase apaguei de minha lembrança. Mas ali, enquanto o avião estava em queda livre, me lembrei de tudo com muita clareza.

Enquanto os homens que carregavam o caixão continuaram a descê-lo, algo incomum começou a acontecer. Eu havia dado minha gravata para meu pai, mas, de repente, senti algo apertando meu pescoço - como se minha própria gravata estivesse me sufocando. Ao mesmo tempo, ouvi uma voz dizer: "Vou matá-lo dentro de um ano".

Imediatamente respondi em voz alta, dizendo: "Não, você não irá!". Eu sabia que, quando Satanás fala, o melhor a fazer é responder com ousadia, mesmo que haja pessoas por perto.

Olhei para o céu e disse: "Senhor Jesus, o diabo não pode fazer isso!". No mesmo instante, ouvi a segurança confortante do Espírito Santo. Ele falou somente três palavras, mas aquilo foi tudo o que eu precisava ouvir. O Espírito disse: "Ele não irá."

Agora, no avião, aquelas palavras de Satanás ganhavam um tom ameaçador: "Vou matá-lo dentro de um ano!" Graças a Deus, também me lembrei da voz do Espírito Santo.

Levou apenas um segundo para que toda a cena passasse em minha mente. Então, a paz de Deus envolveu-me e ouvi a voz do Senhor novamente, que me disse: "Está tudo bem!"

Virei-me para Suzanne e para os passageiros assustados, e lhes garanti: "Não se preocupem. Vamos ficar bem!"

Normalmente fico muito agitado, mas, naquele momento, fiquei totalmente calmo. Sem o ronco do motor, tudo estava misteriosamente calmo naquele avião. O piloto localizou uma pista de decolagem próxima ao Avon Park, na Flórida, e fez o possível para manobrar a aeronave com problemas na direção da aeronave. Sem o motor funcionando, foi impossível - e ele não conseguiu.

## A MÃO DE UM ANJO

Fomos de encontro a uma árvore e o pequeno avião virou quatro vezes. Ficou totalmente destruído - as rodas foram arrancadas e ficaram penduradas em uma árvore. A fuselagem ficou tão danificada que um observador ficou a se perguntar se poderia haver algum sobrevivente. O motor foi arrancado de sua caixa e nós ficamos de cabeça para baixo.

A porta do avião havia desaparecido e, com isso, saí me arrastando de dentro dele e percebi que não tinha um arranhão no corpo. Eu estava intacto. Na escuridão, desorientado, comecei a correr em círculos em busca de ajuda, sem saber onde eu estava, ou qual

direção seguir. Concluí que estávamos no meio de uma fazenda. Então, pensei: *O que estou fazendo? É melhor voltar e ajudar Suzanne e os outros.*

Corri em direção ao avião e descobri que eu era o único que não estava ferido. O piloto estava emitindo sons horríveis enquanto eu tentava tirá-lo do avião.

Em meio à escuridão, vi Suzanne. Sua perna estava pendurada para fora da porta. Não havia movimento, e fiquei curioso por saber se ela estava gravemente ferida. Desesperado para tirá-la do avião, comecei a puxá-la e, ao fazê-lo, era como se a perna de Suzanne estivesse quebrada. Logo descobri que seu braço também estava dilacerado.

Milagrosamente, ninguém estava morto. Enquanto a ambulância vinha às pressas para o local do acidente - e parecia levar uma eternidade -, comecei a clamar: "Senhor, o diabo queria matar a todos nós, mas o teu anjo estava conosco!"

Mais tarde, descobri que, naquele exato momento, uma mulher na Califórnia havia sido despertada de seu sono. Ela me contou a história de como Deus a despertou e disse: "Benny Hinn e sua esposa estão em perigo! Ore!" Ela me disse: "Jovem, o diabo queria acabar com a sua vida!"

Como eu sabia disso!

Eu também sabia que o Senhor não havia terminado a obra que tinha com Suzanne e comigo. O Espírito Santo havia me dado a certeza de que a proteção de Deus estava sobre a nossa vida por uma razão.

## UMA BÍBLIA COLORIDA

Creio que estabelecer um ministério em Orlando naquela época de minha vida foi uma ordem divina. Não só a vida das pessoas estava sendo milagrosamente tocada, mas também fui desafiado a examinar a Palavra de Deus, dia após dia, para preparar-me para os cultos. De um lado a outro do auditório, as pessoas estavam com a Bíblia aberta, fazendo anotações sobre a mensagem.

Em várias ocasiões, as pessoas olhavam para minha Bíblia pessoal - a que estudo e uso para pregar - e comentavam: "Aquele é a Bíblia mais colorida que já vi. O que são todas aquelas marcações?"

Desde os tempos em Toronto, adquiri o hábito de colorir todos os versículos importantes que lia na Palavra. Na verdade, sempre tenho sete lápis comigo quando estudo a Bíblia - cada um de uma cor diferente. É assim que marco as Escrituras:

Vermelho: Promessas.

Azul: Ensino - ou aprendizado.

Marrom: Muito importante.

Laranja: Mandamentos.

Verde: Profecias e seu cumprimento.

Roxo: Oração.

Amarelo: Coisas que, sobretudo, devem ser lembradas.

Às vezes misturo duas cores. Por exemplo: Marrom e verde lembram-me que se trata de uma profecia muito importante.

Além de dar cor às Escrituras, uso a versão bíblica King James que tem uma margem ampla - com espaço para anotações.

## "É SEU!"

"O que vamos fazer?", perguntei para aqueles que estavam me ajudando a edificar o novo ministério. "Não temos espaço."

A igreja tinha menos de quatro meses e só havia um espaço fixo no Centro de Milagres. Com grande urgência, começamos a procurar um terreno no qual construiríamos um prédio permanente.

Logo encontramos um grande pedaço de terra, estrategicamente localizado na Forest City Road, ao norte de Orlando. Ficava junto a um lago - Lake Lovely.

Lembro-me do dia em que andei de um lado a outro daquele terreno, orando: "Senhor, reivindico este terreno para ti. Eu o reivindico em nome de Jesus!"

Conheci a idosa senhora que era proprietária do terreno e disse: "Deus me disse que este terreno seria nosso".

Aquilo não pareceu impressioná-la. "Bem, reverendo", ela comentou, "já temos outro comprador."

"Eu só estou lhe dizendo o que o Senhor me instruiu a falar", respondi.

O que não mencionei foi que não tínhamos um centavo para pagar por ele.

Algumas semanas depois, voltei à casa da mulher e repeti: "Deus me disse que este terreno seria nosso."

Desta vez, sua resposta foi totalmente diferente. Ela respondeu: "Bem, se vocês trouxerem o sinal, venderei o terreno para vocês". Em seguida, ela fez uma confissão. "Jovem, deixe-me lhe contar algo que talvez seja muito interessante para você."

"O que é?", eu quis saber.

"Bem", ela começou, "antes de meu marido falecer, ele me fez jurar que a única coisa que seria construída neste terreno seria uma igreja." Depois, ela disse: "É seu!"

Não é preciso dizer que, no domingo seguinte, houve louvor na Gore Street.

## "VAMOS!"

Alguns dias depois, eu estava em Miami, na Flórida, ministrando em uma igreja que havia sido iniciada por meu amigo Bill Swad, um empresário cristão dinâmico que tinha várias agências de automóveis em Ohio. Após o culto da manhã, Bill disse: "Benny, sinto que precisamos visitar e orar por um homem que está no hospital. Você vai comigo?"

Para ser sincero, eu não estava com vontade de ir. Era um dia extremamente quente e úmido, e eu estava cansado por causa do culto e sentia que precisava descansar. Bill, no entanto, continuou a insistir

para que fôssemos e orássemos por este senhor.

Relutante, acompanhei Bill até o quarto de hospital em que estava o homem. Ele estava fazendo diálise - havia tubos por toda a parte. Seu nome era Floyd Mincy.

"Floyd, este é Benny Hinn", disse Bill. "Pedi a ele para vir e orar por você."

O Sr. Mincy balançou a cabeça, indicando que estava de acordo.

Rapidamente orei por ele, pedindo ao Senhor para curá-lo - e, sutilmente, fiz sinais para Bill que indicavam: "Vamos!"

Três semanas depois, Floyd e sua esposa, Maryana, participaram de nosso culto de domingo pela manhã no Centro de Milagres, em Orlando. Floyd testemunhou como o Senhor o havia curado, dizendo: "No momento em que você saiu daquele quarto de hospital, fui completamente curado pelo poder de Deus. Completamente!"

Durante o culto, falei sobre a visão de construir uma igreja em um novo terreno - e compartilhei minha paixão de ganhar almas para o Senhor. Ao término da reunião, Floyd e Maryana aproximaram-se de mim e disseram: "Pastor Benny, o Senhor disse que devemos ajudá-lo naquilo que Ele o chamou para fazer."

Foram Floyd e Maryana que, mais tarde, ajudaram a igreja a investir uma grande quantia de dinheiro no novo terreno.

Apesar de minha oração apressada naquele quarto de hospital, o Senhor foi fiel.

Deus continuava a abençoar a igreja por meio da vida de muitas pessoas extraordinárias - pessoas como Wes Benton e Emil Tanis, os primeiros membros do conselho e grandes mantenedores do ministério.

No domingo, 17 de novembro de 1983, tivemos o culto de inauguração no novo terreno e apresentamos planos para o novo Centro Cristão de Orlando.

## Dois GRANDES EVENTOS

Uma vez que os nossos cultos matutinos de domingo estavam sendo transmitidos pela TBN em rede nacional e via satélite para vários países, quase sempre havia visitantes. "Não viemos para Orlando só para ver Mickey Mouse", eles nos diziam. "Vemos você toda semana pela televisão e não podíamos esperar para estar aqui."

Sempre me lembrarei de 1984 por causa de dois grandes eventos que aconteceram. Primeiro, em 1º de março, Suzanne e eu tivemos o orgulho de ser pais pela segunda vez - de uma bela garotinha a quem chamamos Natasha.

Segundo, nós nos mudamos para o novo auditório com dois mil e trezentos assentos na Forest City Road. Foi o começo de uma grande aventura espiritual para mim, para minha família e para as milhares de vidas que haviam sido salvas, curadas e libertas porque obedecemos a Deus.

Eu não tinha como saber que o "CCO" (Centro Cristão de Orlando), como era chamado, seria o trampolim para algo ainda maior que Deus estava preparando.

## **CAPÍTULO 16**

### **UMA ORDEM DO CÉU**

"Benny, algumas pessoas extraordinárias estão vindo para trabalhar comigo e você precisa conhecê-las," disse meu irmão Henry, que, na época, era evangelista itinerante. Foi em julho de 1986.

Depois de um culto de quarta-feira à noite em nossa igreja, Henry apresentou-me a Dave e Sheryl Palmquist, que haviam se mudado para Orlando para ser os administradores do ministério dele. Antes, este talentoso casal havia feito parte da equipe da Souls Harbor Church, em Mineápolis, Minnesota, e da Cathedral of Tomorrow, em Akron, Ohio.

Depois de ouvir Sheryl tocar piano e órgão pela primeira vez, pedi a ela que fizesse parte da equipe musical do Centro Cristão de Orlando. Eles se tornaram membros fiéis de nossa igreja. Então, em fevereiro de 1987, quando Dave Palmquist e meu irmão Henry estavam me levando para o aeroporto, virei-me para Dave e disse: "Sabe, você será pastor no CCO -já discuti isto com Henry e ele deu a sua bênção." O Senhor confirmou isto no coração de Dave e ele se juntou à nossa equipe no mês seguinte.

## **"O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO NA**



## FLÓRIDA?"

Algumas semanas depois, dei um telefonema para um senhor que havia desempenhado um papel importante em meus primeiros dias no Canadá - Fred Spring, pastor em Sault Sainte Marie que havia sido um dos membros fundadores de meu conselho.

Fred havia resignado o cargo na igreja do Canadá e, depois de pastorear em Michigan e Ohio, mudou-se para Lakeland, na Flórida - incerto com relação ao seu futuro. Ainda não sei como o número de seu telefone veio a minha mente, mas telefonei para ele e disse: "Fred, o que você está fazendo na Flórida? Eu estava a caminho do aeroporto e o Espírito Santo me levou a telefonar para você."

Contente, Fred respondeu: "Benny, é tão bom ouvir a sua voz."

Depois de algumas brincadeiras, eu lhe disse: "Sinto em meu espírito que você deve se juntar à nossa equipe em Orlando. Você não precisa me dar uma resposta agora."

Ele e a esposa, Bette, ficaram surpresos. No entanto, doze dias depois, após orar pelo assunto, Fred e Bette se juntaram à equipe.

## "CONHEÇO A PESSOA"

Naquele mesmo ano, eu estava na Califórnia, aparecendo na Trinity Broadcasting Network. Um dos convidados daquela noite era o cantor Big John Hall. Durante um intervalo do programa, virei-me para John e disse: "Não vá embora depois do programa. Preciso conversar com você."

Quando, finalmente, falamos, perguntei: "John, em suas viagens, você chegou a cruzar com alguém que poderia ser um grande ministro de música para a nossa igreja?" Estávamos procurando uma pessoa que tivesse o Espírito de Deus em sua vida e que pudesse levar nosso programa musical a um alto nível.

John sorriu e respondeu: "Acho que conheço a pessoa. Seu nome é Jim Cernero. Ele era ministro de música da Primeira Assembléia em North Hollywood, na Califórnia, e agora está em uma igreja na East Coast. Você deve dar um telefonema para ele".

Big John Hall conseguiu o número do telefone e eu telefonei para Jim Cernero na manhã seguinte. "Você e sua esposa podem vir de avião para Orlando neste final de semana?", perguntei. Jim ficou muito surpreso, principalmente porque havia me visto na TBN na noite anterior.

"Sim", ele respondeu. "Estaremos aí."

Naquele domingo de manhã, Jim Cernero e sua esposa sentaram-se no meio da platéia. Eu nunca o havia visto dirigir um coral ou conduzir a platéia em adoração, mas senti poderosamente que Deus queria que este homem fizesse parte integral de nossa igreja. No meio do culto, anunciei: "Jim, sinto que isto é do Senhor. Creio que você virá e será nosso ministro de música."

Toda a congregação começou a bater palmas espontaneamente.

Deus estava formando uma equipe - os Palmquists, Fred Spring e agora Jim Cernero. Nenhum de nós sabia quais milagres o amanhã

reservava.

## ENTRANDO EM UMA NOVA ERA

Durante todo o ano de 1989, toda vez que orava, eu ouvia o Senhor falando de modo muito claro sobre o futuro. Deus estava me dirigindo claramente: "Você realizará cruzadas para ministração de cura por todo o mundo." Mais uma vez, assim como aconteceu quando entreguei meu coração para o Senhor em Toronto muitos anos antes, vi estádios enormes superlotados, com pessoas correndo à frente para aceitar Cristo.

Por alguma razão, eu relutava para orar para que isto de fato acontecesse. Eu me sentia tão indigno de ser usado por Deus de tal maneira.

As páginas do calendário viravam, mas eu evitava fazer aquela oração. Dia após dia, eu sentia a urgência de cair de joelhos e pedir a Deus para me dar um ministério de cura espalhado por todo o mundo. Contudo, toda vez que orava, eu não chegava a pedir a Deus que me desse o que eu sabia que Ele havia prometido.

Por fim, a convicção em meu coração falou mais alto. Fui para o meu estudo e abri meu coração: "Senhor", clamei, "estou me entregando completamente a ti. Estou disposto a seguir a tua direção." Naquele momento, o Senhor me deu uma visão por meio da qual confirmou sua vontade para mim.

Na semana seguinte, em um dos últimos cultos de 1989, pus-me diante da congregação em Orlando e disse: "Estamos para entrar em uma nova era do ministério - uma era que causará um impacto em nosso mundo por toda a eternidade! Fico cheio de expectativa e entusiasmo quando penso em ministrar na década de 90. Nunca senti esta agitação em minha alma, esta expectativa quanto ao que está para ser liberado sobre o povo de Deus." E continuei: "Tomei a decisão de estar na frente deste grande avivamento. Quero estar pronto para seguir quando Deus assim o disser, conquistando e possuindo a terra com ousadia, recuperando o que Satanás roubou."

## A FÓRMULA DE DEUS

No início de 1990, viajei para Cingapura para ministrar em uma conferência. Ali, enquanto estava sentado no púlpito, antes de ministrar, Deus começou a especificar exatamente o que eu faria quando voltasse para casa. Então, Ele disse: "Leve ao mundo a mensagem de meu poder para salvar e curar por meio do programa de televisão diário e de cruzadas para ministração de cura."

Em seguida, o Senhor me deu a "fórmula" daquilo que eu apresentaria naquele programa de televisão diário. Como fui abençoado! Ele estava me dizendo o seguinte: "Eis aqui o que você fará e eis aqui como irá fazê-lo."

O Senhor instruiu: "No programa, ore pelos doentes, dê

testemunhos de louvor e mostre o meu poder."

Ao mesmo tempo, Deus deu o sinal de que era tempo de agendar cruzadas maiores pelos Estados Unidos, bem como no exterior. Estas eram águas inexploradas - lugares aos quais eu nunca havia ido antes.

Quando as pessoas ficaram sabendo que eu comecei a pregar em 1974, imaginavam que, desde o início, eu estava envolvido em grandes reuniões com uma equipe de parceiros. Longe disso. Com exceção dos cultos semanais que realizamos em Toronto, grande parte de meu ministério consistia em convites de uma igreja local ou ministrações em conferências.

Agora, as ordens que Deus nos dava para marchar estavam me levando para uma direção totalmente diferente - para agendar cruzadas mensais em grandes auditórios e estádios.

No instante em que voltei para Orlando, peguei o telefone e telefonei para Paul e Jan Crouch, que se tornaram meus amigos queridos. Desde 1983, a TBN havia transmitido nossos cultos de pregação dos domingos de manhã e o acordo financeiro não havia mudado - A TBN me cedia gratuitamente o horário em que o programa ia ao ar e nós pagávamos todas as despesas com a produção.

Eu já sabia de antemão que este encargo seria diferente. Haveria custos substanciais em questão, incluindo o pagamento pelo horário de transmissão do programa. Eu também estava bem ciente de que não tínhamos os recursos para assumir o compromisso com um programa de televisão diário.

"Paul, aqui é Benny Hinn", comecei, e fui direto ao ponto. "Sei que vai ser difícil para você acreditar nisto, mas o Senhor me disse para telefonar para você e pedir que me desse um programa diário de meia hora na TBN."

"Bom, foi maravilhoso você ter telefonado hoje," ele respondeu.

"Porquê?"

"Um programa que está em nossa rede há anos está saindo do ar e você pode ficar com o mesmo horário - 1 lh30, todos os dias."

Meu coração pulou. *Obrigado, Senhor!* "Isto é maravilhoso", respondi. "Paul, só há um problema. Não tenho o dinheiro para pagar este horário."

"Benny", ele disse, "não vou me preocupar com isso. Você pode pagar quando o dinheiro entrar."

Eu estava andando nas nuvens. Deus não só havia me dado o projeto, mas também foi na minha frente, abrindo o caminho.

## CAIXA POSTAL 90

Na primeira semana de março de 1990, poucos dias antes de iniciarmos nosso programa de televisão diário, pedi a Sheryl Palmquist que fosse ao correio de Orlando. Precisávamos de uma caixa postal que fosse fácil de ser lembrada pelos telespectadores - esperançosamente, uma que tivesse um ou dois dígitos.

"Consiga o melhor número que eles nos derem," eu lhe disse. "E certifique-se de que será um número que não teremos de mudar."

Ela voltou e disse: "Pastor, podemos ficar com a Caixa Postal 90."

Naquele momento, o Senhor falou ao meu coração e disse que aquele seria o nosso endereço durante a década de 90 - até 1999 - e que, depois disso, haveria uma mudança. Eu só sabia qual era a ordem do Senhor para aquela década.

Havia apenas um dilema! A caixa postal não era grande; era o menor tamanho que eles nos ofereceram.

Sheryl conversou com o responsável e disse: "Queremos ficar com a Caixa Postal 90, mas, caso recebamos mais correspondências do que a capacidade física desta caixa, ainda poderemos usar a mesma caixa?"

"Bom, de quantas cartas a senhora está falando?", ele perguntou.

Sheryl respondeu: "Digamos que recebamos mil ou duas mil correspondências por dia. Como vocês procedem neste caso?"

"O que leva a senhora a pensar que vocês vão receber este número de correspondências?", ele indagou.

"Bom, você nunca sabe."

O funcionário do correio disse: "Se a senhora receber esta quantidade de correspondências, não precisa se preocupar. Nós enchemos bandejas com elas e as colocamos em seu carro quando a senhora passar por aqui."

## "VEJA ISTO!"

O primeiro programa diário de *This Is Your Day* (Este é o Seu Dia) começou na TBN em 5 de março de 1990. Naquela época, o programa se chamava *Miracle Invasion* (Invasão de Milagres).

O milagre foi que pudemos produzir o programa! Não tínhamos um estúdio. Aqueles primeiros programas foram gravados em fita em meu escritório particular, enquanto Sheryl Palmquist, nossa organista, e Bruce Hughes, nosso pianista, faziam música de fundo do púlpito da igreja. Além de mim, estavam Dave Palmquist e Kent Mattox.

Kent e a esposa começaram a frequentar nossa igreja vários anos antes. Eles foram milagrosamente salvos, e ele se tornou pastor de nosso ministério de solteiros.

Depois de o programa estar no ar há alguns dias, perguntei, ansioso: "Bom, o que o pessoal está dizendo nas cartas? Como as pessoas têm reagido ao programa?"

"Não sabemos, pastor", disse Dave. "Não passamos no correio."

"Bom, é melhor vocês irem lá rápido", eu lhes disse.

Quando Dave e Kent pegaram as correspondências, quase cinquenta cartas haviam chegado. "Veja isto!", eles disseram sorrindo enquanto abriam os envelopes. Havia pedidos de oração, testemunhos de cura, pessoas aceitando Cristo e alguns até haviam enviado cheques para ajudar a pagar os custos do programa.

No dia seguinte, eles voltaram com um número maior de cartas - e o que começamos a receber foi sensacional.

St. Louis, Missouri: "Assisto ao seu programa todos os dias. Coloquei minhas mãos na tela da televisão e recebi a cura de um problema no estômago."

Port Arthur, Texas: "Eu estava assistindo ao seu programa e o Senhor lhe deu uma palavra de conhecimento de que havia uma mulher chamada Alice que vinha orando para ser libertada da glotonaria. Essa mulher era eu. Louvado seja Deus, pois fui libertada do desejo compulsivo por comida."

Salt Lake City, Utah: "Fui curada de bursite e artrite em minha casa, assistindo ao seu programa de televisão. Posso fazer coisas agora que não podia fazer há anos. Eu estava usando um andador e uma cadeira de rodas... não uso mais! Se não fosse o seu ministério de televisão, não sei o que teria acontecido comigo."

Bakersfield, Califórnia: "O Senhor curou minha úlcera enquanto eu estava assistindo ao seu programa de televisão. Sou nova convertida e nunca o havia visto antes. Você estava se preparando para orar pelos doentes. Minha úlcera estava me incomodando. Ao orar, você gritou: 'Úlcera no estômago', e aquilo tinha a ver comigo. Estou curada. Graças a ti, Jesus!"

Evansville, Indiana: "Ontem, quando você pediu às pessoas que aceitassem Cristo como Salvador, fiz a oração do pecador com você. Sei que sempre me lembrarei disso como o melhor dia de minha vida."

Quando cartas como estas começaram a jorrar, eu soube que Deus estava confirmando a sua ordem. Montamos um estúdio provisório no salão principal do Centro Cristão de Orlando (que, depois, se chamaria Igreja da Missão Mundial) e começamos a acrescentar emissoras de televisão à nossa rede.

Hoje, olhamos para trás e sorrimos, lembrando-nos do funcionário do correio que zombou da idéia de que receberíamos talvez mil ou mais cartas por dia. Louvado seja Deus, pois ultrapassamos este número.

Agora, em média, recebemos algo em torno de vinte mil a trinta mil cartas por semana - além de milhares de telefonemas todos os dias!

## CAPÍTULO 17

### POTES DE GELEIA E BÍBLIAS

O programa de televisão diário era só uma parte da instrução de Deus. Ele também me orientou a começar cruzadas de milagres - primeiro, nos Estados Unidos, e depois em todas as partes do mundo.

Em março de 1990, no mesmo mês em que o programa de televisão começou, agendamos nossa primeira cruzada de dois dias em Phoenix, no Arizona, na Valley Cathedral com quatro mil assentos. Nos dias que se seguiram até o culto de abertura, orei: "Senhor, estou te levando por meio de tua Palavra. Estou começando pela fé. Por favor, ajuda-nos a encher este prédio para a tua glória."

Quando fomos para o auditório, mal pude acreditar no que vi. As pessoas faziam fila em todas as portas, esperando para entrar. Mais de oito mil pessoas apareceram naquela noite e milhares não conseguiram entrar no local.

Depois do culto, pensei: *Bem, este foi apenas um fenômeno que passou. Com certeza não se repetirá amanhã à noite!*

Na manhã seguinte, começamos aquilo que passaria a ser uma característica permanente de nossas cruzadas - um culto pela manhã

com ênfase no ensino. O culto começou às 10 horas. Por volta das 13h30, eu disse: "Preciso parar. É hora de vocês, queridos, irem almoçar."

Um homem que estava na primeira fila gritou: "Você não vai parar! Viajei cerca de mil e seiscentos quilômetros para participar deste ensino e você não vai parar!"

Toda a platéia respondeu com um grito em sinal de concordância. A partir daquela primeira reunião da manhã, eu soube que as pessoas estavam com fome da Palavra de Deus. No último culto, uma multidão ainda maior tentou entrar no prédio.

Eu disse para minha equipe: "Parece que precisamos encontrar lugares maiores para estas reuniões."

Dentro de pouco tempo, nossas cruzadas começaram a encher alguns dos grandes estádios e anfiteatros nos Estados Unidos - de Santo Antônio, passando por Charlotte até Long Beach.

## ELE ESTÁ A CAMINHO!

Em casa, Suzanne segurava as pontas com Jessica, de 8 anos, e Natasha, agora com 6 anos. Naturalmente, eu ainda queria um menino - e sabia como iria chamá-lo: Joshua.

Anos antes, Oral Roberts havia me ensinado a importância do semear e do colher. Lembro-me dele dizendo: "Quando você der a sua oferta, creia na colheita."

Todo domingo em nossa igreja, quando a salva chegava até mim, eu dizia em voz alta para que todos ouvissem: "Obrigado, Senhor, por meu Joshua." Não era segredo para ninguém que eu queria um garotinho.

No verão de 1990, em uma noite de domingo, pouco antes de eu subir ao púlpito, Suzanne apareceu e colocou um par de sapatinhos no púlpito. Amarrado a eles estava um bilhete que dizia: "Seu Joshua está a caminho."

Foi assim que descobri que ela estava grávida!

Joshua Hinn nasceu em 23 de março de 1991.

E mais uma surpresa estava reservada. No ano seguinte, em 26 de junho de 1992, o Senhor abençoou a nossa casa com uma linda garotinha, Eleasha.

## A EQUIPE CRESCE

Desde o começo de nossas cruzadas, Deus havia me cercado com uma incrível equipe. O administrador de nossas cruzadas era Charlie McCuen, um homem talentoso e trabalhador que estava envolvido no ministério de visitas de nossa igreja. Vi seu entusiasmo com Deus e disse: "Senhor, tu podes usar aquele zelo em nossas cruzadas." Mesmo não tendo ele feito de longe nada parecido com isto antes, o Senhor o usou grandemente. Hoje, Donald Dean, um senhor ungido e talentoso, está fazendo o mesmo trabalho. Donald e a esposa, Joanne, são uma grande bênção para mim e nossa obra.

Nossa segunda cruzada aconteceu em Anaheim, na Califórnia, e,

para isso, convidei um cantor chamado Steve Brock para ser o solista convidado. Eu o havia conhecido quando fui pregar em um avivamento de dois dias, patrocinado pela Trinity Broadcasting Network.

Na primeira noite em Anaheim, comecei a cantar o refrão de uma música, e atrás de mim, Steve começou a improvisar. Desde o momento em que começamos a fazer aquele dueto improvisado, senti em meu espírito que ele faria parte de nossa equipe.

No mês seguinte, telefonei para Alvin Slaughter, um cantor que havia inspirado nosso pessoal quando veio ministrar em nossa igreja. "Alvin, Steve Brock acabou de se juntar ao nosso ministério de cruzadas e acho que você também precisa fazer parte do que Deus está fazendo nestes cultos."

Juntos, Steve Brock e Alvin Slaughter tocaram a vida de milhões de pessoas. Hoje, estou convencido mais do que nunca de que a música ungida leva as pessoas à presença do Senhor.

Em um momento em que eu precisava desesperadamente de uma ajuda administrativa, o Senhor enviou um homem chamado Gene Polino. Com cuidado, ele navegou pelas águas para conduzir-nos desde o nosso humilde começo até onde estamos hoje. Embora não trabalhe mais com o nosso ministério, Deus permitiu que Gene nos desse direção neste momento crítico.

No tempo perfeito de Deus, Joan Gieson veio trabalhar com nossa equipe de cura por sete anos.

Por causa do crescimento de nosso ministério, o Senhor permitiu que algumas pessoas excepcionais se somassem à nossa equipe, incluindo Tim Lavender, nosso diretor operacional - ele estava antes com a organização Promise Keepers. Também se juntou a nós Peter Ireland, nosso diretor financeiro. Estes homens são cristãos maravilhosos e uma bênção para mim e para este ministério.

Além disso, Deus enviou-nos Michael EUison da Ellison Media Company, em Phoenix, um precioso consultor - além de Dennis Brewer e David Middlebrook, advogados cristãos de Dallas, e Jim Guinn, um dos melhores contadores. Estes são alguns dos melhores profissionais no mundo dos negócios que se tornaram amigos queridos e íntimos.

Entre os que desempenharam papéis de liderança estão John Wilson, que foi parceiro de nosso ministério por muitos anos, Kurt Kjellstrom, que se tornou um amigo muito querido de minha família, Don Boss, que supervisiona o som em nossas cruzadas, Sue Langford em nosso ministério de acompanhamento, R. J. Larson, líder de nossa equipe de segurança, e Nancy Prichard, que, com destreza, cuida de minha agenda e correspondência pessoal. Agradeço ao Senhor todos os dias por estas mulheres e homens leais e comprometidos.

O trabalho no Centro Cristão de Orlando - e nosso projeto de cruzadas - avançou firmemente graças aos esforços de pessoas como Mike Thomforde, Steve Hill, Larry Muriello e Ayub Fleming.

Seria impossível citar o nome de todas as pessoas que, ao longo dos anos, permitiram que o nosso ministério fosse o que é hoje.

Ken Mattox, o jovem que se juntou à equipe de nossa igreja na década de 80, passou a ser meu braço direito em nosso ministério de



cruzadas. Deus não poderia ter enviado alguém mais adequado do que Kent. Ele amava a vida e sabia quando eu precisava de encorajamento. O Senhor, por fim, conduziu Kent ao seu próprio ministério, e ele sempre será meu querido amigo.

Outra pessoa que não era tão conhecida pelo público quanto Kent, mas que foi vital para os primeiros anos de cruzadas, foi David Delgado, da Cidade de Nova York. Filho de um pregador pentecostal porto-riquenho, Dave deixou a vida de viciado em drogas e se tornou meu assistente pessoal. Sua lealdade era inigualável e ele era muito estimado por nossa equipe. Passados os anos, depois de ficar gravemente doente por causa de uma hepatite, ele morreu prematuramente. Sua morte foi um mistério para sua família, para nossa equipe e para mim. Embora boatos de que ele havia tido uma recaída tenham chamado a nossa atenção, conhecendo David como eu conhecia - e do quanto ele amava profundamente a Deus -, só posso deixar os motivos de sua morte nas mãos do Senhor.

Por vários anos, em meados da década de 90, Ronn Haus tornou-se parceiro de evangelismo em nossa equipe. Eu conhecia Ronn havia muitos anos - foi ele que me apresentou para meu futuro sogro, Roy Harthern. Ronn apareceu em um momento em que eu precisava de uma forte força espiritual ao meu lado. Ele ainda está ao meu lado no ministério.

Por Sua bondade, Deus também permitiu que muitos notáveis ministros do Evangelho se tornassem uma fonte de força espiritual para mim - pessoas como Don George, pastor do Calvary Temple, em Dallas, no Texas; Tommy Barnett, pastor da Primeira Assembléia de Deus, em Phoenix, no Arizona; Jack Hayford, pastor da Church on the Way, em Van Nuys, na Califórnia; Dan Betzer, pastor da Primeira Assembléia de Deus, em Ft. Myers, na Flórida; Ralph Wilkerson, fundador e ex-pastor do Melodyland Christian Center, em Anaheim, na Califórnia, e Fred Roberts, pastor do Durban Christian Center, na África do Sul.

Também fui influenciado por dois homens que já estão com o Senhor. Logo depois de minha conversão em Toronto, comecei a participar de estudos bíblicos ministrados pelo Dr. Winston I. Nunes - um dos grandes mestres de nossa geração e um gigante na fé. Ainda me admiro com o que aprendi com ele no início de minha jornada espiritual.

Outro homem a quem respeito muito é o falecido Dr. Lester Sumrall - que deixou sua marca na igreja e no mundo. Continuamos a trabalhar com seus filhos enquanto eles carregam a tocha da grande obra do pai.

Sou grato pelo que estes servos de Deus significaram para a minha vida.

## RIQUEZA ESPIRITUAL

Logo depois que começamos nossas cruzadas de milagres mensais, eu me senti compelido a convidar Rex Humbard, o famoso evangelista e pioneiro dos programas de televisão cristãos nos Estados Unidos, a ser um freqüente ministrante de destaque nas reuniões

matutinas às sextas-feiras. Ele é um dos maiores ganhadores de almas na história do evangelismo. Rex e a esposa, Maude Amiee, foram amigos íntimos de Kathryn Kuhlman.

Para mim e Suzanne, era uma honra passar tempo com estes servos humildes e generosos do Senhor. Muitas vezes, quando precisei de alguém para compartilhar os encargos deste ministério, Rex sempre se fez presente.

Também sou grato a Deus por enviar Oral e Evelyn Roberts à nossa vida muitos anos atrás. O amor que eles ofereceram a mim e Suzanne foi impressionante.

Somente a eternidade revelará a riqueza espiritual que recebi de Oral - e não há nenhum homem na terra que tenha tido maior impacto em minha vida. Declarei muitas vezes: "Eu o amo como se fosse meu próprio pai."

Também apreciamos os momentos que passamos com seu filho e nora, Richard e Lindsey.

Que presente maravilhoso para este mundo foi a Universidade Oral Roberts! Ele já deixou a sua marca na história. Deus usou Oral Roberts para lançar um poderoso alicerce para o ministério de cura neste mundo. Milhões de vidas foram influenciadas por este homem. E o impacto de seu ministério será sentido pelas gerações que estão por vir. O doutorado honorário que me foi dado na Universidade Oral Roberts tem um significado especial por causa do homem cujo nome a instituição leva.

## "ISTO É QUASE IRREAL"

Desde o começo, o impacto que os cultos de milagres estavam tendo em cidades pelos Estados Unidos era muitas vezes mais do que espiritual. Por exemplo, quando chegamos a Flint, em Michigan, em agosto de 1991, o *Flint Journal* noticiou na reportagem de primeira página o seguinte: "Eles vêm de todas as partes de Michigan e de Indiana - até da Virgínia, do Tennessee e do Novo México. De todas as partes do país eles vieram, descendo no Estádio de Esportes IMA de Flint na quinta-feira à noite, à procura de um milagre." O artigo citava o porta-voz da Convention and Tourist Bureau, dizendo: "Todo hotel, hospedagem e pousada de Genesee estavam reservados para quinta-feira e hoje à noite -cerca de dois mil e seiscentos quartos no total."

"Isto é quase irreal", disse o porta-voz. "Os telefones estão desligados e chega aos meus ouvidos que a situação no Estádio IMA é ainda pior." As notícias diziam: "Alguns aficionados por cruzadas acamparam-se do lado de fora do estádio na noite de quarta-feira para que pudessem ser os primeiros da fila a pegar os primeiros lugares livres. Outros chegaram cedo na quinta-feira de manhã, trazendo cobertores e cadeiras de descanso, caixas de isopor, potes de geléia e suas Bíblias."

Reportagens do tipo começaram a aparecer depois das cruzadas pelos Estados Unidos.

## MILAGRES NA CHUVA

A ordem de Deus para mim também incluía levar o Evangelho às nações do mundo - e não só uma visita simbólica a uma cidade estrangeira. Nós nos preparávamos para grandes cruzadas nestes países, como fazíamos nos Estados Unidos, envolvendo um grande número de igrejas e missionários locais, um coral para a cruzada, obreiros para trabalhar no púlpito e um programa de acompanhamento de novos convertidos.

Na cruzada em Manila, nas Filipinas, em fevereiro de 1992, o Estádio Araneta ficou cheio - com outros milhares em pé do lado de fora. As notícias eram de que muitos chegavam às 4 horas da manhã só para esperar pelo culto da noite.

Quando voltamos para as Filipinas algum tempo depois, quinhentas mil pessoas participaram da primeira noite de reuniões.

Muitas vezes, nossas viagens ao exterior são acompanhadas por algo inesperado. Em nossa cruzada de 1994, no Estádio do Huracán, em Buenos Aires, na Argentina, enquanto as multidões se aglutinavam logo cedo, começou a cair uma chuva - e a chuvarada continuou a tarde toda. Os funcionários do estádio se recusaram a deixar que a reunião acontecesse naquela noite por causa do possível risco à segurança provocado pelos fios elétricos desencapados no campo de futebol.

Naquela noite, Deus operou de um modo pouco comum. Foi-nos dado um tempo em uma grande rede comercial para realizarmos um culto de milagres ao vivo pela televisão do país. A transmissão chegou à maior parte da Argentina, além de partes de três países vizinhos da América do Sul. Milagres aconteceram com o pessoal do estúdio e relatos de cura começaram a fluir de telespectadores.

Na noite seguinte, os cem mil lugares do Estádio do Huracán ficaram completamente ocupados. Milhares de pessoas ficaram no campo lamacento e encharcado pela chuva, louvando e adorando ao Senhor enquanto o coral cantava: "Nada Es Impossible" (Nada Impossível É). Na manhã seguinte, nove mil pastores encheram um estádio no centro da cidade enquanto eu pregava sobre o tema "Não Há Aposentadoria no Reino."

Até hoje, ouvimos relatos de igrejas que ainda estão experimentando o avivamento por causa do derramar espiritual que os pastores receberam do Senhor naquela reunião. A Jesus pertence toda a glória.

## UMA FRAGRÂNCIA, UM VENTO

Nas cruzadas nos Estados Unidos e no exterior, nunca deixo de me espantar com a demonstração do poder de Deus.

Certa noite, em um culto em Detroit, a presença do Senhor foi tão grande que foi possível sentir a sua fragrância - uma fragrância que permeou o prédio de modo que milhares de pessoas testemunharam tê-la sentido. Estou convencido de que a presença de Deus se intensifica quando há uma total união entre os cristãos no culto.

Em Pretória, na África do Sul, milhares de pessoas sentiram um

vento que começou na parte superior do prédio e passou por toda a platéia.

Em Bogatá, na Colômbia, a presença do Espírito Santo foi tão tremenda que o Senhor falou comigo e disse: "Em uma hora vou andar neste lugar." Olhei para o meu relógio e faltavam dez minutos para as 8 horas.

No mesmo instante, parei para falar para a multidão o que o Senhor havia acabado de dizer. Depois, demos continuidade ao culto. Uma hora depois, faltando dez minutos para as 9 horas, o poder e a presença de Deus atingiram o lugar com tanta magnitude que as pessoas naquela construção circular começaram a cair de fora para dentro - todas na mesma direção -, como se uma onda gigante as tivesse acertado. Se puder, imagine um círculo, depois outro círculo dentro do primeiro e um círculo menor no meio. Quando o poder de Deus desceu, as pessoas caíram em ondas perfeitas em volta daqueles círculos até, praticamente, todas as pessoas naquele lugar estarem no chão.

Foi um momento de grande emoção e as pessoas ficaram bastante abaladas com a experiência. Nunca testemunhei nada parecido antes.

Naquele mesmo culto, cerca de trinta minutos depois, o Senhor me interrompeu novamente e me instruiu a fazer com que as pessoas se aquietassem. Ele disse: "Diga a elas que, enquanto estiverem atentas, elas ouvirão o canto dos anjos."

Foi exatamente isto o que aconteceu.

## COM FOME DE UNÇÃO

As pessoas perguntavam para mim: "Benny, por que você acha que seu ministério de cruzadas explodiu no cenário mundial com tanta força no começo da década de 90?"

Posso listar várias razões. Acho que as multidões começaram a freqüentar as nossas reuniões porque tinham fome da unção de Deus - e queriam estar em uma atmosfera onde houvesse essa unção.

Nestas cruzadas, não é raro ver centenas de ministros, no culto da manhã, chorando, profundamente emocionados, em busca da unção do Espírito Santo.

O programa de televisão certamente contribuiu para as grandes cruzadas uma vez que, todos os dias, pessoas de todo o mundo podiam ver a manifestação do poder de Deus.

Em 1990, a Thomas Nelson Publishers lançou um livro que fui inspirado a escrever chamado *Bom Dia, Espírito Santo*. Para surpresa de todos os envolvidos no projeto - inclusive eu - o livro começou a sumir das prateleiras. As lojas não conseguiam mantê-lo em estoque, e ele rapidamente chegou ao topo das listas das livrarias cristãs. Ficou ali por dezesseis meses.

Milhões de exemplares foram vendidos nos Estados Unidos e o livro foi traduzido para mais de quarenta idiomas. A revista *Christianity Today* informou que é "um dos livros cristãos mais vendidos de todos os tempos."

O presidente e diretor-executivo da Thomas Nelson Publishers,

Sam Moore, e seu irmão Chuck Moore, dois senhores de origem libanesa, tornaram-se meus amigos queridos. Ao longo dos anos, eles têm sido grandes mantenedores deste ministério.

## DISTORCER AS ESCRITURAS?

Se *Bom Dia, Espírito Santo* tivesse tido um sucesso medíocre, ninguém teria dado muita atenção. No entanto, por causa de sua estrondosa ascensão, os críticos apelaram. Eles caíram em cima dos originais como urubus - tentando encontrar algo para criticar duramente.

Uma organização em particular, o Instituto Cristão de Pesquisa (ICP), em Irvine, na Califórnia, objetou muitos dos ensinamentos no livro. Para a maioria dos observadores, no entanto, o problema implícito era se uma pessoa crê que os dons espirituais estão disponíveis para os cristãos hoje.

Não tive problema algum em revisar algumas passagens do livro para esclarecê-las; no entanto, eu não mudaria aquilo em que cria acerca da obra do Espírito Santo.

Hank Hanegraff, presidente do ICP, acusou-me de "distorcer as Escrituras."

Quando ele começou a citar meu nome em seu programa de rádio, percebi que seria importante encontrar-me com ele e conversar sobre algumas das questões que havia discutido. Nós nos encontramos em várias ocasiões.

Admito que houve momentos em que fiz uma declaração que estava incorreta. Uma vez que estamos continuamente crescendo no Senhor, pregadores e leigos devem igualmente estar abertos para a correção divina. No entanto, não creio que seja certo um ministro corrigir a sua teologia - ou seu ponto de vista sobre uma questão das Escrituras - e os críticos continuarem a trazer à tona aquela mesma questão.

## "NÃO SEJAMOS TOLOS"

Uma vez que somos um ministério bastante conhecido pelo público, cheguei a esperar um exame minucioso por parte da mídia - e certamente tínhamos a nossa parte nisso. Fomos o foco de reportagens investigativas de emissores de televisão do país. Em todos os casos, essas reportagens ajudaram a fortalecer o ministério.

O Senhor também abriu portas, permitindo-me aparecer em programas como *Larry King Live*, nos quais fui calorosamente recebido. Encontrei muitas pessoas nos meios de comunicação secular que foram justas ao fazerem suas reportagens sobre nosso ministério. Eu disse para um repórter: "Tenho muito mais problema com extremistas religiosos que acreditam ser mensageiros de Deus."

Como posso criticar a imprensa quando ela atraiu centenas de milhares de pessoas para nossas cruzadas a fim de ouvirem a Palavra? Muitas dessas pessoas foram salvas de um modo maravilhoso e milagrosamente curadas. Graças a Deus, todas as coisas cooperam

para o bem.

## ***CAPÍTULO 18***

### **A EXPERIÊNCIA DA CRUZADA**

Algumas pessoas vêem uma tenda em um estádio com o seguinte anúncio: "Cruzada de Milagres de Benny Hinn" e, por engano, pensam que tenho algum tipo de poder de cura especial. Longe disso. O que acontece em nossas reuniões não tem nada a ver comigo - *tem tudo a ver com o fato de que o poder de cura do Espírito Santo está à disposição de todos.*

E a obra do Espírito que traz cura, libertação e salvação.

Como eu me preparo para ser um instrumento do Senhor?

Aqueles que conhecem o nosso ministério - principalmente os membros de nossa equipe de cruzadas - entendem plenamente que eu, literalmente, me separo do mundo antes de subir àquele púlpito.

Nossa típica cruzada inclui três cultos: quinta-feira à noite, sexta-feira de manhã e sexta-feira à noite. Começando às 14 horas na quinta-feira, tudo com relação a minha vida muda. A equipe que trabalha diretamente comigo sabe que não deve haver telefonemas para meu escritório nem interrupções de qualquer espécie. É assim que começo a me preparar física, mental e espiritualmente para o primeiro culto. Peço a Deus para ajudar-me a me preparar em todos os sentidos. Não quero deixar a desejar em nenhuma área - sobretudo, espiritualmente.

Deus não pode usar um coração que está distraído nem um corpo que está cansado. Tenho de ser um vaso que Ele possa usar.

Esta é a razão por que não deixo que ninguém me perturbe - independentemente de quem seja. Talvez mais do que qualquer outra pessoa, minha esposa e meus filhos entendem perfeitamente e apreciam o modo como me sinto quando estou me preparando para um culto de milagres.

Sexta-feira é a mesma coisa. Sem interrupções. Não deixo que nada contamine a minha mente, corpo ou espírito. Nada de rádio ou televisão. Nada de jornais. Nada de influências externas.

Por que isto é tão vital? Estou plenamente ciente do fato de que milhares de pessoas fizeram grandes sacrifícios e, muitas vezes, longas viagens para participarem destas reuniões. Muitas estão sofrendo com doenças e enfermidades incuráveis, orando para que este seja seu momento de cura. Posso fazer menos do que me preparar e me entregar totalmente ao Senhor?

Descobri há muitos anos que a única maneira pela qual eu poderia ter um ministério de sucesso era encontrar pessoas que fossem tão ungidas em seus ministérios quanto eu no meu. Depois, preciso confiar que elas cuidarão de seus negócios para que eu possa estar livre para concentrar-me no ministério. Se elas não puderem ser de confiança, então é hora de mudarem.

## UM SENSO DE EXPECTATIVA

Qualquer pessoa que chegar cedo para uma de nossas cruzadas perceberá a fé e a expectativa. Muitas vezes está chovendo e ainda está escuro quando as pessoas começam a formar filas para uma reunião que demorará doze ou catorze horas para começar. Essas pessoas estão com fome de Deus e dispostas a esperar para conseguirem os melhores lugares.

Algumas vêm com sacolas cheias de salgadinhos, livros e outros itens que ajudam a passar o tempo. Elas passam o dia fazendo amizade com outras pessoas que estão na fila - conversando, lendo, cantando, orando e esperando a hora de as portas se abrirem.

Por volta do meio-dia, as filas estão consideravelmente grandes, e a maioria das pessoas sabe quais são as expectativas daqueles que estão a sua volta - eles estão esperando milagres.

Lá dentro, cerca de setenta e cinco voluntários (de uma lista principal de quase duzentos fiéis) estão a postos. São profissionais de todas as partes do país que, as suas próprias custas, participam de nossas cruzadas mensais. Os voluntários de sempre coordenam as atividades de centenas de pessoas locais que aparecem para ajudar - desde uma multidão de porteiros àqueles que ajudarão a equipe na ministração de cura.

Quando as portas finalmente se abrem e as pessoas correm para pegar seus lugares, o murmúrio de vozes cria um ruído agitado por todo o local. O coral da cruzada já está no lugar e, quando os coristas começar a ensaiar, muitos espectadores cantam junto com eles. A atmosfera parece cheia de emoção, e a unção da presença de Deus já começa a descer.

No nível principal, os obreiros da equipe de ministração encorajam os doentes e compartilham testemunhos de cura. Enquanto o coral continua a ensaiar, os lugares se enchem rapidamente. Obreiros voluntários correm para cá e para lá por todo o estádio, cuidando dos últimos preparativos para o culto.

Às 19 horas, as luzes escurecem e o ruído de vozes se transforma em um verdadeiro silêncio enquanto a voz do apresentador dá as boas-vindas às milhares de pessoas que se reuniram para o culto de milagres. Luzes azuis lentamente contornam a silhueta de Bruce Hughes, sentado a um piano Steinway de quase 2,80 metros, tocando um hino clássico antigo com perfeição artística. Um último arpejo nas teclas sinaliza o fim do solo.

Aplausos calorosos recebem Jim Cernero, nosso diretor musical, enquanto ele ocupa seu lugar diante do coral de mil vozes. Enquanto eles cantam, a força aumenta, e logo as pessoas se põem em pé por todo o estádio quando o coral começa: "Então minha alma canta a ti, Senhor/ Grandioso és Tu! Grandioso és Tu!"

As milhares de pessoas que enchem o estádio são levadas a um lugar de glorioso louvor e adoração.

Não posso começar a descrever o que estou sentindo quando subo ao púlpito naquele momento e continuo a conduzir o público em adoração. Tudo por que orei - tudo aquilo para que Deus preparou a minha vida - parece absorto naquele momento. E eu sei que o Espírito Santo está para descer com grande poder!

Steve Brock e outros solistas especiais cantam os clássicos das cruzadas e o amor de Deus se torna quase tangível. No rosto de muitos vêem-se os sinais de lágrimas enquanto pessoas de diversas origens se deleitam na presença de Deus. As expressões no rosto delas revelam para qualquer observador que Jesus Cristo é real, que as ama e está presente para tocá-las e suprir suas necessidades.

Em um determinado momento do culto, faço um apelo: "Se vocês quiserem entregar seus corações para Jesus Cristo, se quiserem conhecê-lo como seu Salvador e Senhor, venham à frente do púlpito para que eu possa orar por vocês." Fico deslumbrado toda vez que vejo as pessoas correndo à frente, enchendo todos os corredores. Enquanto o coral canta "Just As I Am" (Assim Como Eu Sou), milhares de pessoas



entregam sua vida para Jesus Cristo. Depois, enquanto elas voltam para seus lugares, muitas vezes começo a cantar uma bela canção de adoração e a multidão me acompanha.

## "OBRIGADO POR TUA MISERICÓRDIA!"

O tempo passa rápido e a adoração enche o estádio mais uma vez. O que parecia impossível para alguns há apenas algumas horas, agora é possível. O Deus de milagres se faz presente.

Muitas vezes eu me encho, de repente, de uma ardente presença que me envolve e começo a orar com autoridade, repreendendo a doença e a enfermidade. "Se Deus tocou em você, forme uma fila a minha esquerda e a minha direita," peço. Muitos já estão lá, ansiosos para testificar sobre o poder de cura de Deus em sua vida.

Ao lado do púlpito, um membro de nossa equipe de ministração de cura relata: "Pastor, esta senhora veio de Cincinnati, Ohio, crendo que Deus a curaria de câncer. Ela não tem mais dor!"

Naquele momento, tudo o que posso dizer é: "Querido Jesus, obrigado por tua misericórdia!" O público começa a bater palmas e a louvar em gratidão pelo que Deus fez.

Pessoas vêm, uma após a outra, para declarar que foram curadas pelo poder de Deus. Câncer, asma, doença cardíaca, diabetes, enfisema, alcoolismo, vício em drogas e mais.

O poder de Deus muitas vezes rebenta no estádio - e em todo o coração -, enquanto os espectadores se regozijam com cada pessoa que sobe ao púlpito para falar do toque de Deus sobre sua vida.

Quando a última música é cantada e a multidão começa a se dispersar e esvaziar o auditório, raramente tenho vontade de sair do púlpito. Os rostos estão radiantes, reluzentes, cheios de vida e alegria. É visível que eles experimentaram a presença de Deus de um modo que nunca imaginaram ser possível. Oro para que, por causa desta experiência, eles nunca sejam os mesmos novamente.

## CRUSADER I

Se você for atrás do palco de uma cruzada e passar por um corredor com cortinas pretas, encontrará o Crusader I - nossa unidade móvel de última geração para produção de programas de televisão. Este caminhão personalizado com quase quinze metros de comprimento contém equipamentos de alta qualidade para capturar em vídeo cada detalhe do que se vê no programa *This Is Your Day!*

Jeff Pittman, nosso produtor, é um dos melhores no ramo. Além disso, ele se sente chamado por Deus para ficar ao meu lado na propagação da mensagem do Evangelho. Passamos centenas de horas juntos em todas as partes do mundo, e sei da dedicação com a qual ele desempenha sua tarefa. O objetivo de Jeff é capturar

a unção nos cultos e suprir a necessidade de uma pessoa - quer seja um cristão que está desanimado, um alcoólatra que precisa de libertação, uma mãe cujo filho acabou de fugir de casa ou um marido cuja esposa simplesmente pegou os filhos e foi embora.

Trabalhando ao lado dele estão os diretores Truett Hancock e Gene Bailey - e a pessoa que anuncia o programa já há muito tempo, Keith Curtis.

Jeff e eu conversamos sobre cada aspecto do programa, desde uma música específica que usaremos ao testemunho de alguém que foi curado. E, antes de cada programa, oramos para que os telespectadores sejam tocados pelo poder de Deus.

Toda vez que recebo uma carta que me diz: "Fui salvo ao assistir ao programa" ou "Fui curado por meio de seu ministério de televisão," sei que isso não foi por acaso. Para nossa equipe de televisão, o trabalho deles é um ministério.

Recentemente, consagramos nosso estúdio World Media Center, em Aliso Viejo, na Califórnia. Nosso equipamento iguala-se ao de qualquer estúdio de televisão em Los Angeles ou Nova York - e tudo é para a glória de Deus.

Estou convencido de que devemos "[anunciar] paz às nações... até as extremidades da terra." (Zc 9.10). Meu objetivo é, de algum modo, alcançar com o Evangelho cada lar em todos os países. Estamos levando a mensagem de salvação e o poder de cura de Deus a cada nação que recebe a transmissão de nosso programa.

Muitos governos que há muito proibiam a mensagem cristã agora estão sendo alcançados via satélite.

Este exclusivo projeto televisivo faz parte do chamado de Deus para a minha vida.

## A MISSÃO DE MAX

Estacionado do lado de fora de cada estádio usado para as cruzadas, você verá inúmeros ônibus - ônibus usados por igrejas, ônibus escolares, ônibus fretados e ônibus de viagem. Para muitas pessoas, este, por si só, é um ministério.

Max Colver, de Indianápolis, envolveu-se no sentido de levar pessoas às nossas cruzadas quando ajudou sua mãe, já idosa, a sair de um estádio lotado em Chicago, após uma Cruzada de Milagres, em 1992. Enquanto eles viam as pessoas entrarem nos ônibus, Max percebeu que aqueles que vinham de ônibus já tinham um lugar garantido, antes do público geral. Foi o início de um ministério singular.

A primeira viagem que ele organizou foi para a nossa cruzada em Cincinnati alguns meses depois. E agora ele acompanhava mais de mil e duzentas pessoas a outras doze cruzadas. Além disso, Max abriu uma igreja em Indianápolis chamada Living Word (Palavra Viva). Ele diz: "Ela nasceu graças à unção que recebemos nas reuniões."

O pastor Colver e sua esposa concentram-se em tirar dos ombros dos idosos e doentes o peso de uma viagem, oferecendo segurança e conforto durante toda a experiência na cruzada.

Eles começam a planejar a viagem dois ou três meses antes de uma de nossas cruzadas. Então, ele aluga os ônibus e os quartos de hotel, e cobra cerca de cem dólares o pacote.

O que é importante para Max são os resultados. Ele nos disse que muitos que viajam de ônibus vêm esperando milagres. "Muitas pessoas

aleijadas estão na viagem, e muitos dentre o nosso pessoal são curados", ele diz. "A longa viagem de ônibus permite que uma atmosfera de fé seja criada. Ficamos concentrados," disse o pastor Max. "A primeira coisa que digo todas as manhãs é: 'Louvado seja Deus! Este é o seu dia para receber um milagre!'"

Eles até assistem a um vídeo de um de nossos cultos durante a viagem. E muitos milagres realmente acontecem durante as viagens de ônibus enquanto eles vão e voltam dos cultos de milagres. "Estávamos indo para Nashville e, na metade do caminho, ouvi um grito nos fundos do ônibus. Alguém havia sido curado," disse Max. "Enquanto voltávamos para Indianápolis, deixamos as pessoas darem seus testemunhos. E algumas são curadas a caminho de casa. É glorioso," ele diz.

## MÉDICOS NO MINISTÉRIO

Quando iniciamos nossa igreja em Orlando, entre nossos primeiros membros estavam Donald Colbert, Doutor em Medicina, e sua esposa, Mary. Don é um médico cheio do Espírito, de Longwood, na Flórida, que é meu médico pessoal e também nos ajuda nas cruzadas.

Temos médicos em nossas reuniões para examinar aqueles que dizem ter sido curados durante os cultos. O trabalho deles é muito importante para nós. Por causa de seu treinamento médico, os doutores que participam das cruzadas também podem realizar um exame superficial daqueles que foram tocados pelo poder de Deus. Eles ajudam a confirmar a cura de uma pessoa antes de a enviarem para o púlpito para dar um testemunho.

Por que os médicos voluntários participariam de uma Cruzada de Milagres? Neste caso, eles compartilham uma perspectiva singular sobre o poder milagroso de cura de Jesus.

A Dra. Sydel Barnes, outra médica de nossas cruzadas, tem sua clínica no interior da cidade de Tampa, na Flórida. Há vários anos, ela participou de uma de nossas cruzadas em Atlanta e disse: "Como médica, foi uma experiência que superou qualquer coisa que pensei que, alguma vez, veria". E acrescentou: "Lembro-me, sobretudo, de um garotinho com paralisia cerebral. Eu estava sentada lá no alto, em algum lugar da galeria, e estava olhando para ele. Enquanto alguém orava pela criança, vi o Espírito de Deus vir sobre ele. Ele começou a correr, quando antes não podia andar", ela disse. "Eu sabia que isto era algo que ia muito além do conhecimento e racionalização médica."

A Dra. Barnes ficou emocionada com o que testemunhou na reunião. Ela começou a orar: "Senhor, quero ser como um dos discípulos que andaram com Jesus. Quero ser parte destes milagres."

Ela reserva um tempo em sua agenda cheia para ser voluntária em grande parte de nossas cruzadas.

O Dr. Daniel Gorduek começou a ajudar em nossas reuniões depois que foi milagrosamente curado de câncer, em uma de nossas cruzadas em Porto Rico. Em 1996, ele recebeu o diagnóstico de um câncer de próstata de um tipo agressivo que havia se espalhado para os ossos. Não lhe foi dada esperança de vida. Hoje, ele está livre do câncer

e investe seu tempo como médico voluntário nas cruzadas.

Voluntários - equipes de televisão - ministérios com ônibus - médicos nas cruzadas - são membros importantes de uma equipe que se dedica a alcançar o mundo para Cristo.

## **CAPÍTULO 19**

### **A MAIOR DÁDIVA**

Já era tarde da noite e eu estava relaxando, sentado em uma confortável cadeira com meu filho, Joshua, esparramado em meu colo. Naquela mesma tarde, eu havia chegado de viagem de uma cruzada na West Coast, e meu filho, que estava com quase 5 anos na época, ficou um tanto entusiasmado por ver o pai.

No corredor, pude ouvir os sons familiares de agitação de Jessica e Natasha se preparando para ir para a cama. Eleasha, nossa filha

caçula, já estava dormindo.

Quando a casa ficou em silêncio, Joshua se aconchegou ainda mais em mim. Quando dei uma olhada para baixo, notei que ele havia dormido em meus braços. Ele parecia tão sereno acomodado ali - quase angelical. Eu estava sentado em silêncio, acariciando seus cabelos castanhos, curtindo o momento. Pensei: *Que presente maravilhoso do Senhor.*

Deus havia permitido que eu atravessasse o mundo, conhecesse líderes ilustres de muitas nações e fizesse muitas coisas, contudo, estas experiências perdiam o brilho quando comparadas aos momentos preciosos que eu passava com meus filhos. Como pai, não há nada que eu não faça por Jessica, Natasha, Joshua e Eleasha. Eu os amo.

Cada um de meus filhos é especial, e Deus fez deles indivíduos únicos.

## JESSICA

Jessica, nossa filha mais velha, transformou-se em uma jovem alta, formosa e confiante. Às vezes eu a provoco dizendo que ela se parece comigo, e ela logo responde, piscando seus olhos escuros: "Lembre-se que também sou inglesa, como mamãe!"

E óbvio que há uma certa pressão sobre nossos filhos por causa da notoriedade de nosso ministério, mas isso não parece incomodá-los muito. Quando Jessica estava cursando o segundo ano do Colégio Lake Mary, ela foi o tema central de um artigo do *Orlando Sentinel*. Ela disse ao repórter: "Para mim, não é como se eu vivesse com alguém famoso. Ele é apenas meu pai." E acrescentou: "Meu pai e eu somos muito próximos. Somos exatamente iguais."

Quando Jessica completou 16 anos, eu lhe dei um celular. Havia um motivo para o meu presente. Como ela disse para uma amiga: "É surpreendente. Independentemente de onde meu pai esteja neste mundo, ele sempre sabe a hora em que devo estar em casa e, por isso, sei que o telefone vai tocar. Sem sombra de dúvida, é meu pai."

Obrigado Deus pela tecnologia moderna!

Suzanne e eu ficamos emocionados em ver a força de caráter de Jessica e sua grande compaixão pelos outros.

## NATASHA

Natasha, nossa segunda filha, enche a nossa casa de alegria e entusiasmo - ela está sempre fervendo. Por escolha, ela não chama a atenção para si publicamente, falando o mínimo possível. Em particular, no entanto, ela não se contém muito! No momento em que entro em casa, sempre posso contar com ela para me dar uma opinião ou me dizer exatamente o que se passa em sua cabeça.

"Tasha", como a chamamos, é extremamente autodisciplinada. Ela é a única que chega da escola e cuida de sua lição de casa imediatamente - terminando todos os seus deveres antes de qualquer atividade de lazer.

Desde os primeiros anos da infância, Natasha tinha uma paixão

por missões, e falava sobre crianças que gostaria de ajudar em outros países. Ela aproveitou a oportunidade de viajar para Zâmbia e México - não para participar de nossas cruzadas, mas para trabalhar e ministrar com outros jovens em passeios organizados pela igreja que meu irmão Sammy pastoreia em Orlando.

## JOSHUA

Joshua? Bem, ele é um rapazinho. Mencione qualquer esporte e ele já está pronto para praticá-lo - basquete, futebol, caratê e, principalmente, hóquei. Fiquei impressionado a primeira vez que o vi correndo pelo piso de um ginásio enquanto jogava hóquei sobre patins.

Meu Joshua é sempre cheio de surpresas e eu nunca tenho muita certeza quanto ao que esperar. Ele definitivamente não fica acanhado quando o convido para juntar-se a mim no púlpito. Desde que tinha 3 ou 4 anos, ele aproveitava a chance de agarrar o microfone para dizer "olá" ou para cantar uma música. O "olá" é, de longe, o mais previsível. Lembro-me de levá-lo ao púlpito em uma cruzada no mês de dezembro e ele quer cantar uma música de Natal. "O que você gostaria de cantar?", eu lhe perguntei.

"Dashing Through the Snow" (Lançando-me na Neve), ele respondeu.

Como era uma Cruzada de Milagres, eu esperava que ele, pelo menos, escolhesse: "Silent Night" (Noite Feliz) ou "Away in a Manger" (Lá longe em uma Manjedoura). Não. Ele quis cantar "Dashing Through the Snow", e foi exatamente isso que as pessoas ouviram naquela noite!

Meu coração está cheio de expectativa com relação ao futuro de Joshua.

## ELEASHA

Nossa filha caçula é Eleasha, o "xodó" da família, mas ela está crescendo muito rápido. Que amor ela é - uma criança tão tranqüila e uma alegria que temos por perto. Minha esposa, Suzanne, e eu dificilmente nos lembramos de alguma vez em que ela chorou por alguma razão. Independentemente das circunstâncias, podemos confiar que Eleasha será feliz.

Desde os primeiros anos de infância, quando era hora de ir para a cama, ela se deitava, fechava os olhos e dormia. Sem protestos, sem choro, sem demora. Apenas um "boa-noite."

Ela está contente quer esteja brincando sozinha ou com outras crianças - isso parece fazer pouca diferença. Muitas noites, olho e a encontro em seu quarto, entretida em um livro ou fazendo um desenho.

Eleasha é a mesma coisa quando está em casa, fazendo aulas de bale, participando de uma aula de caratê ou cantando no púlpito com seu irmão, Joshua. Ela ama tudo - principalmente seu irmão. Eles são inseparáveis.

## ABRAÇOS, BEIJOS E CARTÕES

Alguém recentemente me perguntou: "Qual foi o melhor presente de Natal que você já recebeu de seus filhos?"

Não precisei pensar muito para responder. Todo Natal e em nosso aniversário, Suzanne e eu recebemos um cartão especial de cada um de nossos filhos. A mensagem não é algo que eles compraram em uma loja, mas palavras que escreveram com o coração. Mais de uma vez, enxuguei uma lágrima de meu olho ao ler: "Feliz Natal para o melhor pai de todo o mundo" ou "Eu amo você em seu aniversário e em todos os dias do ano."

Abraços, beijos e cartões - estes são os presentes que sempre terão valor para mim.

Algumas pessoas se surpreendem quando passam, pela primeira vez, tempo com nossos filhos. Um amigo pastor comentou: "Estou chocado. Eles são tão *normais* - tão práticos."

Sorri e perguntei: "Não é assim que eles deveriam ser?" Eles são crianças normais e ativas, cada um com um temperamento único. Joshua e Jessica são mais enérgicos e impetuosos, enquanto Natasha e Eleasha têm uma personalidade calma e passiva. Agradecemos a Deus por todos eles serem crianças amorosas.

## DECISÕES, DECISÕES

Suzanne e eu tomamos uma decisão, logo no início de nosso casamento, de que, quando nos tornássemos pais, daríamos a nossos filhos o amor, a segurança e a disciplina de que eles precisassem, mas não os isolariamos do mundo real. Por exemplo, em casos de notas baixas, nossos filhos foram para escolas cristãs particulares. No colégio, no entanto, Jessica e Natasha freqüentaram escolas públicas - e sua fé e compromisso cristão continuaram fortes. Ficamos, sobretudo, satisfeitos com a aceitação que nossos filhos receberam em escolas públicas.

Oh, houve momentos em que outras crianças os insultaram -por exemplo, rindo de pessoas que caíam sob o poder de Deus. É interessante notar, no entanto, que estas coisas aconteciam em uma instituição cristã, e não em uma escola pública.

Nossos filhos não são perfeitos. Como jovens, eles passam pelos conflitos normais da adolescência. Mas Deus tem sido fiel e nós temos muito orgulho do modo como eles conduzem a sua vida.

Como pais, temos tentado dar diretrizes aos nossos filhos e deixar que eles sejam crianças; que aprendam com os seus erros e que cresçam sozinhos. Suzanne cresceu sendo a "FP" - a "filha do pastor" - e sua mãe lhe dizia: "Não espero que você seja a melhor criança da igreja, mas, por favor, não seja a pior." Temos educado nossos filhos com a mesma filosofia.

Um dos grandes dilemas que tenho enfrentado é tentar obedecer ao chamado de Deus para a minha vida no sentido de um ministério mundial e ser um marido e pai responsável.

Houve muitas noites de insônia em que Suzanne se sentiu como

se estivesse educando sozinha os filhos - e, às vezes, quase desmoronou sob o peso do fardo. Mais de uma vez, ela se firmou na promessa da Palavra de que Deus "seria um marido para mim e um pai para meus filhos." O Senhor nunca falhou.

Antes, falei sobre o tempo em que Suzanne e eu éramos recém-casados e que ela viajava comigo para todas as nossas reuniões. Ela é uma mulher de oração e obedece à voz do Senhor.

Quando Jessica nasceu, Suzanne disse: "Benny, sei que você quer que eu esteja ao seu lado nas reuniões, mas sinto que Deus precisa de mim aqui - em casa, dando à Jessica toda a minha atenção." Ela aceitou aquilo como um chamado. Depois vieram Natasha, Joshua e Eleasha, e ela nunca vacilou em sua convicção de ser uma âncora forte para nossa família. Agradeço a Deus todos os dias por Ele ter coberto de bênçãos Suzanne e nosso lar.

Agora, com nossos filhos mais velhos se tornando jovens adultos, Suzanne está ficando mais envolvida com nosso ministério público, mas ainda acredita que os nossos filhos e eu somos suas prioridades. Como ela muitas vezes comenta: "O ministério começa em casa."

## ACONTECEU NO "THE POND"

Eu jamais poderia começar a contar as horas que passamos de joelhos em oração por nossos filhos.

"Senhor, eu lhe entrego Jessica", eu orava. "Protege-a do mal. Que ela sempre te ame."

"E agora Natasha, Senhor. Segura-a em teus braços de amor e nunca a soltes."

Depois eu orava por Joshua. "Deus, que ele se torne um homem de justiça - e um guerreiro forte para ti."

"E Eleasha, Senhor. Entrego esta bela criança aos teus cuidados. Nunca deixes que ela se desvie de ti."

Ao longo dos anos que se passaram tão rapidamente, pus-me em pé nos púlpitos pelo mundo e fiz a oração da fé por milhões de pessoas. De Cingapura à África do Sul, famílias inteiras receberam a unção de Deus e foram tocadas por Seu poder. Mas, e a minha própria família? E os meus filhos? Orei para que eles, também, experimentassem a realidade do Espírito Santo. Em uma tenra idade, eles pediram ao Senhor que entrasse no coração deles, mas eu queria que experimentassem tudo que Deus tinha para eles.

Em 8 de outubro de 1998, estávamos realizando um culto de milagres em um estádio conhecido como "The Pond", em Anaheim, na Califórnia. Eu já havia realizado reuniões no sul da Califórnia muitas vezes, mas, naquela noite, o Espírito de Deus foi como um fogo - as pessoas podiam sentir a unção se espalhando por todo o estádio.

Olhei para a primeira fila e lá estavam Suzanne e nossos quatro filhos lindos, que haviam viajado de Orlando para estarem comigo. Enquanto as pessoas estavam adorando a Deus no Espírito, eu estava orando: "Senhor, toca em meus filhos nesta noite. Que eles conheçam o teu grande poder."

Foi nesta época que Jessica, no início de seu penúltimo ano no



colégio, estava passando por aqueles ajustes típicos da adolescência, e nós, como pais, estávamos preocupados.

Naquela noite, senti-me compelido a pedir que meus filhos subissem ao púlpito - eu iria apresentá-los ao público. No entanto, Deus tinha algo mais em mente. No momento em que eles se aproximaram do centro do palco, a unção foi tão forte que, quando me voltei para eles, meus quatro filhos caíram no chão. Lá estavam Jessica, Natasha, Joshua e Eleasha, arrebatados no Espírito pelo poder de Deus. Foi uma bela visão, e comecei a chorar diante do Senhor. Quando algo deste tipo acontece com seus próprios filhos, a sensação é incrível.

Deus fez uma obra maravilhosa naquela noite. Quando eles voltaram para Orlando, seu testemunho cristão se revestiu de uma ousadia que nunca havíamos visto - e os efeitos daquela reunião ainda são visíveis.

A história de meus filhos ainda será escrita. Só posso orar para que cada capítulo seja cheio de fé, esperança e amor.

## **CAPÍTULO 20**

### **UMA MILAGROSA PROFECIA SE CUMPRIU**

No final da década de 70, ministrei em Dallas, no Texas, no instituto de treinamento ministerial, Christ for the Nations (Cristo para as Nações). Deixei o púlpito com a diretora do ministério, a Sra. Frieda Lindsay, uma maravilhosa amiga e esposa do fundador do CFN, Gordon Lindsay, já falecido. Ao meu lado, notei que um senhor grisalho estava

nos seguindo.

"Jovem! Jovem!", ele disse, com uma voz forte e enérgica.

Quando olhei para trás, o homem começou a profetizar: 'Assim diz o Senhor', ele disse. "Chegará o dia em que você pregará o meu Evangelho no mundo árabe."

Olhei para a Sra. Lindsay e, calmamente, comentei: "Este homem está louco!"

Ela não respondeu, e eu continuei: "Não há como eu ter permissão para entrar e pregar no mundo árabe - nem que eu quisesse. Meu passaporte diz: 'Nascido em Israel.'"

A Sra. Lindsay virou-se para mim e, com um olhar no rosto de quem sabe das coisas, disse: "Este homem nunca errou", e não pensou mais no incidente.

## PERDENDO O AVIÃO

Pouco tempo depois, eu estava no aeroporto em Ottawa, no Canadá, com Harald Bredesen, que estava para pegar um avião para outra cidade.

Bredesen é um dos servos escolhidos de Deus - um ex-ministro luterano que inventou a expressão "renovação carismática."

Estávamos no restaurante do aeroporto e a garçonete havia acabado de anotar nosso pedido. Perguntei para Harald: "A que horas seu avião sairá?" Ele olhou para o seu relógio e percebeu que o vôo sairia em dez minutos. Pegamos suas duas malas grandes e fomos direto para o portão - e acabamos por ouvir: "O senhor terá de ir ao guichê principal para fazer o *check-in*."

Feito isso, Harald correu para pegar seu avião. Quase na metade das escadas, ele parou, virou-se e anunciou: "Mas, Benny, não terminei minha conversa com você." Então, ele calmamente desceu para a pista de decolagem.

Ele passeou pelo terminal - como se tivesse todo o tempo do mundo. Harald então colocou as mãos nos meus ombros e começou a conversar: "Benny, Deus me deu uma palavra para você."

"Estou pronto para recebê-la", respondi, curioso.

"Deus me disse que Ele vai usá-lo para alcançar o mundo árabe - começando com os chefes de estado." E acrescentou: "Você vai pregar para todo o Oriente Médio."

Olhei pela janela a tempo de ver o avião de Harald decolando - com sua bagagem a bordo. Aquilo não pareceu perturbá-lo de modo algum. "Oh, não se preocupe", ele disse e sorriu. "Pegarei o próximo vôo. Eu simplesmente senti que você precisava ouvir isto."

Alguns meses depois, em 27 de março de 1979, a manchete do *Jerusalém Post* dizia: "Israel e Egito Assinam Tratado de Paz Declarando Fim do Estado de Guerra de Trinta Anos." Foi o único tratado de paz de Israel com um estado árabe vizinho e um cumprimento de Isaías 19.

## ESTÁ NO MEU SANGUE

Muitas vezes perguntaram-me: "Benny, quais são os seus

sonhos? Quais são os seus objetivos? Se houvesse alguma coisa que você pudesse realizar que tivesse um significado especial, o que seria?"

Desde o meu chamado para o ministério, eu tinha um desejo ardente de levar a mensagem de Jesus Cristo e o poder do Espírito Santo a minha terra natal - e às nações do Oriente Médio. Embora distante de suas praias, ainda posso sentir a areia do Mediterrâneo debaixo de meus pés. Jaffa ainda está no meu sangue e, toda semana, reservo um tempo para ler a edição internacional *do jerusalem Post*.

Durante várias semanas pouco comuns, a profecia entregue pelo senhor em Dallas e por Harald Bredesen começou a clarear.

Por meio da Voice of Hope (Voz da Esperança) - uma emissora de televisão fundada por George Otis no Líbano, e agora propriedade da CBN e operada por ela - e por meio do satélite, nosso ministério havia desenvolvido uma audiência grande e leal em Israel e em vários países árabes vizinhos. Recebemos cartas de telespectadores da Síria, da Jordânia e do Egito, dizendo: "Minha vida foi transformada."

Turistas que ficam nos hotéis de Jerusalém assistem ao programa *This Is Your Day* pela televisão a cabo - e o programa é visto em lares por todo o país. Conseqüentemente, quando tenho reuniões em Israel, milhares de pessoas aparecem para ver o poder de Deus.

Creio que seja providencial o fato de eu ter nascido na terra da Bíblia. Tanto no mundo judeu como no árabe, somos recebidos de braços abertos pelo povo e por muitos governos.

Adoro quando as pessoas da região vêem minha pele bronzeada e dizem: "Você parece um de nós." Tenho orgulho deste fato.

## UM CONVITE REAL

Em 1997, tive a honra de conhecer pessoalmente a Sua Majestade, o rei Hussein da Jordânia. Nossa conversa concentrou-se no processo e perspectivas de paz no Oriente Médio e na paixão de seu coração - o cuidado e bem-estar dos filhos de seu país.

Mais tarde, veríamos em primeira mão o compromisso que o rei Hussein assumiu com os órfãos de seu país.

Tanto o rei como seu primogênito, o príncipe Abdullah (que agora é seu sucessor), elogiaram nossa audiência na televisão e estenderam um convite pessoal para que visitássemos a Jordânia.

Por duas décadas, levávamos milhares de parceiros e amigos conosco para Israel - enchendo seis Boeings 747 em uma viagem. E agora estávamos sendo convidados para levar um grande grupo para a Jordânia.

O Ministro do Turismo daquele país foi a nossa cruzada em Nashville, no Tennessee, e se dirigiu ao nosso público com uma mensagem sobre a importância de árabes e judeus aprenderem a conviver com harmonia.

## DIAS AGITADOS EM AMÃ

Amã, na Jordânia, é bastante diferente da exuberante folhagem

verde e do tempo muitas vezes quente e úmido de Orlando, na Flórida. Da janela de meu hotel, eu estava absorto no céu azul claro - não se via nem uma nuvem. O ar era seco como o de um deserto. Os dias eram quentes - e as noites traziam um pouco de alívio. Prédios baixos de reboco branco espalhavam-se em direção às colinas levemente onduladas à distância. A cor predominante era o marrom - em todas as suas diferentes nuances - que, de vez em quando, era quebrada pelos verdes empoeirados da vegetação rasteira.

O convite do rei Hussein para que fôssemos à sua nação e a permissão para que ministrássemos livremente agora eram uma realidade. Era setembro de 1998.

Mais de dois mil de nossos parceiros viajaram conosco para Israel, e a maioria estendeu a viagem a fim de incluir estes dias agitados na Jordânia. Esta é a terra pela qual Moisés, Elias, Eliseu e tantos personagens bíblicos andaram. Fomos levados por guias do governo ao Monte Nebo, o local de onde Deus mostrou a Moisés a terra prometida, pouco antes de sua morte, e ao lugar recém- descoberto de onde Elias ascendeu ao céu. Também visitamos o túmulo de Arão, perto da Petra histórica.

Fomos escoltados até uma antiga residência do rei Hussein -um belo palácio que ele pretendia transformar em um orfanato. Até sua morte, o rei estava em contato, quase que diariamente, com estas crianças carentes. Ele as conhecia pelo nome e se preocupava com o futuro delas.

Em Amã, nós nos encontramos com a princesa Rania (agora rainha da Jordânia) para presentearmos os necessitados do país com mil e duzentas caixas de suprimentos médicos e cirúrgicos e cerca de vinte mil e quinhentos quilos de mantimentos sortidos -incluindo farinha, feijão e batatas. A distribuição de alimentos foi um esforço conjunto entre nosso ministério e a LeSea, a contínua obra do falecido Dr. Lester Sumrall.

A princesa Rania coordenou a realização do evento por meio da família real e, pessoalmente, ajudou-nos na distribuição dos alimentos a muitos jordanianos desprivilegiados.

## A ORLA DAS SUAS VESTES

"Providenciamos para você o Palácio da Cultura," um oficial do governo me informou. O prédio com quatro mil lugares é o maior auditório em Amã - um impressionante centro de reuniões reservado para eventos e convidados especiais. Agora ele estava sendo aberto ao público para a nossa reunião. Disseram-me que a importância dada a este convite não poderia ser exagerada.

Foi incrível. Quando criança em Jaffa, nunca imaginei, nem por um segundo, que pisaria em um país árabe. E agora eu me encontrava na capital da Jordânia, pregando não só como convidado do governo, mas protegido por soldados do país. Surpreendente!

O local ficou lotado, e os oficiais de Sua Majestade estavam lá para receber nossa equipe no país. Por causa de nossa projeção pela televisão na região, pessoas vieram de vários países árabes -Líbano,

Egito, Síria e Iraque.

Ainda consigo falar em árabe o suficiente para me comunicar, mas, para este culto, usamos um intérprete para que eu pudesse estar livre para ministrar, como faço por todo o mundo. Minha mensagem naquela noite foi sobre a mulher que tocou na orla das vestes de Jesus, e eu disse às pessoas: "Se estenderem a mão e tocarem nele, vocês também poderão ser salvos e curados."

Nos rostos por aquele auditório, eu podia ver uma fome da Palavra de Deus. Então, quando levamos as pessoas ao louvor e à adoração, os milagres começaram a acontecer e as pessoas testemunharam o que Deus estava fazendo.

Não mudei minha mensagem simplesmente porque eu estava em outra cultura. Sem hesitar, pedi às pessoas que convidassem Cristo para entrar em seu coração - para se tornar seu Salvador pessoal. De todas as partes daquele local, elas vieram correndo à frente. Eu mal podia acreditar no que estava vendo. Pensei comigo mesmo: *Estou realmente pregando o Evangelho em um país árabe? Isto realmente está acontecendo?*

Pedi às pessoas que repetissem em árabe o que eu estava dizendo: "Senhor Jesus, sou um pecador. Perdoa meus pecados. Entra no meu coração. Dou-te a minha vida. Eu te entrego tudo. Lava-me com teu sangue. Faze-me limpo, querido Jesus. Enche-me do teu Espírito. Vem e toca a minha vida neste momento. Amém."

O Senhor permitiu-me voltar para esta terra assolada pela guerra e passar por portas que somente Ele poderia abrir.

O cronograma de Deus para o Oriente Médio ainda está se revelando. Pelos convites que continuamos a receber dos líderes do governo na região, creio que nações inteiras vão conhecer o Príncipe da Paz.

Enquanto escrevo este livro, o Senhor já abriu as portas para eu ministrar em oito países árabes.

A jornada apenas começou.

## **CAPÍTULO 21**

### **UM TOQUE QUE TRANSFORMA**

Em 1972, quase simultaneamente à minha conversão, Deus me disse que eu pregaria o evangelho e levaria as pessoas à cruz de seu querido Filho - que era minha principal responsabilidade.

Agora, depois de vinte e cinco anos de ministério, estou dando,

mais do que nunca, mais atenção ao ministério de ganhar almas. Embora eu sempre tenha me concentrado na mensagem de salvação, o Senhor me convenceu da necessidade de uma ênfase ainda maior. A colheita mais incrível de almas que já vi aconteceu quando levamos nossa equipe para Trinidad, Jamaica, Nova Guiné, Hungria, Ucrânia e Guiana.

Viajamos para Papua Nova Guiné, atendendo ao convite oficial do primeiro-ministro, Bill Skate, que, pessoalmente, pediu que eu fosse ministrar à nação. Que momento glorioso! Mais de trezentas mil pessoas participavam dos cultos diariamente. Fui convidado para ministrar em um café da manhã com oração, especial, com o parlamento e orar pela liderança da nação. A primeira página do jornal do país destacava a cruzada sob a manchete "O Poder da Fé."

É impossível descrever como me senti quando o primeiro-ministro Skate se pôs diante do grande público e declarou: "O primeiro-ministro deste país não é outra pessoa senão Jesus Cristo!"

O mais importante foi que *uma nação inteira foi tocada feio grande poder do Espírito Santo*. Eu ainda estou louvando a Deus.

Algumas semanas depois, na Jamaica, mais de duzentas mil pessoas participaram de um culto - oficiais do governo disseram-nos que aquela foi a maior multidão já reunida na história do país. Depois, em Kiev, na Ucrânia, quando fiz o convite às almas, as pessoas vieram correndo à frente, de todas as partes do estádio de futebol lotado - incluindo algumas que haviam assistido ao culto inteiro empoleiradas nos galhos das árvores. Elas eram como o Zaqueu dos tempos antigos, que desceu de um sicômoro em Jerico para conhecer Jesus.

Louvei a Deus e disse: "Obrigado, Senhor, pelo maior derramar nestes vinte e cinco anos de ministério."

Só nestas cruzadas internacionais, mais de trezentas e cinquenta mil pessoas aceitaram publicamente Cristo como seu Salvador - e ainda mais por meio de nosso programa de televisão diário, *This h Yjur Day*, e nas cruzadas pelos Estados Unidos. E, mais uma vez, ao nosso maravilhoso Senhor Jesus pertence toda a glória.

## DE TODAS AS FORMAS

Em 4 de dezembro de 1998, cercado dos pioneiros de programas de televisão cristãos e famosos ministros de todas as partes do mundo, consagramos nosso novo World Media Center, em Aliso Viejo, na Califórnia. Deste estúdio de última geração e centro de produções, podemos expandir nosso projeto de televisão global.

Por que estou tão empenhado em alcançar os perdidos usando todos os meios possíveis? Jesus disse: "Este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim" (Mt 24.14).

Além da televisão e da palavra impressa, nossos parceiros pelo mundo permitiram-nos influenciar a vida dos necessitados -incluindo o auxílio a milhares de órfãos em uma base regular.

Agradeço todos os dias ao Senhor por nossos parceiros. Sem eles, estas coisas não seriam possíveis - e sei que, um dia, o próprio Senhor

recompensará cada um deles. Estas pessoas queridas têm ofertado como sacrifício - e continuam a ofertar - para ver almas salvas, corpos curados e multidões libertadas do poder do inimigo.

Quando comecei este ministério, depois da maravilhosa visitação que recebi do Senhor, eu me perguntava como Deus cumpriria a visão. Agora eu sei. Ele a está cumprindo por meio de seu maravilhoso povo. E para cada parceiro que está lendo este livro, digo do fundo do meu coração: "Obrigado! Obrigado! Obrigado!"

## UMA NOVA ERA

Expliquei anteriormente a importância da Caixa Postal 90 em Orlando. Na época, Deus falou ao meu coração e disse que aquele seria o nosso endereço na década de 90 - até 1999 -, mas que, depois disso, haveria uma mudança.

Durante aquela década, Deus abençoou grandemente nosso ministério, e nossa sede em Orlando estava a ponto de arrebentar. Obreiros espalhavam-se pelo complexo. E, depois de olhar para a situação, ficou claro que nós havíamos crescido mais do que a propriedade poderia comportar.

Estávamos diante da perspectiva de terceirizar partes de nosso ministério e transferir as pessoas para outros locais. Eu sabia que a permanência em nosso presente local sufocaria e talvez até impediria nosso crescimento. "Senhor, tu estás falando comigo?", perguntei.

Ao longo dos anos, Deus havia me dirigido com sinais que ora eram vermelhos, ora verdes - nunca amarelos. Sua direção sempre foi clara.

Três anos antes minha esposa, Suzanne, me surpreendeu quando me disse: "Benny, o Senhor falou comigo e disse que a sede do ministério de cura iria mudar-se para Dallas, no Texas."

"Dallas?", respondi, espantado. "Bom, se Deus realmente está falando com você, por favor, peça ao Senhor para falar comigo também." E encerrado o assunto.

Um ano depois, algo muito parecido aconteceu. O Senhor falou comigo sobre nossa família mudar-se para o sul da Califórnia, onde nosso estúdio de televisão e o ministério voltado para os meios de comunicação estão localizados. Quando compartilhei isto com Suzanne, ela disse: "Bom, se isto for importante, o Senhor falará com nós *dois*."

No verão de 1999, a direção de Deus ficou clara para Suzanne e para mim - os sinais ficaram verdes! Nossa família mudou-se para a Califórnia e nós anunciamos que a sede do ministério de cura estava se mudando para Dallas.

## A DECISÃO CERTA

Eu gostaria que você estivesse presente na reunião de nossa diretoria quando discutimos o que estava para acontecer. Nunca vi um surto tão grande de entusiasmo e criatividade. Houve também uma poderosa presença do Senhor quando renovamos nosso compromisso de alcançar o mundo para Cristo. Era óbvio que, para realizar o que

Deus nos havia chamado para fazer, esta era a decisão certa.

Nossos contadores, depois de uma considerável análise, concluíram: "Isto se chama boa administração. A mudança para Dallas poupará milhões de dólares nos próximos anos."

Esta localização central nos Estados Unidos, com seu grande aeroporto, cortará consideravelmente despesas com viagens e tornará o mundo mais acessível para o nosso pessoal. Além disso, a região metropolitana tem os recursos de que precisamos para expandir nosso projeto e utilizar a tecnologia em voga para tocar os perdidos e as pessoas feridas de todo o mundo.

Por um bom tempo contamos com os serviços de uma grande firma de contabilidade em Dallas. Agora, suas auditorias internas estarão a uma pequena distância, em vez de envolver vôos e hospedagens caras. Além disso, a firma que usamos para representar-nos legalmente tem sede em Dallas.

Estamos começando os próximos vinte e cinco anos do ministério com uma visão mais ampla do que qualquer oceano. Planos estão em andamento para um Centro de Cura Mundial e a Sede de Parceiros Internacionais. Foi projetado em um estilo arquitetônico do passado e finalizado com uma base de pedra semelhante àquelas encontradas na Terra Santa. Será de fato um belo cenário que inspirará a todos que vierem visitá-lo - um lugar de esperança e cura.

O Centro de Cura Mundial e a Sede de Parceiros Internacionais incluem:

Os *Jardins de Cura* - um lugar de especial beleza e tranquilidade onde a fé poderá ser fortalecida em meio a um cenário exuberante de árvores, plantas, lagos e riachos. Ao andar pelas trilhas do jardim, você ouvirá histórias bíblicas dos milagres do Antigo e do Novo Testamento em locais especiais, onde estátuas de bronze de tamanho natural retratarão esses eventos.

O *Rio de Cura* - correndo por todos os jardins e representando o rio de cura que flui do nosso Senhor. Será um lindo riacho que emana da Fonte de Cura. A medida que ele passar pelos jardins, haverá vários lugares para se sentar e desfrutar da presença do Senhor.

A *Fonte de Cura* - uma área onde as pessoas serão lembradas, por meio dos versículos bíblicos inscritos em cada fonte, do poder que Deus tem de operar milagres.

A *Catedral de Cura do Povo* - o cone no topo do telhado, a parte externa de pedra e os vi trais ajudarão a criar um ambiente inesquecível para os cultos especiais que serão realizados ali. O auditório e o interior lembrarão uma grande catedral que se vê na Europa. Além disso, haverá cabines especiais para oração e cura em áreas privadas da catedral destinadas ao ministério pessoal.

O *Centro de Parceiros Internacionais* — onde os visitantes poderão



ver os diversos projetos do ministério. Haverá monitores de vídeo por todo o interior e, com o uso de sistemas audiovisuais, as pessoas poderão ver e "fazer parte dos" cultos nas cruzadas e projetos internacionais.

O *Hall da Fé* - onde homenagearemos ministérios de milagres e evangelistas do passado e do presente. Será um legado vivo do poder de cura de Deus e dos grandes homens e mulheres que responderam ao seu chamado. Haverá também uma capela com animação que ministrará, sobretudo, na vida das crianças.

A *Torre da Oração de Cura* - um lugar onde a oração será oferecida durante vinte e quatro horas por dia, nos sete dias da semana. Este projeto estenderá o poder de cura e salvação às pessoas que telefonarem ou nos visitarem de todas as partes do mundo.

A *Chama da Cura Eterna* — ficará acesa durante vinte e quatro horas por dia, nos trezentos e sessenta e cinco dias do ano, lembrando-nos que o poder que Deus tem de operar milagres está sempre à nossa disposição.

Além disso, haverá um anfiteatro ao ar livre para eventos especiais, uma Biblioteca sobre Curas e muito mais.

O Centro de Cura Mundial e a Sede de Parceiros Internacionais vão ser lugares memoráveis, ungidos pelo Senhor para tocar vidas por todo o mundo. Serão os pontos centrais de nosso ministério e serão visitados por milhares de parceiros e visitantes de muitos países.

Tudo o que temos planejado para esta propriedade tem por pretensão um objetivo - deixar que o mundo saiba que ainda há alguém no céu que declara: "Eu sou o Senhor que te sara" (Êx 15.26) e que "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hb 13.8).

O novo centro complementar os locais de produção de programas de televisão na Califórnia e os escritórios de nosso ministério no Canadá, na Grã Bretanha, na Austrália e em outros países.

O mais importante é que aquilo que impedia o nosso crescimento foi removido. Assim como senti que eu estava na perfeita vontade de Deus ao estabelecer uma igreja em Orlando na década de 80, sinto a mesma convicção ao embarcarmos nesta nova aventura. Serei eternamente grato à congregação e à equipe da World Outreach Church - conhecida há muitos anos como Centro Cristão de Orlando. Seu amor para comigo e minha família não tem limites, e agradeço a Deus pelas vidas que foram tocadas porque respondemos ao chamado de Deus.

Aqueles de vocês que conhecem este ministério sabem que ele envolve inúmeros projetos em diversos lugares, mas tudo procede de um único chamado - *levar a mensagem do Evangelho de salvação e cura a toda nação da terra*.

## QUE JORNADA!

Houve muitos momentos especiais nestes vinte e cinco anos de

ministério - e recebi mais homenagens do que mereço. No entanto, nada tem mais sentido do que algo que me foi dito, certa noite, em um pequeno apartamento no segundo andar em Ramallah, Israel - do outro lado da rua onde meu falecido avô tinha sua lanchonete.

Amal, minha querida avó armênia, antes de passar desta vida, estava sentada ao meu lado no sofá de sua humilde casa. Vários de meus primos estavam reunidos a nossa volta. Esta senhora, que por tantos anos julgou ser impossível entender minha conversão espiritual, colocou suas mãos envelhecidas pelo tempo sobre as minhas e, calmamente, disse: "Benny, agora você é o patriarca de nossa família."

Aquelas são palavras que sempre respeitarei. É também uma responsabilidade que levo a sério.

Eu não fazia idéia da drástica transformação que estava para acontecer quando entrei naquela reunião de oração dirigida por alunos na Escola de Segundo Grau Georges Vanier, em Toronto, tantos anos atrás. Que jornada tem sido!

Vinte e cinco anos atrás, em 7 de dezembro de 1974, eu estava em pé no púlpito de uma igreja em Oshawa, Ontário. Naquela noite, Deus me tocou. Ele soltou minha língua e nunca deixei de falar ao mundo do Deus de amor e milagres a quem sirvo.

Na última semana, enquanto eu, mais uma vez, estava em pé no púlpito de uma cruzada, meus olhos se encheram de lágrimas quando pensei no quão longe Deus me levou. Do fundo do meu coração, cantei:

Ele me tocou,  
Oh, Ele me tocou.  
E, oh, a alegria que inunda a minha alma.  
Algo aconteceu, e agora eu sei.  
Ele me tocou e me fez completo."

Este não é o fim da história. Oro para que, se o Senhor tardar, os próximos vinte e cinco anos sejam melhores do que qualquer coisa que já imaginei - "Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera" (Ef 3.20). E oro para que a minha vida sempre glorifique o meu maravilhoso Senhor e Mestre, Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo. Amém!

---

\* "He Touched Me" (Ele me Tocou), letra e música de William J. Gaither. Copyright © 1963 William J. Gaither, Inc. Todos os direitos administrados por Gaither Copyright Management. Usado com permissão.